

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
SANDRA MAYUMI AMANUMA**

**A ILHA E O OUTRO LADO DA ILHA:
MITOS E SÍMBOLOS**

Juiz de Fora
2021

SANDRA MAYUMI AMANUMA

**A ILHA E O OUTRO LADO DA ILHA:
MITOS E SÍMBOLOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo Centro Universitário Academia - UniAcademia de Juiz de Fora, área de concentração: Literatura Brasileira. Linha de pesquisa: Literatura de Minas: o regional e o universal.

Orientadora: Prof^a. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes
Coorientador: Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva.

Juiz de Fora
2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca UniAcademia / UNIACADEMIA/JF

A484

Amanuma, Sandra Mayumi,

A ilha e o outro lado da ilha: mitos e símbolos / Sandra Mayumi Amanuma; orientadora Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes.- Juiz de Fora: 2021.

124 p.

Dissertação (Mestrado – Mestrado em Letras: Literatura brasileira) – Centro Universitário UniAcademia, 2021.

1. O menino da Ilha. 2. Os sete desafios no outro lado da ilha. 3. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira. 4. Odisseia. 5. Mitos e símbolos I. Mendes, Moema Rodrigues Brandão, orient. II. Título.

CDD: B869.1

AMANUMA, Sandra Mayumi. **A ilha e o outro lado da ilha**: mitos e símbolos. Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, do Centro Universitário Academia - UniAcademia de Juiz de Fora, área de concentração: Literatura Brasileira. Literatura de Minas: o regional e o universal, realizada no 1º semestre de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. ^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes
Centro Universitário Academia - (UniAcademia - JF/MG).



Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira
Centro Universitário Academia - (UniAcademia - JF/MG).



Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva
Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR/Campus Barbacena/MG).

Aprovada em 30/06/2021.

Dedico este trabalho aos meus pais, Toshio Amanuma (*in memoriam*) e Hanada Tamiko Amanuma pelo apoio em todas as iniciativas de minha vida.

Ao meu esposo, Paulo Roberto Soares de Oliveira pelo incentivo para o meu ingresso no Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia) de Juiz de Fora e pelo apoio durante o desenvolvimento da pesquisa.

Aos meus filhos, Felipe Toshio e Gustavo Kenji, por abdicarem do tempo para que eu pudesse me dedicar aos estudos.

Aos meus sogros, Paulo Soares e Maria da Conceição Soares, por estarem sempre ao meu lado.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos pela consideração dispensada à minha pessoa.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por sempre me guiar todos os dias na direção do bem.

À querida orientadora Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes que aceitou o desafio de orientar minha pesquisa, incentivando-me, direcionando-me nas leituras e na escrita da dissertação. Minha eterna gratidão e admiração.

Ao Prof. Dr. Anderson Luiz da Silva que gentilmente aceitou coorientar minha pesquisa, contribuindo com preciosíssimos conhecimentos para maior enriquecimento do texto.

Ao Prof. Dr. Édimo de Almeida Pereira pela participação e apoio nesta pesquisa.

À escritora, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, por sua generosidade, carinho e atenção dispensada à minha pesquisa. Muita gratidão.

Aos meus pais, pelo amor que sempre me dispensaram e por sempre apoiarem meus estudos.

Ao meu esposo, por estar ao meu lado todos os dias, lutando para vencer todos os obstáculos da vida.

Aos meus filhos, pela paciência e pela generosidade de compreender a ausência de minha companhia nesse período.

Aos meus irmãos, pela amizade de todos os dias.

Aos meus sogros, que sempre deram apoio em tudo que faço.

Aos meus familiares, por torcerem pelo meu sucesso por meio do seu apoio.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes em todos os momentos.

Ao Centro Universitário Academia (UniAcademia), pela oportunidade de realizar um antigo sonho: fazer o Mestrado em Letras.

Ao Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), que nos recebeu para que pudéssemos conhecer e pesquisar o Acervo da escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, objeto desta pesquisa.

Aos professores do Mestrado em Letras, que deram suporte para reflexões e aprofundamentos, abrindo caminhos para novos conhecimentos.

Aos colegas do Mestrado em Letras, que compartilharam dos bons momentos de troca de conhecimentos por meio das palavras de incentivo.

A todos que trabalham na Escola Municipal Professora Edith Merhey, em Juiz de Fora, Minas Gerais que compreenderam esse momento de aprofundamento e pesquisa.

A todos que passaram de certa maneira pela minha vida, deixando suas marcas, meus agradecimentos.

Falamos aqui, principalmente, de uma paixão pelo conhecimento, aliás, presente em toda a mitologia, sendo que aqui privilegiamos a Odisséia e a viagem de Ulisses, paixão que possibilita tanto analista como ao analisando ir em busca daquilo que ainda não surgiu ou que está perdido e esquecido na história do sujeito. Paixão por um objeto perdido, por um ideal, por um estado talvez apenas alucinado, mas assim mesmo, almejado (AZEVEDO, 2010, p.178).

RESUMO

AMANUMA, Sandra Mayumi. **A ilha e o outro lado da ilha**: mitos e símbolos. 118 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Letras). Centro Universitário Academia, Juiz de Fora, 2021.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as obras **O menino da ilha** (1991) vencedor do Concurso Nacional de Literatura Juvenil **João de Barro** no ano de 1990, e **Os sete desafios no outro lado da ilha** (2017). As duas narrativas que se complementam, são de autoria da escritora contemporânea Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, mineira de Maria da Fé, fato que permite inserir esta dissertação na linha de pesquisa Literatura de Minas: o regional e o universal, do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras, do Centro Universitário Academia (UniAcademia) em Juiz de Fora. A proposta desta investigação é pesquisar o mito do herói Ulisses, personagem da obra **Odisséia** (1979) de autoria de Homero em diálogo metafórico com Afonso e Mariana, personagens das duas obras oliveirianas que constituem uma releitura dos protagonistas da obra clássica, Ulisses e Penélope. Retratar e analisar também os símbolos metaforizados nas aventuras registradas nos dois romances sob o aporte teórico apresentado por Alain Gheerbrant, Ana Maria Andrade de Azevedo, Carl Yung, Ítalo Calvino, Jean Chevalier, Joseph Campbell, Mircea Eliade e outros que se fizerem necessários para sustentar a fundamentação teórica. As informações serão obtidas pela pesquisa avançada de forma exploratória, documental e qualitativa com registro, análise, classificação e interpretação de dados coletados.

Palavras-chave: O menino da Ilha. Os sete desafios no outro lado da ilha. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira. Odisseia. Mitos e símbolos.

ABSTRACT

The goal of this research is to analyze the works **O menino da ilha** (1991), winner of the 'João de Barro' National Youth Literature Contest in 1990, and **Os sete desafios do outro lado da ilha** (2017). The two complementary narratives are written by the contemporary writer Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, from Maria da Fé – Minas Gerais, fact that makes it possible to insert this dissertation in the 'Minas: the regional and the universal' literature line of research of the *Stricto sensu* program of post-graduation, Master's degree in Languages of the Centro Universitário Academia (UniAcademia) in Juiz de Fora. The purpose of this investigation is to research the myth of the hero Ulysses, a character of the **Odyssey** (1979), written by Homer, in a metaphoric dialog with Afonso and Mariana, characters of the two Oliveira works that constitute a reinterpretation of the protagonists of the classic book, Ulysses and Penelope. To also depict and analyze the metaphoric symbols on the adventures registered in the two romances under the theoretic inputs presented by Alain Gheerbrant, Ana Maria Andrade de Azevedo, Carl Yung, Ítalo Calvino, Jean Chevalier, Joseph Campbell, Mircea Eliade and others that have made themselves necessary to uphold the theoretical foundation of this dissertation. The information will be gathered through advanced exploratory, documentary and qualitative research with record, analysis, classification and interpretation of the collected data.

Keywords: The island boy. The seven challenges on the other side of the island. Maria de Lourdes Abreu de Oliveira. Odyssey. Myths and Symbols.

LISTA DE SIGLAS

AFEMIL	Academia Feminina Mineira de Letras
AHPJF	Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora
AJL	Academia Juizforana de Letras
CD	Disco Compacto – Memória Somente de Leitura
CEUB	Centro de Ensino Universitário de Brasília
CONSU	Conselho Universitário
DEM	Partido Democrata
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAFILE	Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora
FUNALFA	Fundação Alfredo Ferreira Lage
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor
FMC	Fundação Municipal de Cultura
MAMM	Museu de Arte Murilo Mendes
PUC MINAS	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC RIO	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
RPG	Role Playing Game
SL	Suplemento Literário
UBE	União Brasileira de Escritores
UFGO	Universidade Federal de Goiás
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza
UNIACADEMIA	Centro Universitário Academia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	UMA MINEIRA DE MARIA DA FÉ: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA	15
2.1	HOMENAGENS E PRÊMIOS.....	16
2.2	DESCORTINANDO O MUNDO DA FICÇÃO.....	22
3	A MITOLOGIA E SEUS SÍMBOLOS NA LITERATURA	
	INFANTOJUVENIL.....	36
3.1	MITO E MITOLOGIA: O PODER FIGURATIVO DA PALAVRA.....	37
3.2	SÍMBOLOS REPRESENTAM MITOS	44
3.3	FUNÇÃO SIMBOLIZANTE DA IMAGINAÇÃO.....	47
3.4	O DIREITO À LITERATURA.....	49
4	POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?.....	59
5	A ILHA E O OUTRO LADO DA ILHA: NAVEGANDO ENTRE MITOS E	
	SÍMBOLOS.....	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
	REFERÊNCIAS	82
	ANEXO: NAS TRILHAS DA ODISSEIA DE HOMERO.....	92

1 INTRODUÇÃO

O homem das sociedades nas quais o mito é uma coisa vivente, vive num mundo “aberto”, embora “cifrado” e misterioso. O mundo “fala” ao homem e, para compreender essa linguagem, basta-lhe conhecer os mitos e decifrar os símbolos. [...]. O mundo não é mais uma massa opaca de objetos arbitrariamente reunidos, em um Cosmo vivente, articulado e significativo. [...] o Mundo se revela enquanto linguagem. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos (ELIADE, 1972, p.101).

O encontro com a literatura, no Programa de Pós-graduação *Stricto sensu*, Mestrado em Letras do Centro Universitário Academia (UniAcademia) em Juiz de Fora, com área de concentração em Literatura Brasileira, gerou o interesse em aprofundar as pesquisas no universo literário até então denominado de literatura infantojuvenil. Esta escolha deveu-se, também, ao compromisso com a função exercida por esta pesquisadora, enquanto professora-educadora atuando na Educação Básica da rede pública no município de Juiz de Fora.

Ao identificar o gênero literário de interesse, surgiu a possibilidade de conhecer, por meio da pesquisa desenvolvida pela Prof^a. Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes, a obra de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

A mineira, de Maria da Fé, juizforana por adoção, destacou-se no cenário nacional e está sendo objeto de estudos acadêmicos. É uma voz que precisa ser reconhecida no cenário regional e universal como representante da memória sociocultural, cabendo aos pesquisadores estudarem e divulgarem o acervo dessa escritora que se destacou no campo da literatura por ter recebido importantes prêmios em vários estados do Brasil. Evidenciamos o Prêmio Bloch Nacional de Romance, Prêmio Cidade Belo Horizonte, Prêmio João de Barro de Literatura Infantojuvenil, Prêmio Petrobrás Nacional de Literatura (NEVES, 2016). Além da literatura infantojuvenil, publicou também contos, romances e novelas.

Entre as produções voltadas para o público infantojuvenil foram eleitos como *corpus* desta investigação dois romances: **O menino da ilha**, que conquistou o Prêmio João de Barro em 1990, alcançando visibilidade nacional que, segundo a escritora, foi um reconhecimento do valor literário da história que envolvia Mariana e Afonso. Esse fato a incentivou na escrita de outra obra, **Os sete desafios no outro lado da ilha**, envolvendo os mesmos protagonistas Mariana e Afonso em uma nova aventura de desencontros e encontros (OLIVEIRA, 2019).

No primeiro romance ficcional (1991), a escritora escolheu a Ilha da Trindade como palco dos acontecimentos onde se desenvolveu a trama da história de **O menino da ilha**, que envolve Afonso e seus pais a partir do momento em que foram morar neste local, devido ao ofício como faroleiro que o genitor exercia. O menino acompanhava os trabalhos paternos, o que propiciava a ele aprender a lidar com as tarefas exigidas por aquele inusitado lugar. Sua mãe cuidava de sua instrução, ensinava-o a ler e contava histórias ao menino. Uma delas chamava a atenção especial de Afonso: a **Odisseia**, de Homero, por causa do personagem Ulisses e sua bravura no mar. Certo dia, um bote ficou encalhado nas pedras da ilha, sendo logo visto por Afonso, que solicitou a ajuda de seu pai a fim de resgatar a balsa. Nesta pequena embarcação, estava Mariana, muito enfraquecida e com muita febre. Anteriormente, a menina estava em um navio, com seus pais, em uma viagem do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul a qual implicava uma promoção de seu pai, militar de carreira. Ele, ainda no navio, estava muito abalado com o sumiço da filha.

Mariana, resgatada por Afonso e seu pai, foi transportada para a residência dos mesmos. Ao chegar à casa de Afonso, ela recebeu os primeiros cuidados da mãe do menino e, após alguns dias, a menina estava totalmente recuperada, o que permitiu a mesma explorar a ilha com o amigo. Havia, naquele lugar, um espaço muito especial que o pequeno aventureiro apresentou à sua amiga: uma caverna. Muitos dias se passaram e Mariana estava descobrindo uma nova vida ao lado de seu novo amigo.

O pai de Afonso resolveu pedir a um marujo de um cargueiro, que supria a família de alimentos e de necessidades básicas de sobrevivência, que levasse a pequena Mariana ao encontro com seus pais que deveriam estar muito abalados com o sumiço da filha. Para que Afonso não presenciasse a partida de sua única amiga, seu pai pediu para que ele fosse a um outro canto da ilha pegar lenha e, assim que retornou, a menina já havia partido para o Rio de Janeiro.

Desolado, o pequeno aventureiro foi invadido pela tristeza que tomou seu coração, mas, em seus pensamentos, pegaria um navio e ultrapassaria as pedras para conhecer o outro lado da ilha, onde Mariana provavelmente estaria esperando por ele (OLIVEIRA, 1991), inaugurando uma intensa esperança de rever a amiga algum dia.

No segundo romance, **Os sete desafios no outro lado da ilha** (2017), Afonso, perto de seus dezoito anos, sabia manobrar muito bem um barco, conhecia o mar e tudo o que envolvia os trabalhos marítimos. Seu pai, entretanto, gostaria de que o jovem se formasse como sargento-faroleiro, ao servir o exército, vislumbrando a possibilidade de substituí-lo na ilha quando viesse a se aposentar.

O protagonista não esquecia Mariana que estava sempre em suas lembranças e, para reencontrá-la, planejava ir ao Rio de Janeiro e assim o fez. Acreditava que reencontraria a menina devido ao pacto que fizeram caso se separassem. No entanto, Afonso, como o personagem Ulisses da obra clássica **Odisseia** (1979), teria que superar vários desafios até conquistar o objetivo proposto: reencontrar a amiga. Os desafios foram se apresentando e Afonso foi superando cada obstáculo.

Certo dia, Afonso foi para o Rio de Janeiro e começou a trabalhar no Porto Marina da Glória, local onde aconteceria uma competição de canoagem da qual ele participaria devido à experiência adquirida com seu pai em saber lidar com ações que envolviam o mar. Era seu último desafio para conseguir chegar ao coração da jovem amiga. Para esta competição, chegou um grupo de jovens e, entre eles, coincidentemente estava Mariana. Dentre os competidores estava, também, um belo rapaz loiro e tatuado, de nome Ricardo, conhecido como canoísta do Peixe Dourado, amigo da jovem protagonista. Ele destacava-se e estava sendo cotado para vencer o torneio. Ao vê-lo, Afonso, conhecido como canoísta da Cruz de Malta, ficou inseguro, resolveu não se apresentar para Mariana e, segundo seu amigo Manuel, o jovem morador da ilha, precisaria da ajuda de **Ulisses** para vencer a grande competição.

A aproximação entre os personagens Afonso e Mariana com os personagens Ulisses e Penélope, da clássica **Odisseia** de Homero (1979) se faz presente na história da escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

O torneio de canoagem aconteceria em três modalidades e Afonso e Ricardo conquistaram os primeiros lugares, ficando para a última prova a decisão do torneio. Afonso, após a contagem dos pontos, foi declarado o grande campeão e dedicou a conquista à Mariana que logo foi ao pódio. O reencontro com sua amiga, enfim, aconteceu (OLIVEIRA, 2017), finalizando o segundo romance e esta parte da aventura.

Após a leitura das referidas obras oliveirianas, a certeza da escolha do *corpus* confirmou-se com a leitura da obra **O herói de mil faces**, de Campbell (1949), na qual o estudioso afirma que a principal função da mitologia e dos ritos é a de apresentar os símbolos que levam o ser humano a avançar, ultrapassando obstáculos em busca de seus sonhos, não permitindo a possibilidade de retrocesso a fim de alcançar sua busca como aconteceu com Afonso. Nas obras **O menino da ilha** (1991) e **Os sete desafios no outro lado da ilha** (2017), repletas de mitos e símbolos, há representação mitológica por meio do personagem principal e da ilha, que metaforizam Ulisses e seus obstáculos. Possuidor de todo conhecimento, inteligência, coragem, audácia e sensibilidade, Ulisses/Afonso é aquele que se vê desafiado por inúmeros obstáculos e é motivado a ultrapassá-los.

Quanto à ilha, o teórico Chevalier (2019) afirma que:

[a ilha é] um mundo em miniatura, uma imagem do cosmo completa e perfeita, pois que apresenta um valor sacral concentrado. [...] a ilha evoca o refúgio. A busca da ilha deserta, ou da ilha desconhecida, ou da ilha rica em surpresas, é um dos temas fundamentais da literatura, dos sonhos, dos desejos (CHEVALIER, 2019 p.502).

Em busca da relação entre as obras elencadas, a pesquisa foi realizada por meio do levantamento de dados na área geral da literatura, assim como na área específica da literatura de Minas, permitindo um bom conhecimento do tema e das abordagens de investigação. As informações foram obtidas por meio de pesquisa exploratória, bibliográfica, documental e qualitativa com registro, análise, classificação e interpretação de dados consultados em livros, artigos científicos, dissertações, teses e *sites*.

O referencial teórico que fundamentou esta pesquisa é constituído por Joseph Campbell, Mircea Eliade, Ernest Cassirer, Ana Maria Andrade de Azevedo, Adriana Monfardini, Carl Jung, Jean Chevalier, Massaud Moisés e Ítalo Calvino acrescido de outros teóricos que vieram a contribuir para a qualidade do texto dissertativo.

Em sua estrutura, esta dissertação está dividida em quatro seções e, logo após a **INTRODUÇÃO**, a seção 2, intitulada **UMA MINEIRA DE MARIA DA FÉ: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA**, rememora momentos marcantes da vida da escritora e está subdividida em duas subseções. A primeira traz as **HOMENAGENS E PRÊMIOS** que Maria de Lourdes recebeu como reconhecimento de sua produção

literária e a outra subseção, intitulada DESCORTINANDO O MUNDO DA FICÇÃO, elenca as principais publicações da escritora após o ano 2000.

A seção 3, **A MITOLOGIA E SEUS SÍMBOLOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL**, apresenta a base teórica que sustenta a pesquisa no que se refere aos conceitos de mito e símbolo, subdivida em 3.1, MITO E MITOLOGIA: O PODER FIGURATIVO DA PALAVRA e 3.2 SÍMBOLOS REPRESENTAM MITOS para, na sequência, discutirmos, na subseção 3.3, sobre A FUNÇÃO SIMOBLIZANTE DA IMAGINAÇÃO e na 3.4, sobre O DIREITO À LITERATURA, fechando, assim, estas considerações.

Na seção 4, **POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?** serão apresentados argumentos que defendem a importância da leitura dos clássicos na construção da personalidade do indivíduo-leitor por considerarmos o fato de que, por meio da primeira leitura das obras oliveirianas citadas, as mesmas trazem, na verdade, uma releitura do clássico diante de questões que levam a reflexões que se relacionam à vida, como é característico de obras clássicas. A partir dos símbolos e mitos, a releitura apresenta novos significados em razão das experiências de leitura adquiridas durante a trajetória do leitor em construção e de uma tradição literária que reporta aos universos cultural, social, existencial e emocional ofertado pela leitura dos clássicos. Na seção 5, intitulada, **A ILHA E O OUTRO LADO DA ILHA: NAVEGANDO ENTRE MITOS E SÍMBOLOS**, são analisados as imagens e os símbolos das obras **O menino da ilha**, e de **Os sete desafios no outro lado da ilha** de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira em consonância com a obra-referência de Homero. Na sequência serão apresentados as **CONSIDERAÇÕES FINAIS**, as **REFERÊNCIAS** e o **ANEXO**. Sobre o **ANEXO**, intitulado **Nas trilhas da Odisseia**, de Homero, apresentaremos um resumo da obra clássica de forma que o leitor conheça ou revise a narrativa.

2 UMA MINEIRA DE MARIA DA FÉ: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

A biobibliografia constitui a representação, muitas vezes em forma de relato, da vida de uma determinada personalidade, no desenrolar de sua existência, no seu crescimento e maturação, nos eventos que lhe deram peculiaridade e mesmo nos incidentes que conduziram ao desaparecimento dessa personalidade (REIS; LOPES, 2017, p. 48).

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira adotou a cidade de Juiz de Fora como local de sua residência até o presente momento, mas sua terra natal é Maria da Fé no sul de Minas. A escritora pormenoriza sua cidade como sendo “[...] a terra dos pêssegos mais bonitos do país e a única onde há oliveiras plantadas nas ruas” (OLIVEIRA apud MENDES; MACIEL 2013, p.29).

O deslocamento geográfico, segundo a escritora, sempre esteve presente no decorrer de sua história devido à carreira de seu pai como médico militar. Além da cidade de Juiz de Fora, Maria de Lourdes residiu em Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul e esse deslocamento ainda continua a existir, de acordo com relato realizado durante a entrevista concedida no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM - 2016), em Juiz de Fora, devido às suas constantes viagens. Esse deslocamento vivenciado é registrado na produção literária da autora (NEVES, 2016).

Prosseguindo a trajetória da escritora, sua família se estabelece em Juiz de Fora em 1946, fato que permite a Maria de Lourdes cursar o ginásio e o científico nesta cidade e, em 1956, diplomar-se bacharel em Letras Clássicas na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Fafile) (MENDES; MACIEL, 2013).

Ainda, em 1956, casa-se com Dr. Júlio Cruz de Oliveira, à época, professor de Odontologia Legal da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com quem teve dois filhos: Júlio César e Juliana Helena. Tornou-se avó de Rafaela e bisavó de Alice.

Maria de Lourdes inicia sua vida profissional em 1956, ministrando aulas de Língua Portuguesa para o Curso Ginásial e Técnico em Contabilidade no Ginásio e Colégio Comercial São Luís em Juiz de Fora, até 1961. Em 1960, foi contratada pela Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora. Ministrou aulas de Língua Portuguesa no Colégio Cristo Redentor em Juiz de Fora, em 1963 e no ano seguinte, principiou seus trabalhos, como professora, na área de Psicologia, no Instituto de Educação de Juiz de Fora permanecendo até 1966. Em 1995, aposentou-se na UFJF e é convidada para trabalhar no curso de Mestrado da mesma

Universidade. Em 1996, é contratada como professora visitante da UFJF e tem início o trabalho como Professora Titular e Coordenadora do Programa de Pós-graduação *Stricto sensu* (Mestrado em Letras) do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora¹ (MENDES; MACIEL, 2013, p. 31).

A escritora, nascida em 25 de outubro de 1934, filha de Maria Antonieta Ferraz de Abreu e de Abílio Lopes de Abreu, é uma voz que conquistou o cenário nacional devido ao seu talento na arte de escrever (MENDES; MACIEL, 2013), construindo um acervo literário de singular importância, cuja doação foi efetivada recentemente, em 28 de setembro de 2018. Nesta data, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira assina o termo oficial de doação ao MAMM, defendendo a ideia de que os livros não devem permanecer em estantes sem seus leitores: “Movimentar uma obra é conferir vida às histórias que ela tem para contar” (LIVROS PARA AMAR, 2017. Não paginado.).

A escritora tornou-se conhecida dos leitores, segundo José Afrânio Moreira Duarte,² por meio de diversas publicações em órgãos da imprensa (DUARTE, 1966), mas sua carreira literária floresceu devido à conquista de vários prêmios e homenagens ao longo de sua vida como escritora. Dentre os prêmios e homenagens recebidos, destacaremos os principais na próxima subseção.

2.1 HOMENAGENS E PRÊMIOS

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira iniciou sua carreira como escritora com a produção de contos, na maioria das vezes, premiados em concursos literários, seguidos de publicação. Além dos contos, os romances, as novelas e as crônicas também mereceram reconhecimento da crítica literária e, conseqüentemente, a sua devida divulgação.

No curso de sua produção, segundo a pesquisadora Moema Rodrigues Brandão Mendes, tutora e curadora da obra da referida escritora, Maria de Lourdes trouxe significativa contribuição para as Letras por meio da renovação literária no setor intelectual de Juiz de Fora, sendo reconhecida nacionalmente devido à

¹ Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora passa a Centro Universitário Academia - UniAcademia em 2020.

² Contista, poeta, crítico literário, membro da UBE (União Brasileira de Escritores), da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia Mineira de Letras (DUARTE, 2009. Não paginado).

premiação de seus contos em concursos literários (MENDES; MACIEL, 2013), um reconhecimento que faz jus à sua trajetória como escritora.

Segundo a pesquisadora reafirma no artigo Colar de contos premiados: um olhar crítico-genético,

A produção literária de Maria de Lourdes muito contribuiu para a renovação do setor intelectual de Juiz de Fora no que concerne a sua representação na literatura nacional, reconhecida na premiação de tantos contos em concursos rigorosos e extremamente bem representados (MENDES, 2012, p.177).

E acrescenta que estes prêmios são muito importantes haja vista que o conto é um gênero literário singular por apresentar como características a rapidez, despertando, por isso o encantamento do leitor.

A pesquisa adota como critério, tomando por base o registro das obras que foram publicadas entre os anos 2000 e 2020, as conquistas anteriores a essa data, que foram relacionadas pela pesquisadora Leila Rose Márie Batista da Silveira Maciel na dissertação intitulada **Leituras intertextuais em Corpo estranho, De olhos fechados e O menino da ilha**.

Maciel informa que dentre os prêmios conquistados, um deles foi o Prêmio Cidade de Belo Horizonte:

Em 1979, defendeu tese de Mestrado em Ciência da Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Recebeu por sua dissertação – **Persona sob persona** – olhar e olhado em **o Delfim**, romance de José Carlos Cardoso Pires, o PRÊMIO CIDADE DE BELO HORIZONTE³, conferido pela secretaria de Cultura de Belo Horizonte (MACIEL, 2004, p. 28).

Como reconhecimento à sua atuação literária, em 12 de janeiro de 2007, a Câmara Municipal de Juiz de Fora aprova a lei nº 11.285, a qual em seu artigo 1º, concede à escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira o Título de Cidadã Honorária de Juiz de Fora.⁴

³ Concurso Nacional de Literatura Prêmio Cidade de Belo Horizonte – 2019, regulamentado pelo Decreto nº 17.081, de 22 de março de 2019, tem como finalidade destacar e premiar 02 (duas) obras inéditas, em língua portuguesa, de autores brasileiros natos ou naturalizados e aos estrangeiros residentes no país, das categorias “Dramaturgia” e “Romance” (CONCURSO NACIONAL DE, 2019. Não paginado, grifos do autor).

⁴ DISPÕE SOBRE CONCESSÃO DE A Câmara Municipal de Juiz de Fora aprova e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadã Honorária de Juiz de Fora a Ilustríssima Senhora MARIA DE LOURDES ABREU DE OLIVEIRA. Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação. Paço da Prefeitura de Juiz de Fora, 12 de janeiro de 2007. ALBERTO BEJANI Prefeito de

A professora e escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira recebe amanhã (25/10) o título de Cidadania [sic] Honorária de Juiz de Fora, a ser entregue pelo proponente do projeto, vereador Romilton Faria (DEM – Partido Democrata). A solenidade acontece, às 19h30, no Palácio Barbosa Lima (EDUCADORA É HOMENAGEADA, 2007. Não paginado.).

Em 2008, a escritora foi homenageada pela Universidade Federal de Juiz de Fora com a medalha Presidente Juscelino Kubitschek, criada em 2003, pelo Conselho Universitário – Consu. Tal honraria recebe o nome do ex-presidente devido à assinatura do decreto para a criação da Universidade em 1960. Esta Medalha JK homenageia personalidades, indicadas pelas Unidades Acadêmicas da UFJF e pela Administração Superior, que contribuíram para a construção da Universidade (MAIOR HONRARIA DA. 2019. Não paginado.). Em outro momento, UFJF notícias⁵ informa que,

A Medalha que leva o nome deste homem notável tem dois sentidos que se complementam. Ela celebra a riqueza e a diversidade desta instituição e sua contribuição à construção de um mundo melhor. E, ao mesmo tempo, ela cumpre a nobre missão de reconhecimento, de agradecimento a mulheres e homens que dedicaram uma parte relevante de suas belas histórias de vida a uma relação intensa e produtiva com as várias unidades desta Universidade (ENTREGA DA MEDALHA, 2008).

A voz feminina de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira despertou o reconhecimento de outros escritores renomados na cidade de Juiz de Fora, fato que proporcionou a ela a imortalidade acadêmica ao tomar posse da cadeira número 32 na Academia Juizforana de Letras – AJL, em 29 de maio de 2011. Esta instituição foi fundada em 22 de dezembro de 1982 e instalada, oficialmente, em 6 de maio de 1983 (ACADEMIA JUIZ-FORANA DE LETRAS, 2011. Não paginado.).

No mesmo ano da posse na Academia Juizforana de Letras, a escritora recebeu o Troféu Mulher Cidadã,⁶ homenageada pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

Juiz de Fora. RENATO GARCIA Secretário de Administração e Recursos Humanos (Lei nº 11.285 de 12 de janeiro de 2007 do Município de Juiz de Fora) (JUSBASIL⁴, 2007. Não paginado).

⁵ ENTREGA DA MEDALHA, 2008.

⁶ A homenagem é realizada anualmente e faz parte das comemorações do Dia Internacional da Mulher. As indicações são feitas por um conselho presidido por representantes da Secretaria de Governo – por meio da Coordenadoria Especial de Políticas para as Mulheres – e composto por representantes da Câmara Municipal, da Secretaria de Educação, Secretaria de Saúde, Secretaria de Assistência Social, Secretaria de Comunicação Social, Funalfa, representante da Associação

Como ações de divulgação e valorização da produção literária brasileira, tanto no Brasil como no exterior, instituições promovem concursos e as premiações consolidam a qualidade do texto condecorado. Em relação à participação nestes eventos, a partir do ano 2000, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira concorreu, em 2013, ao Prêmio de Literatura da Universidade de Fortaleza, criado inicialmente pelo professor Batista de Lima⁷. O concurso apresenta como objetivo principal a criação literária e a promoção do hábito de leitura por meio da divulgação de contos inéditos, além de divulgar novos escritores. Segundo Lima, o concurso aborda três gêneros: conto, crônica e poemas, alternadamente em cada edição (ACESSIBILIDADE, 2019. Não paginado).

Neste concurso, diante da Comissão Julgadora formada pelos escritores Aíla Maria Leite Sampaio⁸ – Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fernanda Coutinho⁹ – Universidade Federal do Ceará (UFC) e Sânzio de Azevedo¹⁰ – Universidade Federal do Ceará (UFC), a escritora juizforana teve a produção **O céu que nos protege** como uma das 20 melhores selecionadas entre centenas de concorrentes, conquistando assim a participação na **Coletânea de 20 contos**, organizada pela Universidade de Fortaleza (LIMA, 2014).

Oliveira tece o **O céu que nos protege** com uma destreza que envolve o leitor no mundo ficcional por meio de um enredo muito bem delineado. Reflete sobre a vida da mãe, Iracema, que não sabia lidar com seu filho, Tomás, por ser portador de uma síndrome. Ele vivia em um mundo à parte. O isolamento do filho causava a ela muita frustração, embora Iracema fosse uma mãe zelosa. Dentro das possibilidades dos pais de Tomás, o pequeno frequentava seções de ludoterapia,

Comercial de Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (PORTAL DE NOTÍCIAS, 2011. Não paginado.).

⁷ Escritor, apaixonado pela vida, arte e literatura, foi por meio da escrita que encontrou seu grande amor. Tem mais de quatro livros publicados e lidos por milhares de pessoas do mundo inteiro. Sua literatura é dividida em estórias, crônicas e poemas. Batista também escreve semanalmente para o jornal **Diário do Nordeste**. É professor da Universidade de Fortaleza há 40 anos (LIMA, 2016. Não paginado.).

⁸ Professora da Secretaria de Educação do Ceará e da Universidade de Fortaleza. É escritora, crítica literária e faz parte da Academia de Letras e Artes do Nordeste (Ceará) (SAMPAIO, ESCAVADOR, 2020. Não paginado.).

⁹ Professora do Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará (UFC), desde 1992. Atualmente desenvolve projetos de pesquisa, buscando inventariar os “Traços da infância” e “O Imaginário dos afetos”, no âmbito da Literatura Brasileira. O texto acima foi publicado no livro **Laboratório: antologia de narrativas**, Editora IACC – Instituto de Arte e Cultura do Ceará (COUTINHO, NETSABER BIOGRAFIAS, [201-]. Não paginado.).

¹⁰ Professor visitante de Literatura Brasileira e Teoria do Verso na Universidade Federal do Ceará é Doutor em Letras pela UFRJ. Autor de mais de vinte livros – poesia, ensaio, historiografia, crítica e biografia (AZEVEDO, GLOBAL EDITORA, 2020).

massagens, natação e terapia da motricidade, na tentativa de compreender e interagir com o mundo. Aparentemente, não se percebia o desenvolvimento do menino e a angústia da mãe era visível a cada véspera de Natal, data vivida com desesperança diante da síndrome de seu filho. Em sua concepção, mais um ano se passou sem a constatação de progressos de seu filho.

Certo dia, ela, por acaso, descobriu que a música o sensibilizava, porque no momento em que era reproduzida por meio de CD¹¹ ou quando o pai, Tony, tocava o saxofone, Tomás ficava mais calmo e concentrado. Para surpresa da mãe, de repente, Tomás começou a tocar, uma nota após a outra, surgindo, no piano, uma melodia. Iracema, diante da habilidade musical de seu filho, ficou arrependida por não ter presenciado as aulas de musicoterapia e acompanhado de perto o seu desenvolvimento, por causa do medo de ficar, mais uma vez, frustrada.

Ao ouvir Tomás tocando, Iracema viu a esperança renascer. Esperança de ver seu filho interagindo com o mundo. Um sonho tantas vezes adiado, mas que se concretiza no presente momento e que se expande por meio de gargalhadas que soam como sinos de Natal diante de um céu azul que se oferece.

Outra publicação da consagrada escritora, também em 2018, foi o conto **O garoto que tinha asas nos pés**, fruto de uma criteriosa seleção, realizada pela comissão julgadora, formada por Beth Brait Alvim¹², Flávio de Araújo¹³, Maurício Melo Júnior¹⁴ e Ovídio Poli Junior¹⁵, classificado entre os dez finalistas participantes

¹¹ Disco Compacto – Memória Somente de Leitura.

¹² É poeta com três livros publicados e um de sociologia da cultura. Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Literatura e Cultura, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, artes, poesia, teatro, literatura e ação cultural (ALVIN, ESCAVADOR, 2020. Não paginado.).

¹³ Atualmente é colunista do jornal **Agora São Paulo**, do Grupo Folha, do jornal **O Imparcial** de Presidente Prudente - SP e do *site* **Ribeirão Preto OnLine** (ARAÚJO, 2011).

¹⁴ Diplomado em Comunicação Social e pós-graduado em Ciência Política e Economia. Escritor, jornalista, crítico literário e documentarista. Foi crítico literário e repórter de cultura do **Correio Braziliense** entre 1989 e 1999. Foi professor do Centro de Ensino Universitário de Brasília (CEUB) e chefe de telejornalismo da Radiobrás. Escreveu resenhas literárias para o **Jornal do Brasil** (RJ) e **Zero Hora** (RS). (MELO JUNIOR, 2017. Não paginado.).

¹⁵ Organiza a programação literária da **OFF FLIP**, é curador do Prêmio **OFF FLIP** de Literatura e editor do Selo **OFF FLIP**. Como escritor, recebeu prêmios literários no Brasil e no exterior (POLI JUNIOR. **PRÊMIO OFFFLIP DE LITERATURA**, 2014. Não paginado.).

do Prêmio *Off Flip*¹⁶ de Literatura 2018, na categoria Literatura Infantojuvenil. O Prêmio *Off Flip*¹⁷ promove jovens escritores:

No referido conto, **O garoto que tinha asas nos pés**, identificamos a dualidade bem *versus* mal por meio do personagem central, Hermes da Silva, conhecido como Colibri¹⁸. Desde o seu nascimento, o menino demonstrou ser uma criança demasiadamente agitada, além de possuir pernas compridas. Colibri realizava tarefas com muita rapidez como se tivesse asas nos pés. Essa característica levou o pai a alimentar o sonho de o filho ser jogador de futebol. Enquanto esse sonho não se concretizava, Colibri voava de um lado para o outro e a sua fama começou a se espalhar por todos os lugares. As pessoas comentavam que ele parecia um colibri porque pairava no ar tal como o pássaro.

Com o passar do tempo, Colibri foi tornando-se um trombadinha, fazendo pequenos furtos na cidade para desafiar os policiais na sua captura. O menino era muito rápido e ninguém conseguia pegá-lo. Esse fato era motivo para o mesmo se vangloriar de sua rapidez como um grande feito. Certa vez, um policial, muito esperto, encurralou Colibri e o levou para cumprir pena na FEBEM (Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor).

Na fundação, havia um time de futebol e o menino descobriu seu interesse por esse esporte. Devido à sua habilidade, conseguiu finalizar várias jogadas que terminavam em gol e, a cada comemoração, girava no ar como um Colibri. O padrinho, que estava preocupado com seu futuro, tranquilizou-se quando o menino foi convocado para compor o time juvenil do Flamengo. Enfim, o personagem encontrou seu rumo na vida.

Com essa narrativa, Maria de Lourdes mostra que na vida toda ação tem consequências que podem ser positivas ou negativas, quer dizer, mais cedo ou mais tarde, há a punição ou o prêmio.

¹⁶ O Prêmio *Off Flip* de Literatura foi criado pelo escritor Ovídio Poli Junior, que entre 2006 e 2013 foi coordenador literário do Circuito Off Flip, evento paralelo e complementar à Festa Literária Internacional de Paraty (*FLIP*) e tem por objetivo estimular a criação literária em língua portuguesa. Tem também como horizonte divulgar o trabalho e viabilizar a vinda dos autores vencedores a Paraty durante o período da *FLIP* (PRÊMIO OFF FLIP, 2014. Não paginado.).

¹⁷ O **Prêmio Off Flip** garante para autores estreantes um lugar privilegiado na cena **literária** brasileira. Com projeção nacional, a **Off Flip** tanto quanto a **Flip** já conquistaram seu lugar entre os eventos e promoções de autores mais importantes do país (PRÊMIO OFF FLIP, 2014, grifo do autor. Não paginado).

¹⁸ Seu voo é muito rápido, por isso o menino recebeu o apelido de Colibri (AURÉLIO, 2020). Esta informação é relevante na medida em que o apelido metaforiza as ações e o perfil do protagonista.

Nas escolas públicas, há Colibris, alunos que possuem habilidades e desejam alcançar voos, mas que, muitas vezes, não são identificados e reconhecidos pelos professores e pela instituição. Na verdade, são vistos como um todo, não se observando a individualidade de cada um, suas potencialidades e suas habilidades. O trabalho pedagógico é centralizado nas dificuldades e não se percebe as facilidades de cada aluno. Diante desse descaso, muitos não conseguem ser bem-sucedidos na instituição escolar e acabam, muitas vezes, encontrando a saída onde há uma suposta facilidade, ou seja, no crime. Os alunos, que são desviados para o caminho da criminalidade, atestam o fracasso da escola porque a instituição não obteve competência no cumprimento de sua missão. Esta afirmação é forte porque a escola não pode ter a responsabilidade sozinha pelo fracasso do aluno, mas a tarefa da instituição escolar é muito importante dentro da sociedade, que é contribuir com o futuro melhor para as crianças e os jovens. Se houver um compromisso da família de caminhar juntamente com a escola, a probabilidade de sucesso dos aprendizes é enorme.

Não se pode perder de vista o principal objetivo da instituição de ensino que é a aprendizagem dos alunos e essa responsabilidade é da escola e do poder público. Para cumprir esta importante tarefa, é fundamental que se reconheça o aluno como indivíduo inteligente e portador de habilidade(s). A partir dessa(s) habilidade(s), o professor promoverá a construção de novas aprendizagens e possibilidades. Com essa atitude, o aluno poderá se sentir valorizado e buscará aproveitar a sua habilidade para o seu crescimento pessoal e escolar e, conseqüentemente, vir a se tornar um cidadão.

Além das obras premiadas relacionadas nesta subseção, a escritora desbravou o mundo da ficção por meio de seus personagens, em narrativas muito elegantes, ricas em conteúdo histórico e com escrita muito envolvente. Nessa trajetória de escritora ficcionista, houve em relação ao nome de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira o reconhecimento da crítica literária, da comunidade acadêmica e de seus leitores. Diante desse fato, na próxima subseção, revisitaremos as últimas publicações da escritora.

2.2 DESCORTINANDO O MUNDO DA FICÇÃO

O vocábulo ficção origina-se do latim, *fingire*, e é sinônimo de imaginação ou invenção. É a literatura pensada e transmitida por meio da palavra escrita. Portanto, o conto, a novela, o romance e a crônica literários constituem expressões dos conteúdos da ficção (MOISÉS, 2013).

Importa destacar que a premiada escritora conquistou a divulgação de várias obras durante a sua carreira literária e a última publicação foi a do romance intitulado **Nem tão claro enigma**, com lançamento ocorrido em 28 de setembro de 2018, no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM) em Juiz de Fora, Minas Gerais. Esse romance oferece uma releitura contemporânea do amor vivido entre Inês de Castro e D. Pedro I¹⁹ e se passa no século XIV.

Diante de nossos olhos, desfilam, nesta obra, imagens poéticas em cores do nosso tempo, cheias de vida, de amor e de sofrimento, caracterizando motivos para reflexão sobre os desvios que se operam no desenrolar dos acontecimentos. É a memória humana ganhando vida e voz no (des)encontro de Inês e Pedro (MENDES apud OLIVEIRA, 2018. Não paginado. Contracapa).

Gilberto de Mendonça Teles²⁰ prefaciou a referida obra afirmando ser “Um romance, muito bem escrito, com linguagem atraente porque se vale de uma dicção beirando o popular e que se insere admiravelmente no contexto da boa ficção dramático-amorosa do Brasil” (TELES, apud OLIVEIRA, 2018, p. 8).

A partir dos comentários críticos, é interessante relatar que a obra **Nem tão claro enigma** é um romance que incita o leitor a mergulhar em uma história contada com muita intensidade a fim de desvendar o mistério que assolava a personagem Inês.

Para desvendar esse enigma, a personagem Beatriz, filha de Inês de Castro, recorre ao diário de sua mãe a fim de resgatar a memória de uma época vivida por

¹⁹ D. Pedro I foi o oitavo rei de Portugal, quarto filho de D. Afonso IV e de Beatriz de Castela. Nasceu em Coimbra a 8 de abril de 1320 e morreu em Lisboa a 18 de janeiro de 1367. Conhecido como o Justicheiro, generoso, folgazão, amado pelo povo e de grande popularidade (REIS, RAINHAS E PRESIDENTES, 2015. Não paginado.).

²⁰ Poeta e crítico literário. Professor de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFGO, entre 1965 e 1969. De 1970 a 1994 é professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira da PUC, no Rio de Janeiro RJ. Na década de 1980 trabalhou como professor visitante de Literatura Brasileira da Universidade de Lisboa e do Centro de Apoio da Madeira, em Portugal, e como professor-associado da *Université* de Haute Bretagne, na França (TELES, Gilberto de Mendonça. ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2020. Não paginado.).

seus antepassados, há sessenta anos. É uma época em que predominava o machismo e a submissão da mulher, esta sem direito de escolher seu marido. É um romance histórico que retrata uma época em que prevalecia o modelo patriarcal, tendo a fazenda como lugar que agregava a família, apoio às relações de casamento arranjado, e uma mulher que, aparentemente, aceitava sua condição de esposa em total obediência ao seu marido.

Contrariando este contexto, a personagem Inês mostrou-se uma mulher forte que desconstruiu os paradigmas da época diante da escolha da pessoa amada e da entrega a esse amor. Aceitou o desafio de ser mãe, fora do casamento consumado pelas leis religiosas e civis, contrariando sua mãe e sua avó. Tudo muito bem revisitado pela pena da escritora Maria de Lourdes.

O outro romance, **Os sete desafios no outro lado da ilha**, publicado em 2017, pela Franco Editora, foi produzido devido às solicitações de leitores pela continuidade da história de **O menino da ilha**, publicado em 1991. Segundo entrevista, ocorrida em 17 de setembro de 2019, Maria de Lourdes (OLIVEIRA, [Entrevista], 2019) nos informa que os alunos da 5ª série, do 1º grau²¹, da **Escola Balão Vermelho Alicerce**²² realizaram a leitura do livro e vivenciaram um encontro com a escritora, a saber:

Todos os alunos participaram espontaneamente. Ficaram muito curiosos sobre o processo de criação da história de **O menino da ilha**. [...]. No segundo encontro, os alunos se posicionaram a respeito do conteúdo do livro: cinco alunos acharam que a história terminou e os demais (15) que a história deveria continuar (MENDES; MACIEL 2013, p.116).

Nesse encontro, os pequenos leitores solicitaram à premiada escritora a publicação de um segundo romance em que fosse criada a continuação da história com o intuito de se conhecer o destino dos personagens Afonso e Mariana, pois o final do romance **O menino da ilha**, como muitos leitores concordaram, ficou em suspenso.

²¹ A Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 altera o Ensino Fundamental para 9 anos. A partir dessa lei, de acordo com a nova nomenclatura, a 5ª série passa a vigorar como 6º ano do Ensino Fundamental (ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS, 2009).

²² Fundado em 1967, o **Balão Vermelho Alicerce** foi a primeira escola maternal da cidade de Juiz de Fora. Seu nome foi inspirado no filme francês *Le Ballon Rouge* e desde a sua fundação, oferece um ensino do Berçário (4 meses) ao 9º ano do Ensino Fundamental (BALÃO VERMELHO ALICERCE, [201-]. Não paginado.).

Em outra entrevista concedida por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, em sua residência, a escritora declara o motivo que a levou a produzir e a publicar o romance **Os sete desafios no outro lado da ilha**:

Acho que foi na Escola **Balão Vermelho** que os alunos pediram que eu continuasse a escrever e, no Colégio **Jesuítas**²³, os [pequenos leitores] também fizeram o mesmo pedido. Uma ex-aluna minha [agora professora] trabalhou o livro **O menino da ilha** com seus alunos que ficaram curiosos em saber o que aconteceu com Mariana. [E perguntaram] se ela nunca mais [havia encontrado] com Afonso. Parece que há um certo romantismo nas pessoas porque [o leitor fica na expectativa] de que dois jovens que se amam, algum dia, possam se reencontrar. Então isso me levou a escrever **Os sete desafios no outro lado da ilha**. Não existe a pretensão de escrever outro livro como continuidade, pois essa história já cumpriu sua caminhada (OLIVEIRA, [Entrevista], 2019).

A Franco Editora publica, em 2010, a 2ª edição da obra **O menino da ilha** (MENDES, MACIEL, 2013), sendo a 1ª edição publicada em 1991 pela Miguilim de Belo Horizonte, após ter conquistado o Prêmio João de Barro de Literatura Infantojuvenil em 1990.

O concurso Nacional de Literatura João de Barro, literatura para crianças e jovens, é regulamentado pelo Decreto nº 2613/74 e é um dos mais tradicionais prêmios literários do país e visa a fomentar a produção literária nacional com produções inéditas. O concurso contempla obras nas categorias de texto literário e livro ilustrado. De acordo com Fabíola Moulin, presidente da Fundação Municipal de Cultura - FMC, o prêmio é importante como uma ação de política pública para motivar a leitura e a escrita, fortalecendo a criação literária. Os textos inscritos apresentam diferentes vozes e perspectivas de narrar na produção literária do país, revelando grandes escritores em sua longa História (LIMA, 2019).

Em 2015, em noite de gala, houve o lançamento da 2ª edição ampliada de **Bravo Brasil!** devido ao fato de a escritora ter tido acesso ao diário de Henrique Halfeld, um *dossiê* rico em detalhes, reveladores de novos sentimentos e emoções, que foi localizado na Dinamarca, e compartilhado por Mauro Halfeld²⁴ no Brasil.

²³ Na primeira metade do século XX, a fundação de uma escola da Companhia de Jesus em Juiz de Fora era o desejo de muitas famílias, que se mobilizaram em torno da aquisição da "Chácara das Palmeiras", entregue aos jesuítas em 1945 e que se tornaria, onze anos depois, a primeira sede do Colégio Nossa Senhora Imaculada, o colégio dos jesuítas na cidade. O colégio oferece ensino do maternal ao ensino médio (COLÉGIO JESUITAS, [201-]. Não paginado, grifos do autor).

²⁴ Mauro Halfeld é descendente do primeiro casamento de Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Na escala de descendentes, Henrique Halfeld é o quinto avô de Mauro (OLIVEIRA, [Entrevista], 2020).

O diário de Henrique Halfeld trouxe valiosas informações:

Com uma narração muito rica em detalhes, o diário de Henrique Halfeld relatava para seus familiares na Alemanha a sua viagem ao Brasil e seus primeiros anos por aqui. Essa preciosidade foi cuidadosamente guardada pela família Bunemann como um pequeno tesouro (OLIVEIRA, 2015. Nota dos Editores. Não paginado.).

Com as novas informações sobre o personagem da narrativa, a escritora reformulou a história para que os novos elementos fossem adicionados ao romance histórico e, assim, resgatar a vida de Halfeld com maior riqueza de fatos.

Dentro desse cenário, a obra, que recuperou a trajetória de Henrique Halfeld, é dividida em quatro fases, organizada de acordo com suas esposas. Conforme Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, cada fase foi marcada com uma flor. A primeira fase foi com a esposa alemã, Doroteia, que veio para o Brasil para acompanhar o personagem da história e esta etapa foi encerrada em Ouro Preto. A escritora marcou essa fase com a flor *Gänseblümchen*. Esta flor existe nos campos da Alemanha e era a flor com que ela e o marido jogavam malmequer, bem-me-quer e falavam em alemão eu te amo, eu te amo.

Quando ficou viúvo em Ouro Preto, com a solicitação do imperador, construiu a estrada para chegar a Juiz de Fora e a cidades vizinhas para o escoamento do ouro. Chegando à cidade de Juiz de Fora, conhece Candinha, com quem se casa. A partir desse novo casamento, inicia-se a segunda fase da narrativa representada pela flor de maracujá, flor da paixão, devido à religiosidade da segunda esposa, mulher muito prática. Segundo Halfeld, a flor de maracujá representava a vida de Cristo. Esta fase seguiu até a cidade do Paraibuna. Na terceira, Halfeld já se encontrava com setenta anos e conheceu uma moça muito bonita, apaixonando-se novamente. A flor representativa desse momento era a rosa vermelha, amor-paixão, e essa fase se estendeu até as festas do Império. A quarta fase, foi um repensar o passado, retomar a batalha de Waterloo em que Halfeld tornou-se um herói. Finalizando a trajetória, em novembro, Henrique Halfeld faleceu devido a um acidente com arma. A sua última palavra, no momento de sua morte, foi *Gänseblümchen*, flor que desabrocha na primavera, na Alemanha, de especial

significado: o reencontro do personagem com a Alemanha, rememorando momentos de sua vida (OLIVEIRA, [Entrevista], 2015).

No lançamento da 1ª edição de **Bravo Brasil!** entre amores e armas, a saga de um visionário, que ocorreu no dia 31 de maio de 2005, às 10 horas, no Centro Cultural Bernardo Mascarenhas, Maria de Lourdes esclarece,

Fui indicada para escrever a biografia de Henrique Guilherme Fernando Halfeld. Convidada pela família Halfeld para realizar esse trabalho, me dei conta de que seria uma empreitada muito difícil, porque sou mais ficcionista do que historiadora. Todavia, aceitei o desafio (ABREU apud NEVES, 2016, p.106).

A escritora decidiu escrever o livro sobre a história de Henrique Halfeld devido à presença e à descendência dos imigrantes alemães que residem em Juiz de Fora. A rua Halfeld, alma da cidade e a vida fascinante do personagem central da história está diretamente relacionada com a da fundação de Juiz de Fora. Dentro do proposto, Maria de Lourdes fez a reconstrução da história de Henrique Halfeld por meio de visitas às localidades por onde o protagonista passou, desde a Alemanha até às cidades brasileiras. O desafio para a escrita do livro era converter um personagem real em uma história ficcionalizada e, segundo a escritora, após dois anos de trabalho, houve a concretização dessa obra (LIVRO CONTA A, 2005. Não paginado).

A autora afirma que **Bravo Brasil**²⁵ não é uma biografia, é um romance baseado na história real de uma personalidade importante para a sociedade brasileira, recheada de imaginação e muito conhecimento histórico (NEVES, 2016).

Em 2004, Maria de Lourdes publica, conjuntamente com William Valentine Redmond e Pedro Pires Bessa, a obra **Literatura & mídia: percursos perversos**, pela Edições Galo Branco. A obra foi também prefaciada por Gilberto de Mendonça Teles que afirma,

[...] o texto que Maria de Lourdes me mandou para explicar o conteúdo do livro é por demais valioso, excelente mesmo, e de tal forma que senti que não poderia descartá-lo assim sem mais nem menos e resolvi incorporá-lo integralmente nesta apresentação, melhor, neste prefácio-sanduíche, pois o recheio – a melhor parte – são as informações enviadas por Maria de Lourdes: eu apenas faço a introdução e a conclusão (TELES, 2004 apud OLIVEIRA; REDMOND, p.9).

²⁵ Esta é a 2ª edição da obra **Bravo Brasil** cujo registro não consta o ponto de exclamação no título.

Sobre essa obra, interessa comentar o ensaio **Literatura e cinema: apocalipse ou integração**, da escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, inserido na obra **Literatura & mídia**, que traz como cenário inicial a discussão sobre a literatura do final do século XX e início do século XXI, levando à reflexão sobre o futuro da literatura com o advento do cinema, da televisão, do computador e da tecnologia.

Contextualmente, seria declarada a morte dos livros dentro de um novo cenário, que é o surgimento do cinema. Este gênero trouxe a possibilidade de se dar nova visibilidade ao homem e à sua imagem. É a nova arte como meio de expressão, nova forma de cultura que engloba as massas.

Nesse ensaio, a escritora dialoga, também, com o envelhecimento da sociedade e esclarece que, nesse percurso, o homem não morre, mas necessita de interagir com o jovem para adquirir novas experiências, somando com as suas experiências vividas. De forma comparativa a esse ciclo da vida, a literatura e a arte cinematográfica são duas gerações que precisam saber conviver, uma enriquecendo a outra, pois ambas têm grande importância para a cultura. É a arte do cinema, um revolucionário recurso de contar histórias, de dar voz às grandes obras literárias.

Oliveira, em 2003, publica mais uma obra de literatura infantojuvenil, **ABC do Zezinho**, pela Franco Editora, em Juiz de Fora. Nessa obra, a escritora constrói a narrativa em torno do protagonista José Maria da Silva, conhecido como Zezinho, e descreve aspectos importantes de sua vida em seu dia a dia, como seus amigos, seu cachorro, sua família, sua professora, suas férias e seu lazer preferido. Maria de Lourdes, dentro deste contexto, discorre sobre a importância do papel da escola para o cidadão, ressaltando também que as histórias devem estar presentes na vida de toda criança. Segundo a escritora, “[...] não existe nada melhor do que mergulhar fundo numa boa leitura. Quem lê, nunca está sozinho” (OLIVEIRA, 2003, p. 18). A narrativa se desenrola num crescente, respeitando a ordem alfabética das palavras, inserindo a letra em que se quer destacar, dentro do contexto da fantasia.

Para exemplificar como a escritora apresentou o alfabeto dentro da narrativa, destacaremos a letra P que foi introduzida no início do texto da página por meio do desenho da letra, em preto mais escuro e em tamanho maior em relação às outras letras do livro. Nesta página, descrevem-se as férias de Zezinho, na qual aparecem as palavras iniciadas com a letra de destaque, como podemos observar na citação:

Mas quando chegam as férias, eu **proclamo** minha liberdade. Minha **paixão** é a **praia**. Esta **palavra** mágica faz desfilar por meu **pensamento**, diante de minhas **pálpebras pesadas**, **pássaros pairando** sobre as ondas, **pescarias**, **pescadas**, **pescadinhas**, **peixadas** apimentadas, **partidas** de **peteca**, **passeios** num **pangaré** de aluguel, **pitangas**, **pizzas**, **pinguins** assustadas, arroz com **polvo**, mergulhos de **ponta-cabeça**... **Puxa** que **paz** mais **prazerosa**! (OLIVEIRA, 2003, p. 16, grifos nossos).

As palavras são iniciadas pela letra do alfabeto que a escritora destaca na página para que o leitor visualize a letra e perceba o som que é emitido por meio da leitura. Essa estratégia é muito eficaz para que o pequeno leitor compreenda o significado de cada letra dentro de um livro e contribui também para que ele identifique o som de cada código escrito dentro de uma narrativa que retrata o mundo infantil. Esse método facilita muito a alfabetização devido ao interesse do leitor em decodificar os símbolos diante da brincadeira com as palavras. Posto isto, percebe-se o quanto é prazeroso ler, quando o pequeno leitor se vê, principalmente, diante de histórias que invadem a imaginação infantil.

Em 2002, a escritora oliveiriana foi agraciada com a republicação de seu conto **Uma solteirona** na obra **O melhor do conto brasileiro em Minas Gerais**, Organizado por Therezinha Mucci Xavier²⁶ que afirma, no contexto literário brasileiro, ser o gênero de “[...] esmerado valor e aprimorado grau de perfeição. [...] o conto mineiro conquistou uma fisionomia bem definida, situando-se entre as mais altas expressões da literatura brasileira” (XAVIER, 2002). Nesse contexto, Xavier descreve Maria de Lourdes como grande promessa da literatura de ficção:

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, escritora e professora universitária, tem-se afirmado como contista de talento. A palavra fluente, o estilo voltado para a eficácia expressional, o cuidado no trato da linguagem, de elegância aristocrática e tonalidade poética, fazem vislumbrar em sua escritura uma das maiores promessas da ficção mineira (XAVIER, 2002, p.13).

Com a intenção de melhor contextualizar o leitor sobre as conquistas da escritora, é importante citar algumas obras mais consultadas em anos anteriores a 2000.

²⁶ A formação acadêmica em Letras, Mestrado em Literatura Brasileira e Doutorado em Literaturas de Língua Portuguesa. Foi professora da Universidade Federal de Viçosa. Therezinha Mucci publicou os livros **A personagem feminina no romance de Machado de Assis** e **Verso e reverso do favor no romance de Machado de Assis** (VIÇOSA DÁ ADEUS À PROFESSORA. 2015. Não paginado).

Em 1989, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira recebe o Prêmio Nacional de Literatura Gabriela Mistral com o ensaio literário **Gabriela Mistral: a mulher latino-americana no jogo intertextual das vozes**. Prêmio conferido pelo Departamento Cultural da Embaixada do Chile e pela Academia Brasiliense de Letras em homenagem ao centenário da poetisa chilena Gabriela Mistral.

No ensaio, a professora reinterpreta as obras “Desolacion”, “Ternura”, “Tala” e “Lagar”, buscando, através de um estudo profundo da poesia de Gabriela Mistral, o resgate da mulher latino-americana. Redescobre-se a mulher-mãe, que é o fundamento da criação ou que se expande em uma majestosa Cordilheira dos Andes. Escuta-se também a voz de uma mulher submissa, sempre subjugada pela autoridade masculina que escreve a história. Maria de Lourdes traz para 1989 a luta entre amor e morte da poesia da escritora chilena, a religiosidade e a emancipação feminina, com a elevação da mulher latina em níveis de universalidade. Atualiza-se, dessa forma, a obra de Gabriela Mistral, fazendo despertar uma poesia rica, adormecida há tanto tempo (EM MARIA DE LOURDES, UFJF HOJE, 1989, grifos da autora. Não paginado.).

Outro destaque é a novela **De olhos fechados**, que em 1986 conquista o Prêmio Petrobrás de Literatura por meio de um concurso literário de âmbito nacional, promovido pela Petrobrás, Porto Alegre, e publicada pela Editora Mercado Aberto, da mesma cidade do concurso. Essa novela é a parte final da tese de doutorado de Maria de Lourdes, intitulada **Caminhos e descaminhos na montagem de uma narrativa**. “De olhos fechados é uma novela de enigma, com a história do crime e a que vai desentrançar os fios para a elucidação do mistério. E o suspense leva o leitor para frente, em expectativa” (OLIVEIRA, [Entrevista] 2020). A referida obra retrata a violência urbana e a carência afetiva por meio de intertexto com o mito de Édipo. É um jogo entre o real, o fictício e o imaginário, como afirma a escritora.

Em 1968, “Em um concurso de âmbito nacional, a escritora recebe o Prêmio Bloch Nacional de Romance²⁷, com **Antigamente, no porão**” (MENDES; MACIEL; 2013). Maria de Lourdes ao receber a notícia da premiação manifesta:

Alegre, um pouco incrédula e com vontade de chorar, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, professora da Faculdade de Filosofia e Letras, recebeu a notícia de que o seu romance **Antigamente no porão** foi o vencedor do “Prêmio Bloch de Literatura”, num concurso realizado anualmente pela

²⁷ O concurso foi amplamente divulgado pelos jornais que circulavam na época, em 1968, e aconteceu somente uma única vez. O grupo **Bloch** era dono de uma rede de revistas, entre as quais podemos citar **Manchete** e **Fatos e Fotos**. A Editora Bloch era muito importante e reconhecida nacionalmente (GONÇALVES, 2014).

revista **Manchete** (VENCEDORA DO PRÊMIO BLOCH. DIÁRIO MERCANTIL, 1968. Não paginado.).

Antigamente, no porão encerra a história de uma família em que o convívio é marcado pelos horrores da Segunda Guerra Mundial, vivenciados pela figura paterna que não supera os traumas e vícios adquiridos durante esse período (GONÇALVES, 2014).

A escritora, vencedora do Prêmio Bloch de Literatura, foi citada por vários intelectuais que entendiam estar despontando uma escrita mineira de reconhecido valor. Na correspondência que Cosette de Alencar²⁸ enviou para Laís Corrêa de Araújo²⁹, no dia 13 de maio de 1969, está registrado que, segundo Adonias³⁰, a escritora Maria de Lourdes é uma revelação literária:

A Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, agora famosa com sua vitória no Prêmio Bloch, disse-me que iria mandar a você um conto para o SL – Suplemento Literário. Deve ser coisa boa. Contou-me o Ascendino Leite³¹, ao passar por aqui, que o Adonias considera esta Maria de Lourdes uma revelação literária das mais auspiciosas. Realmente, é moça muito talentosa. Muito simpática, fina, agradável (ALENCAR, [Correspondência], 1969).

A renomada escritora mineira Cleonice Rainho³² comenta,

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, talvez, tenha sido a Porta-estandarte de muitas produções intelectuais no gênero ficção, liderando um grupo de prosadores que viriam representar o meio literário juiz-forano nas décadas de 50, 60 e 70. Este fato é ilustrado por toda a trajetória empreendida em concursos literários. A referida escritora, dotada de talento, desenvolve de

²⁸ Nasceu no dia 18 de janeiro de 1918, em Juiz de Fora, e faleceu no dia 26 de abril de 1973. Filha do grande escritor Gilberto de Alencar, foi jornalista e escritora. Escreveu um romance intitulado **Giroflê, Giroflá** e colaborou para diversos jornais, entre eles, o **Diário Mercantil** (ALENCAR. [197-] Não paginado.).

²⁹ Nasceu em 13 de março de 1927, em Belo Horizonte. Poeta, ensaísta, cronista, tradutora e jornalista. Cronista na revista **O Cruzeiro**, do Rio de Janeiro, e nos jornais **O Estado de São Paulo** e **Estado de Minas** (ARAÚJO, 2016. Não paginado.).

³⁰ Adonias Filho. Foi escritor brasileiro. Fez parte da terceira fase do Modernismo. Foi também jornalista, ensaísta, romancista e crítico literário. Seu universo ficcional tem invariavelmente como palco a região cacauzeira do sul da Bahia. Foi eleito para a cadeira nº 21 da Academia Brasileira de Letras (AGUIAR FILHO, 2015. Não paginado.).

³¹ Nasceu em Conceição do Piauí (PB), no dia 21 de junho de 1915. Escritor nato, ele se destacou como crítico, romancista, jornalista, poeta e memorista. Dedicou-se ao jornalismo até 1961 não apenas escrevendo, mas também gerindo: ele dirigiu jornais na Paraíba, no Rio de Janeiro e em São Paulo (LEITE, 2013. Não paginado.).

³² Escritora, poeta, contista, trovadora, romancista, ficcionista infantojuvenil e educadora. Sua entrada no mundo da literatura se deu por colaborações em jornais da cidade, como **Gazeta Comercial** e **Diário Mercantil** (RAINHO, 2020. Não paginado.).

forma bastante envolvente, o imprescindível lirismo que o mesmo gênero cultua (RAINHO apud MENDES, 2012, p.177).

É importante ressaltar que o início de sua carreira literária desabrochou com o lançamento de seu primeiro livro **A Porta-estandarte**, coletânea de contos, a maioria premiados em concursos literários diversos (MENDES; MACIEL; 2013), publicados em 1966, reunidos nesta obra.

A partir desta contextualização, constatamos que uma voz mineira despontou no cenário juizforano, conquistando, gradativamente, o reconhecimento nacional pelo seu valor literário, uma voz oliveiriana que não pode ficar esquecida.

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira é uma escritora por vocação, como afirma Cosette de Alencar no **Diário Mercantil** (ALENCAR, 1968):

³³ Importante para Juiz de Fora a vitória do romance de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira no concurso Bloch, concurso de âmbito nacional, destinado a tornar-se temível competidor do famoso Walmap na paisagem da renovação ficção brasileira. Não me surpreendeu a notícia desta láurea que garante, de saída, à jovem escritora desta cidade uma publicidade que levará seu nome aos quatro cantos do País. Maria de Lourdes, apesar da mocidade, pode ser considerada valor literário muito amadurecido, senhora já de estilo próprio, com grande domínio dos assuntos que aborda, fora um talento para o exercício das letras que tem sobejamente demonstrado e que a distingue como realmente capaz de explorar, com êxito, os domínios literários. Este primeiro romance da autora, que a gente lê com agrado, deve ter efetivamente impressionado a tarimbada comissão julgadora do certame Bloch, comissão constituída de nomes dos mais categorizados da cultura brasileira, e a terá impressionado até porque se singulariza por um fato muitíssimo raro: ao tempo em que ANTIGAMENTE NO PORÃO denota perfeito entrosamento com a época atual refletindo experiência vivida dos dias que correm, além de perfeita conexão com os novos processos literários agora em vigência, revela uma escritora que escreve em vernáculo correto, com respeito grande à gramática e à ortografia coisa da elegância de sua frase e do bem acabado de sua língua. Isto, como se sabe, está longe de ser comum aos escritores de hoje. Verdade é que Maria de Lourdes Abreu de Oliveira é professora de português, o que lhe põe nos ombros não pequena responsabilidade no trato da gramática. Mas há profs. todos sabemos: e a maior parte dos que ensinam nosso difícil idioma melhor fariam se procurassem, antes, tratar de aprendê-lo... Não é o caso da mineira Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, que escreve por vocação e empresta seriedade ao que escreve. Leitora muito "à la page", atenta aos cometimentos que pontuam a operação literária atual, dentro e fora do Brasil, a premiada no concurso Bloch vê, agora, abrir-se à sua frente uma estrada mais fácil para a realização de seu pendor literário: e é isto, sobretudo, que torna estes prêmios atraentes. Fora dêles, aqui na pasmaceira provinciana, como poderia realizar-se um escritor? Nem editar se consegue, o pobre. Tendo lido, ainda nos originais, o romance que agora recebe o troféu Bloch, posso garantir que se trata de obra merecedora de

³³ As citações mais longas registradas, nesta pesquisa, são propositais e devem ser entendidas como ações de preservação de acervos cujos arquivos se encontram em péssimo estado de conservação nas instituições responsáveis por sua guarda como o AHPJF.

tão grande triunfo. E, ou muito me engano, ou Maria de Lourdes Abreu de Oliveira galga, com esta vitória, muitos degraus na escalada difícil que é a nacionalização de um nome de província no setor literário. Daqui para diante, seu problema será apenas o de escrever: lugar ao sol da fama, acaba de conquistar brilhantemente. É minha opinião com êste ANTIGAMENTE NO PORÃO e mais como o TERRA NO SANGUE, de Maurício do Valle Aguiar, Juiz de Fora pode se considerar muito bem representada na estante do romance nôvo brasileiro. Trata-se de dois bons livros, autênticos e genuínos, dois livros de romancistas de verdade. (ALENCAR, 1968, p.5, grifos da autora).

O artigo produzido pela escritora e jornalista Cosette de Alencar sobre a conquista do Prêmio Bloch por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira ressalta a importância do prêmio como divulgação de seu romance **Antigamente no porão**, o que facilitaria a sua publicação nacionalmente. A jornalista destaca o talento da jovem escritora devido à perfeição de sua escrita, evidenciada por meio do desenho perfeito da ortografia e da gramática. A conquista do prêmio não surpreendeu Cosette de Alencar. Isso ocorreu devido ao valor literário que a escrita de Maria de Lourdes representava no cenário das letras à época, o que promoveu o seu reconhecimento na produção da literatura brasileira.

Maria de Lourdes sobressaiu no mundo das letras com publicações de ficção de qualidade, como defende Cleonice Rainho na **Gazeta Comercial** (RAINHO, 1966):

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira lança hoje, em Tarde de Autógrafos que se realizará às 17 horas na Livraria Zappa, seu primeiro livro – “A Porta-estandarte”. A jovem professora de nossa cidade, que desde algum tempo iniciou-se na literatura, assinando contos publicados em nossa imprensa e na de outros centros, logrando bom êxito, a ponto de ver seus trabalhos selecionados, recebe agora seu batismo de fogo, aparecendo em livro, contista editada, levada pela Gráfica Record, do Rio, aos meios intelectuais do País, a enfrentar os comentários especializados e os críticos literários que não são poucos entre nós, até em número talvez maior que o dos autores, isto facilmente explicável, uma vez que segundo o argumento respeitável do velho Boileau “a crítica é fácil, a arte é difícil”.

O acontecimento lítero-social da tarde de hoje, sobremodo agradável aos amigos da môça contista merece a melhor atenção não só dos intelectuais juizforanos como de tôda a cidade, pelo seu significado e expressão. Êste nôvo livro de contos, qualquer que venha a ser a sua receptividade, constitui-se num elo para a literatura de ficção em Juiz de Fora, a qual não oferece produtividade, segundo os entendidos.

O escritor, jornalista e crítico Edmundo Lys, que pode ser considerado autoridade em assuntos de literatura local, uma vez que radicado, no Rio de Janeiro, nunca perdeu de vista sua terra natal, interessando-se por tudo que aqui ocorre e muito mais pelo nosso movimento literário, afirmou, em recente introdução a O CHALÉ VERDE, que “Juiz de Fora, pródiga em poetas, é pobre em ficcionistas”, enumerando poucos nomes de autores que, entre nós, através dos tempos, se dedicaram ao gênero. E situou o

livro referido depois de “Prosa Rude”, de Gilberto de Alencar, editado no comêço do século.

A PORTA-ESTANDARTE vem, pois, assegurar a existência de autores de feccção [sic] em nossas letras e, de modo promissor, porque pela pena de um valor de nossa nova geração, com qualidades e dimensões capazes de se fazer firmar no gênero.

Saudemos, assim, Maria de Lourdes Abreu de Oliveira e tomemos com carinho o seu “A Porta-estandarte”, desejando que êle lhe abra alvissareiramente a carreira literária, para realização sua, contista por vocação, e bom nome das letras juizforanas (RAINHO, 1966. Não paginado, grifos da autora).

O artigo escrito por Cleonice Rainho enaltece a escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira que estava lançando sua primeira obra de ficção **A Porta-estandarte**, numa tarde de autógrafos, por uma editora do Rio de Janeiro e sendo agraciada pelos comentários dos críticos literários da cidade. Naquela tarde, estava despontando uma jovem contista no cenário nacional. À época, o escritor, jornalista e crítico Edmundo Lys que fixou residência no Rio de Janeiro, mas continua acompanhando a produção literária da cidade de Juiz de Fora, comentou sobre a carência de escritores ficcionistas, mas reconhece o conto da jovem escritora como obra de ficção que merece destaque, depois da obra de Gilberto de Alencar, editada no início do século. Com a publicação dessa obra, confirma a existência de escritor de ficção na cidade com a promessa de uma carreira literária de sucesso.

Enfim, com demasiada criatividade, “tomando como elementos a sua imaginação e a vida”, como declara José Clemente³⁴ no **O Estado de Minas Gerais** (CLEMENTE, 1966. Não paginado.):

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira. Guardem-lhe o nome. É de Juiz de Fora. Ativa-se na cidade de excitação econômica criadora, que não fica atrás em outra faina, que nunca teve como forte produzir dinheiro, embora forje riquezas. Soberbas riquezas, que causam invenja aos que têm o talento de criar as outras que dão dinheiro.

É Juiz de Fora das criações do Espírito – das Artes e das Letras, principalmente, Cidade dos escritores e poetas que vão criando, aperfeiçoando-se, acepilhando sempre a sua produção, com amor por ela, sem nem sempre aparecerem, projetarem-se para além, pelo recolhimento bem do estilo mineiro. Os intelectuais de Juiz de Fora, que são muitos e brilhantes pouco falam de si. O Orgulho que têm é de falar dos grandes da terra que já se foram e não voltam, mas que êles, os intelectuais de Juiz de Fora, (em casos sem conta não menores do que aqueles que se foram) têm sempre como presentes, não querendo que alguém as esqueça. O

³⁴ Jornalista na imprensa mineira, trabalhando em diversos jornais. Foi cronista na coluna Bar do Ponto. No jornal **Estado de Minas** foi responsável pelos editoriais e por crônicas na coluna, Vida Social, sob o pseudônimo de José Clemente. Na imprensa oficial do Estado de Minas Gerais foi diretor, redator e revisor. Entrou na Academia Mineira de Letras em 1935, na qual ocupou a cadeira nº 15 (CLEMENTE, 1981).

sentimentalismo dos intelectuais juiz-de-foranos é infinitamente maior do que a justa vaidade pelo que fazem, pelo que são capazes de fazer. Quem tem de falar delas somos nós, os visitantes, os estranhos à comunidade. Porque eles falam dos outros, dos que passaram a ser aquilo que tinham de passar a ser: numes tutelares daquela família numerosa e responsável inteligência. Entretanto, como merecem eles ser citados, pelo que realizam com naturalidade nas suas criações cotidianas, no jornal ou no aconchego doméstico, assim como as abelhas fazem o favo, que dá o mel para a delícia e a saúde alheias...

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira pertence à grei intelectual de Juiz de Fora. Faz contos. É sua vocação. Sabe cria-los, urdi-los, tomando como elementos a sua imaginação e a Vida. Talvez não dê sempre muito trabalho à imaginação, porque a inteligente observação de paisagem humana lhe fornece o melhor cabedal. Vários de seus trabalhos sugerem essa opinião, pois parecem pedaços da vida, que sensibilizaram a autora, captadora de psicologias.

E o seu talento de artista sabe tratá-los, para oferecê-los aos que têm sensibilidade. Descritividade sem demasias, narração clara e simples: emotividade marcam os trabalhos de "A Porta-estandarte", o livro em que M. L. de Abreu Oliveira reuniu vários de seus contos, em inteligente seleção. Contista de dotes incontestáveis, com laureas já obtidas em concursos literários idôneos, a autora, que sempre encontrou justa receptividade dos leitores de seus trabalhos publicados em revistas e jornais, não fez mais do que cumprir um dever para com a Arte e as Letras, dando-nos o seu livro. Dever para com Juiz de Fora, principalmente, que tem de muito envaidecer-se dela (CLEMENTE, 1966. Não paginado, grifos da autora).

José Clemente, jornalista do **Estado de Minas**, também tece elogios à escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira no que se refere à criatividade de sua escrita, tendo como base sua imaginação e sua vida. A última é perceptível em seus contos devido à sensibilidade da escritora. Segundo o jornalista, o escritor atuante deve ser reconhecido, valorizado em suas produções pelos intelectuais de fora, já que os da cidade não costumam falar de si. Maria de Lourdes foi muito inteligente em reunir seus contos em uma publicação **A Porta-estandarte** cuja receptividade sempre esteve presente entre seus leitores. A escritora deve ser um orgulho para Juiz de Fora diante dos êxitos em concursos literários, o que deve envaidecer a cidade.

Para concluir a inestimável trajetória da escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, é importante ressaltar que, nesta pesquisa, consta uma pequena parte de sua brilhante carreira literária diante de um vasto cabedal intelectual, que pode provocar no leitor a possibilidade de descoberta das demais produções desta escritora juizforana.

Na próxima seção, serão realizadas as abordagens sobre os mitos e símbolos que deram suporte teórico para o diálogo com os romances **O menino da ilha** e **Os sete desafios no outro lado da ilha**.

3 A MITOLOGIA E SEUS SÍMBOLOS NA LITERATURA INFANTOJUVENIL

Em todo o mundo habitado, em todas as épocas e sob todas as circunstâncias, os mitos humanos têm florescido; da mesma forma, esses mitos têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos [...]. As religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, descobertas fundamentais da ciência e da tecnologia e os próprios sonhos que nos povoam o sono surgem do círculo básico e mágico do mito (CAMPBELL, 1949, p. 7).

Ao buscar a compreensão das possíveis definições de mitos e suas origens, esta pesquisa se vale do estudo de autores como Joseph Campbell, o teórico Jean-Pierre Vernant, que ao discorrer sobre mitologia, afirma que: “[...] nos primórdios, as palavras *mythos* e *logos* não se distanciavam” (VERNANT apud MONFARDINI, p.50). Com a evolução, nos séculos VIII e IV antes de Cristo, há a distinção entre o pensamento mítico e o pensamento lógico com o advento da palavra escrita e, com isso, registra-se o avanço da nova forma de pensar. Segundo Vernant, a escrita possibilita uma maior análise do discurso baseado na razão e na lógica, com postura séria e crítica do leitor, enquanto a palavra falada encanta o ouvinte por meio da oratória. *Mythos* se diferencia do *logos* em sua essência, este último possui valor de verdadeiro e inteligível, enquanto o *mythos* é caracterizado pela narrativa com a predominância do maravilhoso, do fascinante, do fabuloso, do encantamento do leitor (VERNANT apud MONFARDINI, p. 51).

Trazendo outros teóricos para a reflexão conceitual sobre mito, na **Poética** de Aristóteles, mito se traduz como fábula, lenda, enredo, história, narrativa. No sentido primitivo, o vocábulo mitologia carrega múltiplos sentidos que são identificados ao se estudar os mitos, observando o conteúdo de cada um ou se atendo a uma coleção dos mesmos.

Quanto ao **símbolo**, Massaud Moisés (2013) define que a palavra vem do grego *symbolom*, que é sinal, signo de reconhecimento e, do latim *symbolum*, que é lançar conjuntamente, comparar, juntar, fazer coincidir. É uma palavra que dá margem a vários significados e com dificuldade de se chegar a um consenso. O estudioso afirma que na concepção de Aristóteles e dos estoicos, o signo torna-se símbolo sendo empregado em vários campos do saber das ciências exatas às ciências humanas. A noção relacional entre signo e símbolo será objeto de

constante discussão. O tratado aristotélico **Da interpretação** mescla o signo com o símbolo “[...] introduzindo uma prática que tenderia a voltar muitas vezes ao longo dos séculos” (MOISÉS, 2013, p. 435). Esta tradição aristotélica clássica foi inserida no círculo da Retórica e recolhida por Santo Agostinho que a transmitiu à Idade Média. A questão atravessou os séculos chegando à Era Moderna.

Intencionando esclarecer um pouco mais sobre o conceito de símbolo, Moisés (2013) afirma que, com a decadência do cânone clássico, surgiu a teoria semiótica para traduzir o significado de símbolo como: alegoria, emblema, cifra, hieróglifo. Para isso, ele cita o teórico Emmanuel Kant que caracteriza símbolo como representação intuitiva, fazendo com que cientistas, filósofos, psicólogos, teóricos, críticos, historiadores das artes, da literatura e linguistas se interessassem pela representação do símbolo na escrita.

O fato é que mesmo sob vários pontos de vista, não se consegue chegar a um conceito de mito e símbolo, de forma consensual (MOISÉS, 2013), por isso é interessante convidarmos mais teóricos de diferentes áreas do conhecimento para tecerem suas considerações que serão apresentadas nas subseções 3.1 e 3.2.

3.1 MITO E MITOLOGIA: O PODER FIGURADOR DA PALAVRA

Hélcio Antunes Garcia (2009) afirma que na mitologia primitiva existiam também objetos e pessoas que eram cultuados, e que eram venerados ao longo de uma tradição, tornando-se eternos. Para a sociedade atual, os mitos são criados repentinamente e se extinguem também muito facilmente. Eles vêm para preencher o vazio com valores éticos ou até mesmo com as qualidades que as pessoas desejam possuir a fim de terem uma vida plena e feliz.

Do ponto de vista antropológico, filosófico e teológico, o mito é um estágio de desenvolvimento humano anterior à História, à Lógica e à Arte. O mito permite elaborar narrativas que aconteceram num tempo indeterminado, relatando o que deuses ou seres divinos fizeram no começo dos tempos. Uma vez que o mito é revelado, evidencia-se uma verdade e, nesta verdade revelada, não raro, há invasão súbita do sagrado no mundo que é narrado pelo mito. “Cada mito mostra como uma realidade veio à existência, seja a realidade total, o Cosmos, seja um fragmento dela” (ELIADE, 1972, p.84).

De acordo com as pesquisas dos grandes mitólogos, nas sociedades primitivas, o mito é representado por histórias verdadeiras e sagradas e narra, através dos entes sobrenaturais, o que realmente aconteceu. Segundo Mircea Eliade (1972, p.9) “O mito cosmogônico é ‘verdadeiro’ porque a existência do Mundo aí está para prová-lo; o mito que versa sobre a origem da morte é igualmente ‘verdadeiro’ porque é provado pela mortalidade do homem, e assim por diante”.

Nesse sentido, podemos argumentar que, nas histórias, o mito serve como modelo para as atividades humanas para que o homem se espelhe nessas narrativas e encontre explicações para fatos que ocorriam na vida cotidiana e, assim, aprender com os entes sobrenaturais,

De modo análogo, uma certa tribo vive da pesca, e isso porque, nos tempos míticos, um Ente Sobrenatural ensinou seus ancestrais a apanhar e a cozer os peixes. O mito conta a história da primeira pescaria, efetuada por um Ente Sobrenatural, e dessa forma revela simultaneamente um ato sobre-humano, ensina aos homens como devem efetuá-lo por seu turno e, finalmente, explica por que essa tribo deve nutrir-se dessa maneira (ELIADE, 1972, p. 13).

Ao tratar da consciência mítica, Moisés (2013) afirma que o existir se deve aos seres divinos ou semidivinos devido aos poderes que regem os eventos cósmicos e humanos. O mito está articulado com o sagrado por meio do vínculo entre o biológico e o religioso, preescrevendo regras nos ritos.

Dentro do pensamento sobre mitologia, Joseph Campbell, no livro **O poder do mito** (1990), observa que os mitos estão presentes em narrativas representando a produção da cultura humana universal e levam como mensagem a verdade ética e um ensinamento de como as pessoas podem viver melhores. Não há o compromisso com o conhecimento científico. Na mitologia, há o predomínio da linguagem metafórica assinalada por meio do discurso dos deuses para responder às ansiedades e às dúvidas do homem.

A imagem simbólica diz mais do que uma palavra. Através das narrativas, o leitor vive experiências de vida, volta para seu próprio interior e absorve a mensagem dos símbolos. Dessa forma, os mitos fornecem pistas para que as potencialidades sejam desenvolvidas dentro de cada pessoa. Nesse sentido Campbell (1990) argumenta:

Toda mitologia tem a ver com a sabedoria da vida, relacionada a uma cultura específica, numa época específica. Integra o indivíduo na sociedade e a sociedade no campo da natureza. Une o campo da natureza à minha natureza. É uma força harmonizadora. Nossa própria mitologia, por exemplo, se baseia na ideia de dualidade: bem e mal, céu e inferno. Com isso, nossas religiões tendem a dar ênfase à ética. Pecado e expiação. Certo e errado (CAMPBELL, 1990, p.66).

Sob o ponto de vista da literatura, Ernest Cassirer (2009) aponta que tanto na linguagem como no mito há a transposição simbólica do conteúdo em que as metáforas linguística e mítica estão presentes por meio da percepção sensorial. O distanciamento entre linguagem e mito acontece porque na formação mítica atua somente a conceituação mítico-linguística; e na linguagem, há também a interferência do *logos*. Com a evolução, a ciência, a arte e a religião se distanciam e o pensamento lógico-científico sobressai ao pensamento mítico, reduzindo o poder figurador da palavra, tornando-o mero signo conceitual. O caráter metafórico da palavra não desaparece totalmente porque o mito sobrevive na expressão artística, principalmente, na poesia lírica, em que prevalece o vínculo entre mito e linguagem (MONFARDINI, 2005).

Diante dessa ideia, Claude Lévi-Strauss (1993) declara que a mudança em relação aos mitos faz com que os mesmos acabem perdendo o estatuto de narrativa fundadora para assumir a legitimação histórica como ocorre nas lendas. Com isso, os mitos perdem seu caráter de formação mítica, mas não chegam ao seu desaparecimento.

Sob a perspectiva de Sigmund Freud (2006), há uma espécie de ressurgimento na abordagem dos mitos e no interesse por eles devido às suas pesquisas relativas ao inconsciente. Freud determina o conceito³⁵ de **fantasia originária** que passa a constar em suas pesquisas como referência às formações psíquicas encontradas nos sonhos, delineando um tempo remoto vivido pelo sujeito diferente de sua realidade. Assim, Freud nos explica que a concepção mitológica no sonho advém da memória de fatos apreendidos, e afirma:

Acredito que essas fantasias primitivas, como prefiro denominá-las, e, sem dúvida, também algumas outras, constituem um acervo filogenético. Nelas, o indivíduo se contata, além de sua própria experiência, com a experiência primeva naqueles pontos nos quais sua própria experiência foi demasiado

³⁵ Todas as vezes que, ao longo do trabalho, forem tecidas redes conceituais, elas estarão em negrito.

rudimentar. Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia – sedução de crianças, surgimento da excitação sexual por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) – foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica. Repetidamente tenho sido levado a suspeitar que a psicologia das neuroses tem acumuladas em si mais antiguidades da evolução humana do que qualquer outra fonte (FREUD, 2006, p. 373).

Relacionando o mito com a linguagem, segundo Moisés (2013), o mito é parte da língua e é no discurso que ele se manifesta. Então, mito é linguagem, só que se expressa além dela, em um nível mais elevado. Na literatura,

O mito não só expressa o sentido profundo das coisas, como também o expressa, particularmente, através de uma história. Assim, o mito implica, em qualquer dos sentidos uma narrativa e, *ipso facto*, o concurso da imaginação: criar um mito significa conceber pela mediação das forças imaginativas, uma história que reflete um modo não lógico de enfrentar o mundo (MOISÉS, 2013, p. 312, grifo do autor).

Nessa perspectiva, mito significa história por meio de um conto, uma narrativa, um poema. “[...] mito é literatura e deve ser considerada uma criação estética da imaginação humana” (MOISÉS, 2013, p. 312). Assim, reafirma-se a função mágica dos mitos.

Em diálogo com as ideias apresentadas, Mircea Eliade (1972) declara que a *mass media*,³⁶ com as histórias em quadrinhos, retoma o mito por meio das estruturas míticas das imagens e comportamentos de heróis míticos para influenciar no comportamento de uma sociedade. Na verdade, é uma releitura de heróis mitológicos ou folclóricos. Qualquer mudança de conduta típica do herói, o diretor dos jornais e das revistas em quadrinhos é imediatamente questionado pelos seus leitores com protestos até violentos. O autor exemplifica esse herói com o personagem Superman, que se tornou popular devido à sua dupla personalidade. O personagem Clark Kent, originário de um planeta destruído, dotado de poderes, vive disfarçado de homem comum, muito tímido, que fica à sombra de Miriam Lane. Esse personagem retoma um tema mítico com o qual os leitores da modernidade se identificam e sonham que podem ser um herói com muitos poderes. Os personagens

³⁶ Expressão inglesa: meios de comunicação de massa (MASS MIDIA. In: Reverso Technologies, 2020).

são jornalistas e trabalham em um jornal da cidade. Sobre essa questão, Eliade reafirma que:

É difícil conceber um ser humano que não se sinta fascinado pela “recitação”, isto é, pela narração dos eventos significativos, pelo que aconteceu a homens dotados da “dupla realidade” dos personagens literários (que refletem a realidade histórica e psicológica dos membros de uma sociedade moderna, dispondo, ao mesmo tempo, do poder mágico de uma criação imaginária) (ELIADE, 1972, p.134, grifos do autor).

Diante da perspectiva mítica, os mitos têm sua narrativa revisitada também com o cinema e o cineasta George Lucas³⁷ propõe uma nova mitologia por meio da trilogia **Guerra nas estrelas** em que a aventura foi baseada na jornada do herói traçada pelo teórico Joseph Campbell em seu livro **O herói de mil faces**. O sucesso da trilogia ocorreu devido aos símbolos universais que se identificam com os jovens. Segundo Campbell, os mitos direcionam a vida do jovem e:

[...] servem, primariamente, para fornecer instruções fundamentais nessa área. A sociedade atual não nos dá a instrução mítica adequada, dessa espécie, e por isso os jovens têm dificuldade de encontrar o seu caminho. Minha teoria é que, se você descobrir o que bloqueia uma pessoa, poderá achar também a contraparte mitológica para essa dificuldade de passagem de uma etapa para a outra (CAMPBELL, 1990, p.157).

A pesquisadora Daniela Cacusos Bellarde dos Santos [20-?], entende que a identificação com o filme acontece também porque os jovens querem viver aventuras fora de casa, longe de seus pais, para vivenciarem uma nova vida. Sob este viés, o herói também significa esperança, superação e conquista. Esse arquétipo de herói é que a juventude almeja em sua vida.

Roland Barthes (apud NUNES, 2012) também defende que **mito** é um discurso que traz uma mensagem que pode ser representada por um texto escrito, oral ou por imagens, como fotografia, cinema, reportagem, espetáculo, publicidade, tudo pode ser dotado de significação à fala mítica.

Sobre o mito contemporâneo, Garcia (2009) afirma que este não tem caráter sagrado, não há presença das forças sobrenaturais, o personagem é um homem comum ou é figura que advém da literatura, das histórias em quadrinhos, do cinema,

³⁷ George Walton Lucas Junior nasceu em Modesto, Califórnia, em 14 de maio de 1944. Decidiu estudar cinema na Universidade da Califórnia do Sul e lá conheceu **Francis Coppola**. Na época fez uma série de pequenos filmes, entre os quais, um curta, THX-1138, que iria se tornar mais tarde seu primeiro longa-metragem. O produtor cinematográfico, roteirista e cineasta é famoso no mundo todo pelas franquias **Star Wars** e **Indiana Jones** (LUCAS JUNIOR, 2020).

da teledramaturgia. A vivência mítica acontece devido ao desejo de possuir as características de seu ídolo para que se aproxime o máximo dele. Esse ídolo pode ser apenas um ser humano real ou fantasioso. A relação entre ídolo e admirador pode ser sadia ou doentia por causa do fanatismo, da ignorância, da alienação. Como é o caso de John Lenon que foi assassinado por um fanático admirador que, desequilibrado emocionalmente, cometeu este ato criminoso contra quem tanto admirava.

Voltando à abordagem literária, de acordo com o teórico Mielietinsky (apud MONFARDINI, 2005), a partir do século XVIII até o início do século XX, há a identificação do processo de desmitologização na literatura. Diante desse processo, surgem duas novas formas de relação com a mitologia: a mitologia na concepção antropocêntrica que origina o mito burguês e a segunda mitologia que traz a identidade entre a natureza e o espírito humano. Essas duas novas relações com a mitologia têm como referência a corrente realista e a romântica. A nova mitologia dos românticos é caracterizada com o fantástico e o maravilhoso, na maioria das vezes, com humor e ironia, sendo que o fantástico do cotidiano, em Hoffmann (apud MONFARDINI, 2005), é apresentado pela força fantástica e mítica do outro mundo por meio de objetos, pessoas e situações comuns. Dentro desse contexto, há a presença de mitologias tradicionais, heróis mitológicos e a oposição entre dois mundos: cotidiano e fantástico (MONFARDINI, 2005).

Mielietinsky, como outra forma de mitologização, descreve que o realismo mágico apresenta o mitologismo em que os motivos crítico-sociais são relacionados com os da tradição folclórico-mitológica local, comum entre os latino-americanos e afro-asiáticos (MONFARDINI, 2005).

Trazendo para o diálogo, Todorov (apud GAMA-KHALIL, 2013),

O leitor é obrigado a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Essa hesitação, presente no plano da narrativa e no da recepção, caracteriza o discurso amplamente metafórico instituído pela literatura fantástica, pois nela os planos da imaginação e da conotação suplantam o da realidade, fazendo com que o receptor movimente sua interpretação, no sentido de questionar o conceito da realidade que tem em seu entorno (TODOROV apud GAMA-KHALIL, 2013, p.22).

Para exemplificar a literatura fantástica temos a obra **Harry Potter** que foi um enorme sucesso entre os adolescentes por conta do mito que se criou em torno do

personagem central, Harry, um menino de onze anos provido de poderes sobrenaturais (SILVA, 2008). É uma saga que trata de um mundo fantástico com aventura e suspense. Harry descobre a existência de um mundo cheio de fantasia com a escola para bruxos na qual teria que enfrentar o bruxo das trevas. Nesta saga, os adolescentes se identificaram com o mundo fantástico, com o poder dos personagens e com a aventura. A narrativa leva o adolescente a se transportar para o contexto da história e lutar, com o Harry, contra a força do mal, vencendo os desafios e a sair em busca de sua bem-aventurança.

A narrativa de Harry Porter, como outras histórias fantásticas, conduz o jovem-leitor a descobrir imagens que remetem a arquétipos que dialogam com os adolescentes, levando-os a absorverem mensagens carregadas de significados mítico-simbólicas. Dentro desse imaginário, a literatura veicula valores e sentidos que são fundamentais na formação da personalidade do jovem-leitor. A saga veio retomar o fantástico que estava esquecido e reacendeu o imaginário do jovem, possibilitando a interação com a narrativa, externando seu senso crítico e anexando valores essenciais na formação da personalidade (SILVA, 2008).

Diante dessa perspectiva, como foi relatado na pesquisa **O poder do mito e dos super-heróis na educação**, de Chatack [201-], os jovens buscam pela sua identificação nos mitos da atualidade e, com isso, novos símbolos da mitologia são inseridos nas aventuras com os heróis nos quadrinhos, nas produções cinematográficas, nas animações. Reblin (2012) afirma que os super-heróis são os novos mitos contemporâneos, ficção que faz parte do imaginário popular. O estudioso também discorre sobre a identificação com os personagens se faz tão presente que os leitores se caracterizam como seu ídolo para que, no seu imaginário, tornem-se como ele e vivenciem as mesmas aventuras. Os valores dos heróis são assimilados e acabam influenciando a vida de seus seguidores.

Essas narrativas mitológicas são criadas para explicar a origem das coisas, o mundo em que vivemos, o que acontece no interior das pessoas e a discernir o que é certo do que é errado, enfim, ensinam a viver. Esses ensinamentos são transmitidos através dos símbolos que são representações criadas a partir de observações da natureza e do universo.

É necessário saber, portanto, o que os símbolos têm muito a nos dizer sobre a sabedoria do mundo que precisamos absorver as mensagens simbólicas por meio das narrativas, tema que será tratado na próxima subseção.

3.2 SÍMBOLOS REPRESENTAM MITOS

O mito, como o símbolo, constrói sua própria realidade, mas o primeiro não tem consciência dessa criação devido à sua produção de ficção ser inconsciente, ou seja, não tem consciência de sua autoria visto que o mito é resultado de experiências coletivas da humanidade e ele não se reconhece como o criador dessa ficção. Nesse contexto, não há importância para a subjetividade do homem, mas para os elementos do mundo. De acordo com a história da humanidade, o homem começa a ter aprendizagens com o mito mediante organização interna, ou seja, as suas esperanças e temores. “As emoções expressas são transformadas em imagens e essas imagens são as interpretações do mundo exterior e interior” (CASSIRER, 2009, p. 306). E para melhor compreender o universo dos símbolos, é importante trazer de volta à reflexão alguns teóricos.

A importância da representação do símbolo nas artes permitiu o aparecimento de um movimento denominado simbolismo que promoveu a aliança entre a palavra, o som e a música.

[...] o símbolo serviu para nomear e conferir *status* a uma corrente literária cujas conquistas, repondo em circulação a aliança entre a palavra, o som e a música em voga na Idade Média trovadoresca, influenciaram várias gerações [...] tornando-se verdadeiramente o berço das múltiplas tendências de vanguarda que se acobertavam sob o selo da modernidade (MOISÉS, 2013, p. 439, grifo do autor).

Moisés (2013) assevera que, na segunda metade do século XX, René Wellek³⁸ e Austin Warren,³⁹ na **Teoria da literatura e metodologia dos estudos**

³⁸ René Wellek nasceu em 22 de agosto de 1903 e faleceu em 11 de novembro de 1995. Foi um importante crítico literário e professor ligado inicialmente ao Círculo Linguístico de Praga. É reconhecido nos Estados Unidos como o fundador dos estudos de literatura comparada (WELLEK, 2020. Não paginado).

³⁹ Austin Warren (1899-1986) foi um teórico e crítico literário americano. Warren ficou conhecido devido às suas escritas sobre Alexander Pope, Henry James e Richard Cranshaw. Colaborou com René Wellek com um dos primeiros trabalhos de sistematização sobre Teoria Literária (WARREN, [20-]. Não paginado).

literários, distinguem o símbolo de signo. Posto isso, ainda há, com os estudiosos contemporâneos, divergências com relação à definição da palavra símbolo.

Moisés (2013) acrescenta que, entre os teóricos apontados, Saussure⁴⁰, na linguística, definiu que **símbolo** é um signo, mas nem todo **signo** é um símbolo. O **signo linguístico** é caracterizado como símbolo por figurar a expressão, a forma, a concretização do objeto abstrato. Continua Saussure:

O objeto do símbolo não se encontra no mundo material senão na hipótese em que o objeto concreto oculta ou gera um mistério, um segredo, que se traduz, não pelo objeto em que contém, mas pelo símbolo linguístico, criado para exprimir ou representar (SAUSSURE apud MOISÉS, 2013).

Retomando o pensamento de Freud, temos que **símbolo** é representação de forma figurada ou indireta dos conflitos e desejos que estão ocultos, no inconsciente. É a relação do comportamento expresso por meio do pensamento e da palavra, com o que está oculto (CHEVALIER, 2019).

No mundo moderno, como afirma Gilbert Durand (apud MONFARDINI, 2005) os símbolos, arquétipos e esquemas, dentro de uma nova realidade, são adaptados, em narrativas nas quais o mito é apresentado. As imagens e símbolos estão presentes na literatura, reafirmando a existência dos mitos dentro do novo contexto.

Na concepção de Eliade (1972), o mito é a representação de arquétipos para todas as sociedades, seja no campo psicológico, biológico ou espiritual. Ele é caracterizado como modelo exemplar para as condutas humanas e Jean Chevalier (2019) confirma que o mito é reproduzido em narrativas por meio de arquétipos que direcionam a vida para a construção da personalidade do ser humano e essas mensagens são veiculadas por meio de símbolos.

Na visão de Carl Jung (apud CHEVALIER, 2019), os símbolos estão presentes no inconsciente por meio dos arquétipos, que são imagens primordiais universais que ficam no inconsciente coletivo, são memórias dos antepassados, passando de geração em geração. Os padrões são representados por meio de símbolos potentes que traduzem mensagens significativas.

O estudioso, Chevalier (2019), por sua vez, esclarece que o símbolo, nos primórdios, era um objeto dividido em dois e que cada pessoa guardava sua metade

⁴⁰ Ferdinand Saussure (1857-1913) foi um importante linguista suíço, estudioso das línguas indo-europeias, foi considerado o fundador da linguística como ciência moderna (SAUSSURE, 2020. Não paginado).

por um período longo. Tempos depois, quando se juntavam as metades, alcançava-se a significação de laços de hospitalidade e de amizade. Com essa ideia, na Grécia Antiga, os pais reencontravam seus filhos após um período de abandono. Então, o símbolo é capaz de separar, mas de unir também, ou seja, é a reunião das partes separadas. A união das partes separadas entende-se como a união entre o plano espiritual e o plano concreto. Entretanto, o teórico chama a atenção sobre a dificuldade na definição de símbolo, porque o uso das palavras é relevante para dar significado ao símbolo; embora os vocábulos não sejam capazes de dar conta de todos os sentidos.

A interpretação do símbolo é subjetiva devido à herança biofisiopsicológica de uma humanidade milenar, considerando as diferenças culturais e sociais do meio em que se vive, as experiências individuais acumuladas e o momento de vida atual do indivíduo.

Nessa direção, o filósofo Ernest Cassirer (2009) define **símbolo** como uma energia espiritual que se expressa por meio de um conteúdo de significado e é relacionado a um signo concreto que lhe é atribuído interiormente. Com essa definição, entende-se que a relação do homem com o mundo é vertical por meio dos signos e imagens e essa relação é mediada pelas diferentes construções simbólicas. Estas diferentes formas simbólicas acontecem devido ao material sensível que é traduzido em conteúdo significativo com caráter simbólico. É dessa forma que o homem se relaciona com o mundo, ou seja, o espírito com o material sensível. O teórico afirma também que para compreender o símbolo, é importante entender a relação entre signo e significado, além de sua origem no campo espiritual. Essa relação acontece de forma diferenciada em cada campo do conhecimento. No caso do mito, a conexão é de identidade e, na linguagem, é de representação. No pensamento mítico, não há diferença entre o signo e o significado, não se separa a ideia da coisa, ou seja, palavra e coisa são inseparáveis. Há identidade da coisa, representada, com a palavra. Então, a palavra é vista como a própria coisa. Cassirer define como formas simbólicas: o mito, a linguagem, a religião e a ciência.

A mesma concepção pode ser encontrada em Campbell (1949) quando o mitólogo afirma que os símbolos facilitam a comunicação entre dois mundos: o concreto e o espiritual:

Os símbolos são meros veículos de comunicação; não devem ser confundidos com o termo final, o ponto essencial a que se referem. Pouco importa o poder de atração que trazem consigo ou a impressão que podem causar; os símbolos permanecem como meros meios convenientes, adaptados às necessidades de compreensão (CAMPBELL, 1949, p. 146).

Com base nessas definições, constatamos a singular complexidade que envolve os conceitos de mito e de símbolo. A partir das reflexões apresentadas sobre esses conceitos, na próxima subseção trataremos da função simbolizante da imaginação.

3.3 A FUNÇÃO SIMBOLIZANTE DA IMAGINAÇÃO

No mundo contemporâneo, os mitos antigos são reatualizados, novos mitos modernos são introduzidos e os símbolos estão presentes na imaginação. No cotidiano das pessoas, os símbolos estão testemunhados na linguagem, nos sonhos, nas ações e, sem que percebamos, os símbolos são utilizados, conscientemente ou não. Assim, como demonstram estudos recentes, a realidade simbólica é reconhecida pelas ciências e pelas artes. Não há como não reconhecer as estruturas do imaginário e a função simbolizante da imaginação porque os símbolos estão presentes no mundo e “o mundo dos símbolos vive em nós” (CHEVALIER, 2019, p. 12).

Diante das concepções de símbolos e mitos, identificamos o mito na vida do homem e a presença do símbolo no mito. A filósofa Lúcia Helena Galvão (2014) afirma que, com o mito, podemos compreender a própria vida por meio da reflexão simbólica, ou seja, que os mitos têm muito a nos ensinar e a nos dizer.

Na esteira de Galvão (2014), Chevalier (2019) afirma que o símbolo apresenta função pedagógica e mesmo terapêutica porque oferece respostas relacionadas ao conhecimento, à ternura e à segurança. A realidade retratada não condiz com sua imagem exterior. É indefinível, mas é alimentada com energia física e psíquica. Com isso, o indivíduo sente-se, ao mesmo tempo, receoso e despreocupado, mas percebe que há uma nova direção em sua vida. Não é possível rechaçar o símbolo da vida do homem porque, sem símbolos, o homem ficaria sem espiritualidade, ficaria sem percepção de outra dimensão. O símbolo sempre tem algo a ensinar ao ser humano em toda a vida. A presença do símbolo é “[...] energia física e psíquica que fecunda, cria e alimenta” (CHEVALIER, 2019, p. 28).

Diante da função pedagógica, não se pode perder de vista a função imaginativa, nem o significado do símbolo e das diferentes realidades. É necessário prudência em relação aos riscos e abusos da identificação da personalidade, quando não se diferencia a realidade do símbolo. Essa identificação apresenta vantagens, mas não convém que seja prolongada para não prejudicar a formação da personalidade autônoma. Os símbolos são fundamentais na formação da criança e do adulto no que se refere ao desenvolvimento da imaginação criadora e o sentido do invisível (CHEVALIER, 2019). O teórico também afirma que a função socializadora do símbolo provoca a comunicação com o meio social porque cada época apresenta seus símbolos. Comunicar com esses símbolos é estar interagindo com o grupo social dessa realidade e, uma vez que uma sociedade declara que não possui símbolos, é uma sociedade sem vida.

Levando em conta a congruência do símbolo, sua tradução se insere numa certa lógica. Como afirma Gilbert Duran (apud CHEVALIER, 2019, p. 27), “mesmo nos casos que levam à maior confusão mental, prende-se sempre a uma lógica dos símbolos, seja ela ou não empobrecida”.

Para Mircea Eliade (1972), “a lógica dos símbolos encontra sua confirmação não apenas no simbolismo mágico-religioso, mas também no simbolismo manifestado pela atividade subconsciente e transcendente do homem”.

Chevalier (2019) considera fundamental compreender que o que distingue a origem da lógica dos símbolos da ideia ilusória é a sua constância e a sua relatividade. A constância é apresentada na história das religiões, das sociedades e do psiquismo individual em que há o mesmo processo dentro da diversidade iconográfica e literária, com os mesmos modelos e as mesmas estruturas, não podendo incorrer em estereótipos definitivos. A constância é baseada na relatividade.

Ainda de acordo com o que afirma Chevalier (2019), os símbolos podem ser apresentados de formas diferentes por meio de imagens, da formulação verbal da época vigente, e a interpretação, a participação emotiva e imaginativa é similar. Em relação ao pensamento histórico, a riqueza do pensamento mítico, segundo ele, é superior.

Enfim, com a transformação das sociedades, há atualização dos símbolos com novas linguagens e diferentes repercussões, não esquecendo a orientação

primordial, que são a intuição original e a interpretação adequada (CHEVALIER, 2019).

Sob outro entendimento, um mito pode ser atualizado devido à nova leitura dos símbolos, mas não se pode perder de vista a sua essência:

Ler uma mitologia muitas vezes milenar com os olhos de um analista contemporâneo não é trair o passado, não é iluminá-la com uma luz mais intensa – é, talvez mesmo, ficar cego diante de certa luz. No entanto, essa leitura viva, que se anima à chama do símbolo, participa de sua vida própria, tornando-a, a um só tempo, mais intensa e mais atual. A narrativa ou a imagem permanecem as mesmas; mas vibram em níveis diferentes de consciência e de percepção, em meios receptivos em maior ou menor grau, e os matizes do símbolo variam com os próprios termos da relação que os constitui. Todavia, essas relações continuam a ser isomórficas. Uma força vetorial no seio da estrutura profunda continua a comandar as diferentes interpretações, que progridem ao longo dos séculos, girando em volta de um mesmo eixo simbólico (CHEVALIER, 2019, p. 15).

Quanto à mensagem do mito, podemos afirmar que ela é sempre muito atual. Mesmo que a sociedade seja moderna e diferente da sociedade primitiva, a essência do ser humano é a mesma no que diz respeito aos medos, às angústias e às alegrias. As aprendizagens só acontecem quando há entendimento dos mitos, o que eles têm a nos ensinar por meio dos símbolos. Como defendem os teóricos, a vida é pedagógica e sempre temos o que aprender com os símbolos e mitos.

Dentro dessa contextualização, o jovem-leitor de textos como os manejados por Maria de Lourdes Abreu de Oliveira está descobrindo um mundo simbólico e mítico na leitura de narrativas contemporâneas por meio de resignificação, muitas vezes, dos símbolos, possibilitando uma nova leitura das obras clássicas e, conseqüentemente, construindo novas aprendizagens.

Pensando no mundo simbólico e mítico presente em narrativas contemporâneas ou não, na próxima subseção intitulada, **O direito à literatura**, abordaremos a relevância da literatura na vida do ser humano e o papel da escola, na literatura, no mundo contemporâneo.

3.4 O DIREITO À LITERATURA

Neide Luzia de Rezende (2013), na palestra que proferiu no **I Simpósio Texturas do saber**, em São José do Rio Preto, em 2010, afirma que, nas últimas

quatro décadas, o advento das teorias linguísticas no ensino de língua portuguesa trouxe um questionamento sobre o ensino da gramática normativa, como único conteúdo de trabalho nas escolas. Quando os professores já não defendiam o ensino tradicional da gramática, instaurou-se, em seguida, um novo modelo denominado teoria dos gêneros. Posteriormente, foram empreendidas, na literatura, novas tentativas de mudança para os ensinos fundamental e médio, devido às novas ferramentas da própria linguística e de abordagens literárias provenientes de outras áreas (psicanálise, sociologia, antropologia e filosofia, por exemplo), além do incentivo de propostas oficiais tanto no âmbito federal, como no estadual e municipal.

Devido aos resíduos do positivismo e da visão marxista do século passado, há o domínio da História da literatura que indica como centro o nacionalismo literário cuja perspectiva de trabalho tinha os autores e obras do cânone português e brasileiro, com suas características formais e ideológicas. O livro didático pisava num território da história positivista dos séculos passados e também pela visão marxista (CANDIDO apud REZENDE, 2013).

O livro didático era o material de apoio de muitos professores e, assim, as aulas de literatura eram ministradas de acordo com as seguintes estratégias:

[...] uma atividade oral de leitura de fragmentos pelos alunos, seguida por perguntas e respostas, sendo que estas já se encontram no manual do professor, ou seja, os alunos vão ter de se ajustar, como no leito de Procusto, as respostas elaboradas de antemão, que o próprio professor provavelmente tampouco saberia responder se não as tivesse ao alcance; cópia, no caderno, de trechos do livro e dos questionários para responder por escrito com o objetivo muitas vezes de manter os alunos quietos e ocupados, [...] cópia do livro na lousa, feita pelo professor para os alunos copiarem, [...] pesquisa sobre autores e obras, que os alunos fazem pela *internet* apenas baixando os arquivos [...]; seminários sobre autores e obras cujo cronograma igualmente segue a linha do tempo da história da literatura nacional e a do antigo colonizador etc (REZENDE, 2013, p. 101).

Conforme podemos depreender das palavras de Rezende (2013), as aulas de literatura, no ensino médio, têm como alicerce a reprodução de conhecimentos por parte dos alunos por meio da memorização dos conteúdos para que sejam repetidos em avaliações. Com esse trabalho, os discentes não se posicionam criticamente diante do que lhes é apresentado. Não há diálogo com os aprendizes e isso acarreta um silêncio interior perante um ensino tradicional que a escola oferece. Essa forma de conduzir essa disciplina não traz significado para os alunos, o que a torna

enfadonha e sem atrativo. Não há preocupação em lançar a semente para que os desperte para o celeiro da leitura e, assim, tornarem-se leitores. Esse deve ser o mote do ensino da literatura que tem que ser além do simples cumprimento do planejamento curricular.

Caio Meira (apud TODOROV, 2012) também compartilha que os alunos do ensino médio, encontram com o texto literário por meio de exemplos para compreensão de regras e formações da língua portuguesa bem como o ensino da história e dos gêneros literários, ou seja, é a utilização pedagogizante da literatura. Perante esse fato, muitos alunos chegam ao curso superior em Letras sem ter experienciado a leitura de contos, romances ou poemas canônicos da literatura. Constatamos que estes profissionais que serão futuros professores não tiveram a oportunidade de ter a formação intelectual e afetiva lendo obras que realmente contribuem para a formação do leitor-cidadão.

Esses fatos incitam uma grande preocupação com o futuro da literatura já que muitos alunos, por não terem caído na boa armadilha da leitura, acabam por se afastarem do texto literário e, conseqüentemente, distanciam-se da leitura de obras literárias.

A teórica Regina Zilberman (apud REZENDE, 2013) afirma estar preocupada com o desaparecimento da literatura na escola brasileira e critica o fato de que a educação atual não pensa em outro tipo de escola na qual a leitura literária possa ser a base essencial.

Demonstrando a mesma preocupação com o destino da literatura, Tzvetan Todorov (2012) assinala o perigo em que a literatura se encontra perante uma disciplina literária que não trabalha com o mundo real e contemporâneo, mas fica atrelada exclusivamente ao ensino formalista-estruturalista, ou seja, o trabalho com fragmentos de uma obra literária como pretexto para o ensino da gramática e de análise estrutural, que fica distanciada da relação com a realidade e com a vida. A preocupação também é devido à literatura não ter o poder de participar da formação cultural do indivíduo, ou seja, do cidadão. Isso acarretará o abandono da literatura pelos leitores.

Amparadas nessas reflexões, defendemos que o enfoque do trabalho com a literatura no âmbito escolar tem que ser mais consistente no sentido de que o aluno perceba o envolvimento que a literatura tem com o mundo porque “[...] a literatura

não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” (TODOROV, 2012, p. 22) que podem dialogar com a leitura e, assim, contribuir para novas descobertas relacionadas à vida e ao mundo. No entanto, há o reconhecimento de que a análise estrutural tem seu objetivo e pode contribuir com a análise de uma obra, só que não pode ser esta, a finalidade do trabalho literário como afirma Todorov:

É verdade que o verdadeiro sentido da obra não se resume ao juízo puramente subjetivo do aluno, mas diz respeito a um trabalho de conhecimento. Portanto, para trilhar esse caminho, pode ser útil ao aluno aprender os fatos da história literária ou alguns princípios resultantes da análise estrutural. Entretanto, em nenhum caso, o estudo desses meios de acesso pode substituir o sentido da obra, que é o seu fim (TODOROV, 2012, p. 31).

A ideia do teórico é que os conceitos sejam postos em prática e as técnicas sejam apreendidas no ensino superior, mas que, no ensino médio, em que não há especialistas em literatura, deve-se trabalhar com as obras de forma a buscar a fruição do leitor. Não se pode esquecer que o objetivo é o trabalho com a literatura e não com os estudos literários.

Todorov (2012) chama atenção para o fato de que a literatura ajuda as pessoas a viver, faz descobrir mundos, relacionar as experiências, compreendendo-as, como elementos constituintes do mundo em que se vive. A literatura amplia o universo, possibilita a interação com outras pessoas, promove sensações que faz o leitor ver a beleza do mundo. A literatura, entretanto, não é uma simples distração, ela possibilita que o lado humano aflore porque retrata questões e discussões relacionadas à vida. Este é o aspecto que Todorov ressalta.

Na mesma linha de pensamento, Antonio Candido (1972) apresenta uma visão da literatura voltada para a função humanizadora que confirma a humanidade no homem, “Como algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem” (CANDIDO, 1972, p. 82).

Humanização é:

[...] processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da

complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2011, p.182).

Sobre a humanização, quando se pensa no papel da literatura, pensa-se na função psicológica que ela exerce, porque o homem não pode viver sem ficção e fantasia, pois elas são necessidades universais que alimentam o indivíduo. A fantasia está presente no ambiente natural, nos problemas humanos, ou seja, na vida. O texto literário possibilita a vivência da imaginação e permite que o leitor faça a relação com a realidade em que vivemos. No decorrer desse caminho, propicia, ao leitor de ficção e de fantasia, a construção da sua personalidade devido ao armazenamento de informações no consciente ou inconsciente, o que contribui na formação da criança e do adolescente (CANDIDO, 1972). E o teórico tece considerações sobre a função social da literatura, afirmando que a mesma está voltada para as experiências humanas, e que desperta o interesse pelos elementos contextuais levando em conta os problemas individuais e sociais do mundo que estão presentes nas obras. Assim, fica evidente a força humanizadora que atua na formação do homem e, como força humanizadora, não educa como se faria por meio de um manual de boas condutas.

A literatura, como a vida, ensina e educa para que a formação do ser humano seja sólida e forte para enfrentar as adversidades da vida. A defesa é no sentido de que “Ela não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 1972, p. 85).

Ana Maria Machado também defende que ler literatura é direito assim como Antonio Candido o fez.

Assim, à minha reivindicação de ler literatura (o que, evidentemente, inclui os clássicos), porque é nosso direito, vem se somar uma determinação de ler porque é uma forma de resistência. Esse patrimônio está sendo acumulado há milênios, está à minha disposição, uma parte é minha e ninguém tasca (MACHADO, 2009, p. 19).

Esse direito não pode ser negado para os leitores porque, por meio da leitura, criam-se possibilidades na vida, oportunidades de viver simbolicamente outras experiências com a literatura de ficção. Direito e resistência são dois motivos,

segundo Machado, para se ler clássicos, mas o principal motivo é o prazer que essa literatura nos oferece (MACHADO, 2009).

Nelly Novaes Coelho (2000), também defende a importância da literatura, afirmando que:

[...] a literatura é a mais importante das artes, pois sua matéria é a *palavra* (o pensamento, as ideias, a imaginação), exatamente aquilo que distingue ou define a *especificidade do humano*. Além disso, sua eficácia como instrumento de *formação do ser* está diretamente ligada a uma das atividades básicas do indivíduo em sociedade: a leitura (COELHO, 2000, p.10, grifo da autora).

Concordando com o pensamento de Coelho, Antonio Candido (2011) confere à humanidade o direito à literatura como uma condição essencial para a vida que se iguala ao direito à moradia, à alimentação e à proteção. A humanidade não pode viver sem sonho, sem ficção. Esse direito é para todos, sem distinção de classe social, etnia ou faixa etária.

O autor de **O direito à literatura** defende, ainda, que:

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade (CANDIDO, 2011, p. 176).

Com essas palavras, Candido nos certifica que a literatura está presente em cada pessoa, independentemente da classe social, por meio da ficção ou da poética. A literatura também se manifesta em uma anedota, no devaneio amoroso no ônibus, em uma novela, na leitura seguida de um romance. Está em todos os níveis e modalidades, do popular ao erudito. É tão primordial e necessária à satisfação de uma pessoa que a literatura torna-se um direito de todo cidadão. Outro argumento de Candido é que a literatura é indispensável para que haja equilíbrio emocional e é, por meio do sonho, que acontece durante a noite, que leva ao equilíbrio psíquico. Como diz Otto Ranke (apud CANDIDO, 2011, p. 177) “[...] a literatura é o sonho acordado das civilizações”, portanto, imprescindível fator de humanização.

Desse ponto de vista, a escola tem que ter um olhar para a literatura como humanizadora, formadora e, principalmente, como direito do aluno. Não deixar que a

disciplina literatura perca sua principal função que é trazer o aluno para dentro do universo literário de forma prazerosa a fim de que possa dialogar com outros mundos e com outros tempos. A escola deve entender que a literatura possibilitará ao leitor conhecer outras pessoas, outros lugares, outros tempos e obter outros conhecimentos, assim como proporcionará a formação da essência do ser humano e abrirá novas perspectivas mediante a leitura de mundo para este jovem-leitor.

Diante dessa proposição, a presença da literatura na escola aproxima o aluno da vida porque permite a ele viver a humanização em todos os sentidos devido à sua potência cognitiva, linguística, poética, emotiva, sensível e social. É conectar a escola com a vida com a aproximação com a nossa própria natureza. Ela permite a leitura de nossa vida por meio da trajetória dos personagens. Por essa razão, a literatura tem que estar na escola como um direito dos alunos (AMARILHA, 2019).

Robson Coelho Tinoco (2013) afirma sobre a necessidade de a escola mudar seu olhar acerca da literatura, a fim de que encontre sua verdadeira função:

Ou essa nova escola – professores, alunos, agentes administrativos – se adapta produtivamente à realidade contemporânea ou estará fadada a perder o rumo da história nacional, regional e mundial. Adaptação produtiva, no sentido de renovar a crítica aos costumes, aos valores, aos preconceitos, no sentido de redirecionar o olhar do aluno para a função cultural da leitura como veículo de conscientização social e fonte de prazer estético [...] (TINOCO, 2013, p.137).

A escola deve, então, selecionar as obras com conteúdos significativos para o aluno, obras que possam afetar e deixar marcas que farão parte da formação deste leitor. Como afirma Rouxel (2013), o desafio é desenvolver o gosto pela leitura, é contribuir para a construção da identidade do leitor, bem como, para com o crescimento de sua personalidade.

Segundo os jovens, a experiência literária tem que ser um acontecimento que venha a acrescentar à sua personalidade questões relacionadas ao momento de vida em que se encontram como amor, a morte, o desejo, o sofrimento etc. Não importa se a literatura pertence ao cânone ou não. O importante é estar dentro do contexto esperado pelo jovem-leitor que aborda as emoções e as vivências que ficam à margem da consciência e da memória. A literatura leva o leitor a descobrir os símbolos e suas mensagens os quais enriquecem o imaginário, aguçam a sensibilidade e constroem pensamentos. Isso leva à construção da identidade do jovem por meio da leitura (ROUXEL, 2013).

A escola, diante de seu trabalho literário, não pode deixar de promover o encontro com as obras do passado.⁴¹ “Deve-se estimular a curiosidade por esses objetos estranhos cujos códigos linguísticos, éticos, estéticos são desconhecidos ou pouco conhecidos” (ROUXEL, 2013, p.27). O professor, atuando como mediador, deve ser criativo para aproximar o aluno dessas obras por meio de relações com outros objetos semióticos da mesma época como utilizar uma adaptação contemporânea da obra como um caminho para se chegar ao original da obra clássica. Até mesmo realizar uma leitura de um clássico e compará-lo a uma obra atual, desde que as duas obras retratem o mesmo enredo. Estes diálogos podem facilitar a compreensão dos jovens e despertar o interesse pelas obras clássicas (ROUXEL, 2013).

É importante ressaltar que a prática da leitura de obras clássicas intermediada por adaptações cinematográficas permite ao jovem-leitor compreender e interagir com o texto literário com fruição. Esse movimento acredita que a obra reviva e contribua para a transformação dos jovens e que também ocorra “[...] um fenômeno próprio da leitura literária: a alteração da obra pelo leitor e a alteração do leitor pela obra” (ROUXEL, 2013, p. 28). Com isso, o leitor interage com o processo de leitura de literatura,

[...] com o corpo que sonoriza e que ouve, com o coração pelas emoções que sente, sentimentos que experimenta, com a cognição pelo processo imaginativo que convoca sua memória, criatividade, esquemas mentais estruturantes da apreensão de sentidos por meio da língua e da elaboração de novos significados (AMARILHA, 2019, p. 19).

Diante desse contexto, o professor, ao selecionar uma obra literária, deve ter em mente se o conteúdo está dentro de um universo significativo, orgânico e coerente, se sua mensagem está inscrita em uma consciência de mundo e em uma filosofia de vida; elementos esses essenciais para atrair os jovens para o universo da literatura.

Lembrando que Todorov (2012) sustenta que as obras estão inseridas em um contexto e estabelecem um diálogo com esse universo, portanto, é primordial que o professor conheça o propósito da obra para saber a validade de seu estudo porque, no geral, o leitor-aluno realiza a leitura da obra para encontrar um sentido a fim de

⁴¹ Referem-se às obras clássicas da literatura, como por exemplo, a **Odisseia**, de Homero.

entender melhor o homem e o mundo para, conseqüentemente, entender melhor a si próprio. Esta reflexão nos leva à compreensão de que a literatura não pode ter um fim em si mesma, a literatura é um meio que leva à realização pessoal de cada leitor. Assim, nesse percurso, poderemos ter como produto do trabalho o amor pela literatura. Nessa perspectiva, Nelly Novaes Coelho (2000) discorre sobre o impacto da leitura de uma obra literária na vida de um leitor:

No ato da leitura, através do literário, dá-se o conhecimento da consciência de mundo ali presente. Assimilada pelo leitor, ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso a dinamizá-la no sentido de certa transformação...). Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é o livro lido. Só assim o conhecimento da obra se fará e sua leitura se transformará naquela aventura espiritual [...] (COELHO, 2000, p. 51).

Todorov, reafirmando o valor da literatura, menciona, por exemplo, o relato de uma prisioneira de Paris, que declara o seu amor pelos livros:

[...] as personagens dos livros podem se tornar companheiras confiáveis. [...] são mais verdadeiras que as criaturas de carne e osso, porque são inesgotáveis. É por essa razão que elas são minhas amigas, minhas companheiras, aquelas graças às quais estamos ligados a outros seres humanos, na cadeia dos seres e na cadeia da história (TODOROV, 2012, p. 75).

Sob este ponto de vista apresentado pela prisioneira, concordamos que a literatura é poderosa diante da capacidade de aproximar as pessoas quando elas estão sozinhas ou deprimidas, possibilitando a compreensão do mundo e auxiliando as pessoas a viverem melhor. O leitor procura obras que realmente oferecem algum sentido para a sua vida, fato que pode transformar o interior de muitas pessoas o que contribui para que a literatura permaneça viva entre nós.

Ana Luísa Lacombe (2011), pesquisadora na linha da linguagem da narração de histórias associadas ao teatro, relata também o quanto as narrativas são valiosas para a vida das pessoas:

Às vezes têm um mundo simbólico enorme, cheio de experiências profundas, mas abandonam estas histórias, guardam-nas tão fechadas e tão escondidas que se esquecem [de] que elas existem e de como são importantes para a construção do ser que somos (LACOMBE, 2011, p.117).

Diante do que foi exposto, para que a literatura não desapareça, a escola se apresenta como importante meio de acesso às obras literárias, “[...] a escola é um elo fundamental da cadeia que se estabelece entre autor-obra-público [...]” (LAJOLO, 1986, p.45), mas a mesma tem que produzir um trabalho que traga o aluno para dentro da obra, que ela tenha relação com a sua vida, que traga uma mensagem que acrescente na sua formação interior, que o humanize. Todorov (2012) afirma que os romances populares, como **Harry Potter**, levaram milhões de jovens ao hábito da leitura e à construção de imagens coerentes acerca do mundo. E Maria Amélia Dalvi (2013), diz que a literatura popular discorre sobre temas de questões existenciais que marcam a humanidade e agradam os jovens. É um caminho que a literatura pode explorar para atrair leitores iniciantes.

O desafio da instituição escolar manifesta-se no fato de que “[...] o ensino da literatura deveria seguir esse escopo: aumentar as possibilidades de que, na experiência literária dos alunos, os efeitos considerados profícuos, desejáveis, esperados prevaleçam aos considerados negativos [...]” (BARENGHI, 2018. Não paginado.)

Para que possamos obter bons resultados com o trabalho literário na escola, a literatura em si tem que ser apresentada como um convite para o leitor viver experiências humanas, entender a importância da assimilação do conteúdo simbólico para a vida, “[...] **literatura** é encenação simbólica da vida por meio da palavra” (AMARILHA, 2013, p. 18). Com isso, há o enriquecimento do imaginário e da sensibilidade por intermédio da experiência fictícia, além do desenvolvimento do pensamento do leitor. Todos esses elementos participam da transformação identitária por meio do ato da leitura (DALVI, 2013).

É imprescindível reafirmar que “[...] é sobre a emoção e a inteligência que se constroem a relação entre estética e literatura. Pela leitura sensível da literatura, o sujeito leitor se constrói e constrói sua humanidade” (ROUXEL, 2013, p.32). A literatura, portanto, não é e não será a grande salvadora de toda a humanidade, mas é a base para se construir cidadãos melhores nos quais possam ser implantados socialmente os ideais de paz, respeito, leveza, cordialidade, lisura, honestidade e preservação (LOURENÇO, 2020).

Finalizando, a escola carrega a responsabilidade de apresentar a literatura para o jovem-leitor de forma que ele se torne cúmplice no ato da leitura. Isso deve

ocorrer por meio de um diálogo no qual o adolescente se sinta parte da narrativa, porque sua vida está inserida naquele enredo. Então, é imprescindível entender que a escola não pode negar o direito do jovem-leitor de ter acesso à ficção e, por meio dela, vivenciar situações referentes à vida com mais naturalidade mediante representação simbólica.

Na esteira destas reflexões, a próxima seção abordará a importância de se ler os clássicos como literatura imprescindível na vida de todos os seres humanos.

4 POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?

Tem todo o tempo Ítaca na mente.
Estás predestinado a ali chegar.
Mas não apresses a viagem nunca.
Melhor muitos anos levars de jornada
e fundeares na ilha velho enfim,
rico de quanto ganhaste no caminho,
sem esperar riquezas que Ítaca te desse (KAVÁFIS, Konstantinos, 2016).

Neste momento, apresentamos os conceitos de **clássico** defendidos por teóricos respeitados visando credibilizar a interrogação construída no título da seção **POR QUE LER E (RE)LER OS CLÁSSICOS?** a fim de argumentar sobre a importância da presença dos clássicos no cenário educacional.

Para isso, observamos o uso da palavra clássico em diversas situações. Segundo o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda, **clássico** é:

De natureza habitual; corrente, corriqueiro: tomamos o clássico cafezinho; considerando como um modelo de gênero; exemplar: obra que se tornou clássica; conforme comum ideal, com as regras ou com os usos estabelecidos, tradicional; considerado como um exemplo em belas-artes; que se reconhece como uma situação consagrada: seu atraso já é clássico na empresa; jogo entre equipes de dois clubes importantes; relativo à Antiguidade greco-latina ou aos grandes autores e à arte dos séculos XVI a XVIII: as línguas clássicas, o teatro clássico, a arquitetura clássica; relativo ou referente ao material usado em sala de aula, autor clássico (AURÉLIO, 2020. Não paginado).

A partir do registro dicionarizado, consideramos a aplicação do vocábulo clássico em variadas modalidades, mas nessa dissertação, o emprego desse vocábulo centraliza-se no campo da literatura.

A etimologia da palavra clássico permite conhecer sua origem e alguns elementos que a compõem:

A palavra “**clássico**” tem a sua origem no latim “**CLASSICUS**”, que por sua vez significa “relativo às classes mais altas do povo romano”, logo, indicava “superioridade”. O vocábulo latino deriva de “CLASSIS”, “classe, divisão, exército” e originalmente designava “quem podia ser chamado às armas”, relacionado à “CALARE”, “chamar”. Ao sentido sociológico de pertencimento a uma classe superior está relacionada à ideia de excelência, de preeminência (ETIMOLOGIA DE CLÁSSICO, [20-], grifos do autor).

A etimologia da palavra *classicus* remete a obras de qualidade, que não estão atreladas a uma determinada época, pois o seu conteúdo universal é atemporal

tornando-a uma obra atual. Em virtude disso, a obra clássica torna-se um referencial, um modelo que mais se aproxima da excelência. É uma obra eternizada, portanto.

A palavra, clássico, sob o ponto de vista sócio-histórico, é originária da Grécia Antiga e define um período da cultura grega, por volta dos séculos V-VI a.C., relacionando os campos da arte, filosofia e ciência. No Renascimento, na cultura ocidental, o mundo clássico foi a referência como excelência nas artes e na literatura. Assim, “a palavra clássico passou, então, a ser sinônimo do grego e do latim antigos” (MALUF, 2008, p. 200).

Conforme o músico e compositor Renato Rocha, “clássica é a obra que tem dimensão universal: consegue atravessar gerações, fronteiras e nacionalidades, sem perder as suas características” (ROCHA, 2008, p. 198).

Uma obra é clássica por ser diferente, torna-se grande e possui uma sobrevida na História. Se pretendesse figurar entre os memoráveis, sua contribuição deveria ser própria e única para o universo geral das obras. Não deveria ser apenas o aprimoramento cada vez mais correto de um modelo já existente. A sua permanência na História não corresponde a um modelo eternizado e idealizado e sim ao seu próprio valor histórico (DUARTE, 2008).

É possível que as obras dotadas da imortalidade a que chamamos de clássica sejam capazes de sobreviver ao perecimento das condições históricas nas quais nasceram não porque, pura e simplesmente, escapam da história, mas sim porque elas criam sua própria história. Elas são tão essencialmente históricas que trazem a história dentro de si, não apenas como aquele entorno exterior empírico. Toda obra, ao se escrever, escreve também sua história (DUARTE, 2008, p. 194).

Ítalo Calvino (2002), em sua obra **Por que ler os clássicos**, apresenta proposições com relação à definição de clássicos. Na concepção desse teórico, os clássicos são aqueles livros que estamos sempre relendo. A primeira leitura pelo jovem-leitor é muito prazerosa porque a obra lhe atribui significado mesmo que sua experiência de vida seja limitada, mas a mensagem fica arquivada na memória. Mesmo inconscientemente, os exemplos ressoam em atitudes posteriores desse jovem, o que é positivo em sua formação pessoal e ética como cidadão. Mesmo quando os leitores da idade adulta estão lendo uma obra pela primeira vez, é como se eles a estivessem relendo porque o clássico retrata a vida e as experiências

vividas. Há uma identidade do leitor com uma obra clássica, tornando-a prazerosa. Rer a obra na idade madura é um prazer diferente da época da juventude.

Segundo o mesmo teórico, os clássicos são obras de conteúdos ricos para os leitores que já os tenham lido e não menos rico para aqueles que estão lendo pela primeira vez. Para o jovem-leitor, talvez, a leitura de um clássico, não frutifique tanto como para um leitor mais maduro devido às suas experiências. Ele segue afirmando que as obras clássicas devem ser lidas motivadas pelo valor formativo do indivíduo presente nas narrativas por meio de modelos e exemplos. O clássico deixa marcas de uma história e de uma cultura em seus conteúdos, bem como o significado da mensagem para seus leitores que devem perpetuar na contemporaneidade. Segundo Calvino:

Isso vale tanto para os clássicos antigos quanto para os modernos. Se leio a Odisseia, leio o texto de Homero, mas não posso esquecer tudo aquilo que as aventuras de Ulisses passaram a significar durante os séculos e não posso deixar de perguntar-me se tais significados estavam implícitos no texto ou se são incrustações, deformações ou dilatações (CALVINO, 2002, p.11).

As obras clássicas são sempre muito atuais por conta de que os temas abordados não retratam somente questões históricas da época em que a obra foi escrita.

A recomendação de Ítalo Calvino, portanto, é que se leia os clássicos por meio de seus originais para que o leitor possa conhecer a arquitetura da obra e fazer a sua leitura nas entrelinhas de acordo com as suas percepções. A leitura realizada por um crítico literário, pesquisador, professor ou por outros leitores, talvez, não transmita tudo o que o autor poderia querer dizer. Esses intermediários podem causar uma “cortina de fumaça” (CALVINO, 2002, p.10), expressão utilizada por Calvino, referindo-se a uma interpretação diferente do que o texto original oferece.

Ler o original é ler sem intermediário, é sentir a emoção que a obra passa para o leitor e esse sentimento tem que ser vivido com muito amor e não com obrigação como defende Calvino. Por isso, a escola deve apresentar alguns clássicos aos alunos para que, a partir deles, os discentes possam escolher aqueles com que melhor se identificam e tê-los como livros de sua vida (CALVINO, 2002).

Concluindo a partir das reflexões de Calvino (2002), clássico remete a uma narrativa atual, atemporal, que não fica encarcerada na antiguidade e os exemplos

destas narrativas tornam-se eternos. A essência do homem é a mesma em qualquer época, vivendo os mesmos problemas existentes no passado. Então, reler um clássico sempre é inovador, independe do tempo em que foi escrito, e os arquétipos de comportamentos o direcionam à vida. Mesmo que os argumentos de uma obra clássica contradigam o seu pensamento, ela é base para sua construção pessoal. O teórico finaliza, dizendo que, por meio dos clássicos, entendemos quem somos e aonde chegamos. Esse fato implica na importância dos clássicos na vida de um jovem-leitor, por isso “[...] ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos” (CALVINO, 2002, p. 16).

Para Sérgio Santeiro (2008), clássico é atributo de classe e classe é referência como o que se ensina na classe, sala de aula, como referência do que é digno de referência. Ainda por classe, entende-se por agrupamento social no qual se ingressa pelo nascimento e que se pode mudar no decorrer da vida. “[...] ter classe é comportar-se sem excessos” (SANTEIRO, 2008, p. 210). Clássico é termo de referência, ou seja, modelo de conduta.

No livro **Como e por que ler clássicos desde cedo** (2009), Ana Maria Machado define clássico:

[...] na literatura, na música, nas artes, na argumentação filosófica, como uma forma significativa que nos “lê”. [...] Mais do que nós a lemos. Não há nada paradoxal nem místico nessa definição. Cada vez que o enfrentamos, o clássico nos questiona. Desafia nossos recursos da consciência e do intelecto, da mente e do corpo [...]. O clássico fica nos perguntando: Entendeu? Está re-imaginando de forma responsável? Está preparado para agir baseado nessas questões, nas potencialidades de um ser transformado e enriquecido que eu estou colocando diante de você? (MACHADO, 2009, p. 22, grifos da autora).

Machado reitera que os clássicos são livros eternos e sempre novos e, que se forem lidos na infância, são fruídos de um modo especial porque o jovem-leitor saboreia o livro e atribui uma importância muito individual e que “[...] não há razão para deixar de ler os clássicos desde cedo. Eles estão à nossa disposição, com toda a opulência de seu acervo, a generosidade de sua oferta. Dispensá-los por ignorância seria uma grande perda” (MACHADO, 2009, p. 24).

Sobre a produção, os escritores clássicos são designados escritores de primeira classe cujas obras são consideradas exemplares. A partir desta

constatação, foram adotadas as denominações para outras manifestações artísticas como teatro clássico, arquitetura clássica e música clássica, por exemplo.

Nas artes cênicas, clássico é marcado pelo valor atemporal que emana de uma obra, sendo reconhecido seu valor histórico ou documental, inerente ao espetacular e que permanece impresso em uma espécie de memória virtual coletiva. Exemplificando uma obra clássica desta natureza:

A *mise-en-scène* de Ziembinski pode ser definida como um clássico na medida em que nela se observa uma durabilidade no tempo, que a faz atual, coetânea ao nosso tempo, pois sua linguagem e seus procedimentos cênicos ainda continuam funcionais, vivos. As ações simultâneas, em planos e tempos diferentes, a distinção entre realidade, memória e alucinação, admiravelmente solucionadas pela montagem, ainda parecem uma novidade para quem não assistiu à sua estreia [...] um sentimento de inesgotabilidade, a montagem, parafraseando Italo Calvino [...] parece que ainda não terminou o que tinha para nos dizer: o clássico é o novo (de novo) e sempre (RIBEIRO, 2008, p. 212, grifo do autor).

A encenação teatral é um clássico quando:

[...] se sabe conservar no tempo o pacto teatral, independentemente do seu ponto de vista em relação ao artifício, dando a ele uma surpreendente vitalidade, uma inesgotabilidade, uma permanência, que nos envolve uma outra vez, que nos abre ao mundo específico do universo teatral, ao mesmo tempo em que nos permite levar nosso mundo de fora para dentro do espetáculo. Uma dupla revelação, tão misteriosa e inconsistente quanto à vida. Isto é, para nós, o que faz de um espetáculo teatral um clássico (RIBEIRO, 2008, p. 213).

Para as artes plásticas, “o período clássico será aquele cujas criações exemplares passam a servir de modelo” (MALUF, 2008, p. 200).

O *classicus scriptor* designava o autor que se destacava da grande maioria devido à escrita considerada superior e que deveria ser cultivada, tornando-se modelo nas mais diversas áreas. Nesse sentido, clássico é uma “noção normativa” (MALUF, 2008, p. 200), que de acordo com os autores latinos da época imperial representa “escritores de primeira classe” (MALUF, 2008, p. 200).

A partir destas considerações, temos o entendimento de que muitos alunos passam pelas escolas e desconhecem o que são obras clássicas ou, quando são apresentadas em raríssimas ocasiões, isso nem sempre é feito de forma motivadora, porque as obras são jogadas nas mãos de jovens, na maioria das vezes, sem quaisquer contextualizações. As obras entram na escola com o objetivo de simplesmente realizar uma avaliação do aprendizado e responder questões no

Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), por exemplo. O clássico não deve ter essa abordagem de atender a um exame de seleção nas instituições escolares. Deve, sim, destacar as mensagens que importam levar para a vida. É necessário criar um clima muito especial em torno da leitura de uma obra clássica, com oferta de ferramentas para que o jovem-leitor possa ficar entusiasmado com o conteúdo e ter habilidades para apreciar a leitura. O leitor poderá criar identidade com essas obras inserindo-as em sua biblioteca pessoal. Assim, uma obra bem lida poderá trazer importantes ressonâncias na vida.

Sob outro aspecto, na infância, é muito importante desenvolver um trabalho voltado para a literatura de forma que atraia o pequeno leitor para os livros, despertando o amor pelas obras. Em contrapartida, constatamos que existe uma lacuna nesta fase e no ensino para jovens porque os livros que circulam nas escolas são para constar no trabalho escolar. Em vez de o jovem-leitor amar os livros, ele tem repulsa, principalmente, aos clássicos, considerados, por muitos estudantes, obras difíceis. Não é realizado, na maioria das escolas, um trabalho de convencimento do leitor para que receba o clássico como uma obra muito especial devido aos seus importantes ensinamentos, que não são somente escolares, mas de vida. A partir de uma leitura de um clássico, o leitor poderá buscar outras leituras ou fazer o caminho inverso. Com isso, aumentará seu repertório pessoal e cultural. Se o leitor, mesmo que esteja em uma fase inicial de leitura, queira visitar uma versão original de uma obra, é função do educador possibilitar essa visita, mesmo que este jovem não consiga mergulhar na complexidade do texto. Essa experiência possibilitará uma inserção num mundo cheio de desafios e obstáculos que não pode ser negado para o jovem.

Entendemos que é fundamental que a leitura de clássicos seja realizada com mediação de bons professores que poderão selecionar recortes da obra de sua preferência e comentá-los com entusiasmo e paixão. Oferecer a leitura com pequenas dosagens possibilitará, com o tempo, o conhecimento de um bom número de narrativas clássicas de nossos “mestres da língua portuguesa” (MACHADO, 2009, p. 13, grifo da autora). Essa ação, provavelmente, levará o leitor a buscar por outras obras de mesma qualidade ainda na adolescência.

Os clássicos infantis, que têm em seu enredo a cultura grega, agradam às crianças e aos jovens por serem obras divertidas e que exploram o imaginário. É um

verdadeiro curso de mitologia clássica que proporciona o conhecimento de mitos dessa cultura. As adaptações dessas obras por Monteiro Lobato podem ser o início da aproximação com obras gregas. A partir disso, as crianças e jovens passam a conhecer muitas expressões gregas que estão presentes até hoje e que influenciam nossa cultura. O leitor não pode ficar alheio a esse patrimônio mitológico durante sua infância, deve ser introduzido nesse universo de acordo com a leitura de adaptações dessas obras. Não podemos deixar para conhecer essa riqueza cultural somente na fase adulta, isso é negar o conhecimento para os pequenos. “Negar isso às futuras gerações é um desperdício absurdo, equivale jogar no lixo um patrimônio valiosíssimo que a humanidade vem acumulando há milênios” (MACHADO, 2009, p. 30). As crianças têm o poder de armazenar lembranças vividas de forma nítida e muito duradora, talvez, pelo fato de possuírem uma memória ainda virgem e muito receptiva para as experiências que deixam marcas significativas. Sendo assim, é de suma importância que a criança ou o adolescente tenha a possibilidade de ler diferentes obras desde cedo para que o conteúdo delas faça parte da bagagem cultural e afetiva que o leitor levará para toda a vida.

Ana Maria Machado defende que uma boa adaptação de uma obra clássica poderá ser um caminho que introduzirá o jovem no mundo dos clássicos porque a história bem contada também emociona e, a partir dessa experiência, estimula o leitor a buscar um futuro encontro com um clássico. Se esse encontro for marcante, sedutor, atraente, levará a uma lembrança positiva para o resto da vida e, assim, será motivo para que esse leitor continue desbravando, por conta própria, esse rico território literário (MACHADO, 2009).

Outra possibilidade de apresentar as obras clássicas para as crianças, num primeiro contato, é oralmente, por meio da contação de história ou da leitura, seguida de conversa. Esses momentos de encontro com as obras mediadas por um adulto farão a diferença quando, no futuro, estas obras forem colocadas nas mãos desse leitor. Será um presente muito significativo. Assim, nasce o amor por essas narrativas e esse ato de amor é para sempre.

As narrativas da Idade Média, por exemplo, são carregadas de fatos históricos e de aventuras fantásticas que iluminam a imaginação humana. São leituras clássicas que empolgam os jovens-leitores, mesmo em versões condensadas. No século XX, o folclore celta e do universo medieval estão vivos nos

livros, no cinema, no RPG (Role Playing Game) por meio de aventuras medievais carregadas de simbologia. Para exemplificar, há as obras de Tolkien com *Hobbit* e a trilogia de **O Senhor dos anéis, As brumas de Avalon**, histórias do rei Artur e a sua espada Excalibur, Robin Hood, as sagas de Harry Potter. Diante dessas obras, o jovem se vê inserido nesse mundo fantástico, um mundo repleto de simbologias (MACHADO, 2009).

As narrativas de cavalaria trazem conhecimentos que contribuem com o entendimento de contos de fadas de forma enriquecedora e com maior profundidade, tornando-a mais interessante. Com isso, levam à compreensão da sociedade em que vivemos. As adaptações dos contos de fadas, como são obras infantis, possuem alterações que são inacreditáveis por meio de censuras, desejo de exercer poder sobre os pequenos, não respeitando um material tão valioso. Essas modificações são realizadas em nome do politicamente correto, do moralismo, do didatismo que acabam com o maravilhoso dos contos originais. As excelentes adaptações oportunizam o jovem-leitor a conhecer obras clássicas devido a uma linguagem mais acessível àquela faixa etária, mas, que no ato da escolha da obra adaptada, devemos ficar atentos ao conteúdo dela para verificar se não houve alteração significativa em relação à obra original, como advertiu Machado (2009).

Há que se preservar as histórias tradicionais que prestaram um serviço à humanidade com seus enredos fabulosos que trouxeram um acervo que faz parte da história dos homens por meio de grandes ensinamentos que as crianças e jovens não podem deixar de conhecer. Perante esse posicionamento, ler vai além de decodificar símbolos, leva o leitor a conhecer outros mundos como sustenta Machado:

Ler uma narrativa literária (como ninguém precisa ensinar, mas cada leitor vai descobrindo à medida que se desenvolve) é um fenômeno de outra espécie. Muito mais sutil e delicioso. Vai muito além de juntar letras, formar sílabas, compor palavras e frases, decifrar seu significado de acordo com o dicionário. É um transporte para outro universo, onde o leitor se transforma em parte da vida de um outro, e passa a ser alguém que ele é no mundo cotidiano (MACHADO, 2009, p. 77).

Ressaltamos que a narrativa dos contos de fadas traz uma linguagem simbólica e poética, colorida e metafórica. Não é para ler literalmente, a sugestão é mergulhar no mundo fantástico que aciona os desejos, medos e anseios do ser

humano de modo geral sem estar atrelada à época, classe social, nacionalidade. Bruno Bettelheim em **A psicanálise dos contos de fadas** discute o valor psicanalítico dessas narrativas quanto à elaboração simbólica das angústias, das ansiedades e de seus conflitos íntimos (BETTELHEIM apud MACHADO, 2009). A leitura dos contos de fadas “funcionam como válvula de escape para as aflições da alma infantil” (MACHADO, 2009, p. 79) e, por meio dela, as crianças podem vivenciar os problemas psicológicos simbolicamente de forma a superá-los.

Os contos de fadas foram um gênero muito presente no imaginário popular, o que possibilitou muitas releituras dessas narrativas em filmes e novelas. Esse gênero, até mesmo, apresentou os clássicos com outra roupagem na literatura contemporânea. Para que o leitor compreenda o humor ou a sátira e o que está fora de contexto do conto tradicional, tem que se apropriar dos clássicos de referência. Os contos de fadas continuam sendo um gênero literário muito revisitado e é demasiadamente relevante para os jovens-leitores

Diante do desconhecimento das obras clássicas, o leitor atual terá dificuldades de compreender a literatura contemporânea já que há diálogo com as obras do passado, a influência da escrita também se faz presente. É a intertextualidade. Esse fato é o que caracteriza a qualidade de uma obra (MACHADO, 2009).

Assim, mergulhar em histórias passadas pode modificar o olhar do jovem-leitor para a realidade que o cerca. Encontrar-se com as histórias contemporâneas que têm uma linguagem viva e atual, com personagens inesquecíveis, poderão ser o caminho acertado para se explorar as obras de grandes mestres da literatura, parte de nosso grande tesouro literário.

Os clássicos, portanto, são um verdadeiro legado que perpetua em nossa humanidade e os pequenos leitores possuem o direito de viver as histórias clássicas diante da fantasia e da imaginação, ancoradas, ao mesmo tempo no real e no concreto porque retratam o humano no que se refere à vida, à morte, ao amor, ao medo, sem perder a emoção e a aventura, proporcionando ao leitor a viajar dentro do universo literário (HELENA, 2019). As obras clássicas são um imenso patrimônio de valiosas obras literárias que se acumularam ao longo de nossa história. Essas obras estão perto de nós, só que não as valorizamos e as deixamos intocáveis, sem dar importância para o que representam para nossas vidas. Não há o interesse nem

de abri-las para ler e conhecer o que cada obra oferta. É simplesmente um desperdício diante de tal tesouro (MACHADO, 2009).

Dentro desse pensamento, o poeta e crítico literário José Paulo Paes propõe uma teoria do degrau: “a literatura de entretenimento estimularia o hábito da leitura, que permitiria o que é justamente, então, o acesso ao patamar da literatura erudita” (PAES apud PASTORE, 2012, p. 9). Pedro Salinas afirma que “Um clássico é um livro que sempre presta ao espírito do homem um serviço da mais alta qualidade” (SALINAS apud MACHADO, 2009, p. 22).

“Navegar pelos clássicos da literatura é preciso, mas é impreciso. É necessário, mas é inexato. [...] Um livro leva a outro, uma leitura é abandonada por outra, uma descoberta provoca uma releitura. Não há ordem cronológica” (MACHADO, 2009, p. 130). Aproveitando a citação de Machado, navegar é uma palavra que remete à condução de embarcação para explorar, descobrir o desconhecido, viajar pelos espaços mais inusitados, desbravar fronteiras inimagináveis ... Esse é o universo que crianças e jovens devem explorar, viver navegando...

Para finalizar essa reflexão, alertamos que, proporcionar essa navegação desde cedo para o jovem-leitor é uma ação que transformará sua vida devido à construção de sua história literária por intermédio de uma leitura de qualidade. Esses leitores serão, com certeza, indivíduos mais seguros para enfrentar e solucionar situações da vida que porventura tiverem que enfrentar como cidadãos de fato.

Na esteira dessa argumentação, na próxima seção, dissertaremos sobre a defesa de que as obras oliveirianas, objeto desta pesquisa, são na verdade uma releitura da obra clássica **Odisseia**, cuja autoria é atribuída a Homero, apresentando fatos que levam às reflexões referentes à vida, ao diálogo relacionado com questões próprias do humano, presentes no cotidiano. Por meio de símbolos e mitos, a releitura traz novos significados devido às experiências de leitura adquiridas durante a trajetória de um leitor em construção e de uma tradição literária que reporta aos universos cultural, social, existencial e emocional.

5 A ILHA E O OUTRO LADO DA ILHA: NAVEGANDO ENTRE MITOS E SÍMBOLOS

Maria de Lourdes Abreu de Oliveira nas obras **O menino da ilha** e em **Os sete desafios no outro lado da ilha** revisita a obra clássica **Odisseia**, de Homero, apresentando a intertextualidade dentro de uma narrativa ficcional contemporânea.

Conforme relatado em **O menino da ilha** a menina Mariana apareceu na ilha, em que Afonso vivia com sua família, de forma muito inusitada. Ela que viajava com sua família para o sul do país, caiu no mar e, com a ajuda de um prisioneiro político, que fugia em um bote, foi parar nas pedras da ilha. “Preso na piscina natural, por causa da maré baixa, estava o barco salva-vidas. E dentro dele, enrolada num cobertor, estava uma menina de uns nove ou dez anos. Parecia adormecida” (OLIVEIRA, 2010, p. 13). Nesse contexto, logo no início do romance, deparamo-nos com o naufrágio da personagem Mariana que acaba se desvencilhando da viagem com sua família. O naufrágio carrega uma simbologia diante de um renascimento do eu para um novo mundo, para a descoberta de novos valores, e para a descoberta de uma vida desconhecida. É o que acontece com a menina, pois a partir deste fato, há um recomeço da sua vida com novas aprendizagens. Compreendemos, então, que é indispensável que na vida das pessoas aconteçam os naufrágios para que elas possam sair do imobilismo e galgar patamares na busca de novos objetivos, de novas construções, de novas conquistas, de uma nova vida.

O mar transportou de certa forma o barco de Mariana até à ilha. Relacionado a esse pensamento, entendemos que o mar pode levar ou trazer algo diante do vai e vem das ondas. O mar trouxe Mariana, mas também a levou para longe de seu amigo quando a menina teve que voltar para o Rio de Janeiro. Segundo Mariana, o mar foi quem levou o seu velocípede, importante símbolo, quando seu pai o jogou ao mar, acarretando a morte do brinquedo.

Quando eu era bem menor, devia ter uns seis ou sete anos, era louca para ter um velocípede. [...] o vizinho do lado da casa dela tinha um velocípede. E abusava do direito de dono. [...] meu pai não tinha dinheiro sobrando pra comprar velocípede – explicou Mariana. [...] Já na horinha de ir embora, o avô disse a filha: - Vocês vão para longe, eu quero dar uma lembrancinha à Mariana... [...] Mariana mal acreditando no que via, voltou para casa pilotando o velocípede vernelho com guidão cor de prata (OLIVIERA, 2010, p.27- 33).

E a menina continuava a contar sua história para Afonso que com muita atenção não perdia um só detalhe. Mariana relata que no navio,

Quando a viagem entrou no ritmo normal, o pai sentou-se numa cadeira no convés [...]. Abriu o livro, foi mergulhando pouco a pouco no reino mágico da leitura. Não tinha lido nem dez páginas, quando Mariana, que brincava de velocípede com os novos amigos, aproximou-se: – Pai, aquele menino grande me tomou o velocípede. [...] – Pois peça a ele de volta. [...] – Não adianta! Ele me bate! [...] E choros e brigas. O pai fez de tudo para controlar-se. [...] Levantou-se. Parecia até um robô. Pegou o velocípede. [...] atirou-o por cima da amurada. Ele caiu nas águas fazendo o barulho de um grande tapa. [...] E desapareceu sem deixar marcadas as pegadas de sua passagem (OLIVIERA, 1991, p.47 -51).

Assim como o mar está presente na ficção oliveirana desde a vida na ilha até a nova vida de Afonso no Rio de Janeiro, está também presente em toda a narrativa da **Odisseia**. É por meio dele que Ulisses é transportado para os diferentes lugares em busca de seu retorno para Ítaca, o mar é a estrada da antiguidade que possibilita os encontros e desencontros. Segundo Chevalier (2019), o mar é símbolo de movimento relacionado à vida, a transitoriedade das possibilidades diante das incertezas, das dúvidas, de indecisão. “O mar é ao mesmo tempo a imagem da vida e a imagem da morte” (CHEVALIER, 2019, p. 592).

Na obra **Os sete desafios no outro lado da ilha**, a própria ficção apresenta pistas da fonte onde Maria de Lourdes Abreu de Oliveira se espelhou para a escrita dessa obra. Logo ao iniciar essa narrativa, há a menção do clássico **Odisseia** por meio da contação de história realizada pela mãe de Afonso, que já exercera a profissão de professora e que tinha a responsabilidade pela educação de seu filho. Na primeira oportunidade, adquiriu a obra para o menino Afonso devido à identificação com o personagem central Ulisses, como afirma Isabel, mãe do menino:

Você sabe muito bem que o herói dele é Ulisses. Já leu a Odisseia um milhão de vezes. É um menino sonhador. Acha que na vida real é como nas histórias. Foi logo depois que Mariana foi embora. Ele estava muito triste e pediu pra eu dar um jeito de conseguir o livro que conta a história do Ulisses... Claro, eu dei meu jeito. Consegui comprar o livro. Ele adorou. Ulisses virou seu ídolo (OLIVEIRA, 2017, p. 13).

O reconhecimento de Afonso com Ulisses é devido às características do personagem mítico, pois o herói é um poço de virtudes: é forte, é audacioso, suporta dores, supera a solidão, é corajoso e inteligente. Essas qualidades sensibilizam o

público jovem, levando-o a almejar ser como o rei grego que conquistou o que desejava, superando todas as dificuldades.

Certamente ele arrasta seu público a um mítico mundo de sonho, mas esse mundo de sonho se torna simultaneamente a imagem especular do mundo real em que vivemos, no qual dominam necessidades e angústias, terror e dores, e no qual o homem se acha imerso sem escapatória (CALVINO, 2007, p. 19).

Dentro desse contexto, defendemos que a obra clássica, mesmo que não seja uma leitura presente na vida de muitos leitores jovens, de alguma forma, faz parte da vida deles devido aos intertextos presentes nas obras contemporâneas. Esse fato traz maior qualidade ao texto devido às mensagens implícitas que contribuem com a formação da identidade do jovem-leitor, além de impulsioná-lo a conhecer a obra clássica que serviu de inspiração para a escritora. Esse mergulho na leitura clássica pode ser o disparador para futuros encontros com outras leituras de clássicos rumo à uma descoberta essencial que emociona e desperta para os valores humanos registrados nos textos. A obra clássica, portanto, proporciona muitas experiências ao leitor:

Era evidente, para todos nós, o quanto toda aquela experiência possibilitava uma abertura de horizontes, proporcionando uma oportunidade única e estimável para se pensar naquelas questões essenciais da nossa existência (o amor, a morte, o sentido da vida, as escolhas, dentre tantas outras) e que a dinâmica da vida moderna praticamente impede de serem sequer lembradas (GALLIAN, 2017, p.144).

É nesse universo épico que as aventuras de Afonso se desenrolaram em busca do reencontro com sua amiga Mariana.

A escritora, como mencionado anteriormente, traz recortes da **Odisseia** em que a menina descreve cenas marcantes desse clássico para que Afonso criasse maior intimidade com as aventuras de Ulisses. Cita o romance **Os sete desafios no outro lado da ilha**:

Havia um grego, chamado Ulisses, que gostava muito de viajar, viver aventuras. Ele estava voltando de Troia para casa. Nessa viagem, ele e seus companheiros aportaram na ilha onde viviam os ciclopes. Sem saber do perigo que corriam, invadiram a gruta onde morava Polifemo para pegar comida e bebida. Só que, de repente, chega o gigante. Ele se dá conta de que seu espaço tinha sido invadido. Bloqueia a porta da caverna com uma pedra imensa. Dá uma risada estrondosa ao ver aqueles marinheiros amedrontados em volta dele. Não precisava nem sair para caçar. E começa

a comer os marinheiros: dois a cada dia. Virou rotina (OLIVEIRA, 2017, p. 18-19).

A aventura descrita impulsiona o leitor a viver esse momento com muito afinco, concentrando-se na narrativa para conhecer a solução do protagonista para vencer aquele desafio. O jovem, diante do exemplo de Ulisses, de persistência e de desejo de encontrar um caminho que o arrebate da situação embaraçosa, traz o personagem como um bom exemplo para sua proposta de vida. “Através dessas simples intuições, o indivíduo sente-se como parte de um conjunto que o amedronta e tranquiliza, a um só tempo, mas o que adentra para a vida” (CHEVALIER, 2019, p. 28).

Como na **Odisseia**, em **O menino da ilha**, há uma caverna na qual Afonso se apropriou do espaço como sendo um lugar só dele, local em que passa momentos de encontro consigo mesmo e com as histórias que ouvia de sua mãe. Na concepção do menino, não existia caverna mais bonita do que a dele, além de ser muito especial. Mariana ficou encantada com a caverna por causa de sua formação natural e por estar num lugar tranquilo onde não existia o medo que ela vivia diante de uma vida com muitos sofrimentos. Naquele momento, havia a possibilidade de viver todos os sonhos sem a interferência de ninguém. No entanto, a menina não pensava na possibilidade do retorno para sua casa.

A representação da caverna é como sendo um lugar subterrâneo ou rupestre que pode estar afundado na terra ou numa montanha. Um lugar mais ou menos escuro, sem abertura direta para a luz do dia. Segundo Platão, caverna é um lugar da ignorância, do sofrimento e da punição. Nelas vivem almas acorrentadas que estão impedidas de sair do lugar e de não verem o que estiver diante delas (PLATÃO apud CHEVALIER, 2019). Diante disso, é necessário que o homem não fique aprisionado num mundo superficial, de conhecimentos rasos, mas que sejam capazes de buscar a luz, o caminho do conhecimento consistente e que leve o ser humano a encontrar o motivo de sua própria existência. Esse diálogo é mediado pela literatura clássica que propicia ao leitor a compreensão de sua própria identidade diante de muitas descobertas para chegar à sua maturidade de forma que possa enfrentar as adversidades da vida.

O gigante é um personagem que ilustra a **Odisseia** no momento em que Ulisses entra na sua caverna. Polifemo, um ciclope, é enfrentado pelo protagonista

da obra clássica que consegue vencê-lo, não pela força porque o gigante, nesse sentido, era uma fortaleza em comparação a Ulisses, mas pela astúcia. O gigante em **O menino da ilha**, também é um personagem forte, que amedronta pelo seu tamanho, mas que se diferencia pela sua bondade porque foi ele quem salvou Mariana da fúria do mar no dia em que naufragou. A escritora amplia o universo literário quando menciona as botas do gigante. Esse fato remete à história **O gato de botas** que retoma o imaginário infantil, revivendo os contos de fadas como podemos confirmar no romance. “Os dois meninos sentiam-se como camundongos. Tinham a impressão de que se se mexessem o gigante poderia esmagá-los com suas enormes botas. Ficaram os dois olhando para ele como estátuas” (OLIVEIRA, 2017, p. 77). Nesse sentido, o gigante representa a força que existe dentro do humano que, muitas vezes, não é reconhecido, não se deixa aflorar. O enfretamento de situações trabalhosas, difíceis e embaraçosas é ignorado e não se procura um caminho de forma que o homem possa enfrentá-los para vencer o desafio proposto. “O mito dos gigantes é um apelo ao heroísmo humano” (CHEVALIER, 2019, p.470). Essa reflexão nos leva a compreender que o ser humano nem sempre reconhece a grande força que existe dentro de cada pessoa e que essa força contribui para libertar seus anseios angustiosos e levar a sua personalidade ao crescimento.

Outro importante elemento é a ilha que está presente nas narrativas **O menino da ilha**, em **Os sete desafios no outro lado da ilha** e na **Odisseia**. A ilha simboliza refúgio, por isso, na literatura, recorre-se à ilha deserta, ilha desconhecida ou ilha rica em surpresas onde sonhos e desejos são realizados. A ilha como lugar da realização do desejo da felicidade terrestre ou eterna (CHEVALIER, 2019). Nas obras citadas, a ilha é um elemento central do romance em que é apresentado como um lugar mítico onde há o encontro do homem com seu lado espiritual, com sua essência. Um encontro com a natureza que ensina o ser humano a lidar com seus elementos e conquistar muitas aprendizagens empíricas que são necessárias à construção do humano. É a sabedoria da vida que é obtida no cotidiano, baseado em valores locais. É um lugar que simboliza a felicidade, ou isolamento. Além disso, nos romances de Maria de Lourdes, a ilha é retratada como uma reserva natural onde as tartarugas verdes são preservadas e isso transfere ao leitor a importância de se respeitar as questões ambientais.

Ainda sobre a vida na ilha, Afonso, observando o trabalho de seu pai diante do farol, reconhece como o farol tem uma função relevante para os navios que trafegam em alto mar no entorno da ilha. Cita o romance:

Afonso sempre soube da importância do farol. Ah, se não fosse o farol!... O mar é muito perigoso naquela ilha. É cercada de rochedos pontiagudos. De longe até parece o castelo de uma feiticeira, daquelas que assombravam Branca de Neve ou A Bela adormecida. Muitos naufrágios já aconteceram ali. Embora ela seja um pontinho no Atlântico, aventureiros vivem bisbilhotando aquelas paragens, de olhos curiosos para o que possa haver por trás dos rochedos entrevistos, enquanto o fecho de luz rasga a escuridão para lá, para cá (OLIVEIRA, 2017, p. 9).

Sendo assim, o farol ilumina o caminho daqueles que estão a bordo de uma embarcação mediante sua luz que direciona, evitando um infortúnio. O farol é aquele que ilumina a vida e que revela a direção certa para as pessoas. O farol também simboliza **orientação, proteção, segurança, esperança, fé e inspiração** (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2021).

Na educação, o farol simboliza orientação para que os alunos possam trilhar o caminho do conhecimento com muita segurança, com desenvolvimento de muitas habilidades, não só escolares, mas habilidades para a vida. Significa que a preocupação da escola é criar um movimento do conhecimento que esteja conectado a questões da vida.

Sob esta perspectiva, a leitura, dentro do contexto escolar, possui a capacidade de iluminar o leitor diante do conhecimento que lhe é ofertado e que poderá levar o jovem a descobrir um mundo diferente. Depois que esta janela se abre na vida, jamais é fechada novamente e se torna um diferencial para a formação do caráter de qualquer pessoa.

Afonso sempre alimentou o sonho de conhecer o outro lado da ilha para ver o que havia nesse novo lugar, já que ele nunca havia saído de seu pequeno mundo. Após a partida de Mariana, ele prometeu a si mesmo que, um dia, iria procurá-la e que a encontraria. Agora, como é um jovem de 16 anos, está pronto para partir com o amigo Big João, um marinheiro que vive navegando pelos mares. Como ele iria para o Rio de Janeiro, convidou Afonso para conhecer o outro lado da ilha, como o menino falava. O jovem estava muito animado, mas muito ansioso, como apresenta o romance:

Retornou quase noite fechada, com as estrelas se anunciando e uma lua enorme se implantando devagarzinho no céu. Tinha que controlar a ansiedade. Ainda faltava um par de dias para iniciar a viagem com Big João. Destino: Rio de Janeiro, capital da esperança (OLIVEIRA, 2017, p. 17).

Segundo Chevalier (2019), na literatura, a viagem simboliza uma aventura e uma procura pelo conhecimento que pode ser concreto ou espiritual. Para o protagonista de Maria de Lourdes, é a busca de conhecimentos de uma vida diferente da que era conhecida por ele junto à vontade de viver novas experiências. A viagem é mais do que um deslocamento físico, é um desejo de mudança interior, de um amadurecimento psíquico, de um deslocamento da vida. Representa um autoconhecimento e a possível realização de sonhos.

Em **Os sete desafios no outro lado da ilha**, Afonso já estava adaptado à nova vida, no Rio de Janeiro, o outro lado da ilha, com o trabalho na Marina da Glória. Neste lugar fazia curso de canoagem e, nos dias de folga, surfava, frequentava bares, baladas e pagodes com os amigos. Inserido nesse novo contexto de vida, deparou-se frente a um inesperado desafio.

E assim, nesse novo labirinto em que passou a navegar, o canto das sereias mostrou-se como um novo desafio a ser enfrentado. Precisava separar o joio do trigo. Era fascinante esse novo universo. Angustiado, ele se debatia no conflito; - Estou como Ulisses. Mas não tem ninguém para me amarrar no mastro. Eu mesmo tenho que cogitar das minhas defesas (OLIVEIRA, 2017, p. 53).

A escritora descreve o desafio de Afonso baseado no texto mitológico de Homero em que Ulisses enfrenta o canto das sereias durante seu retorno para casa.

Na **Odisseia**:

Chegarás, primeiro, à região das Sereias, cuja voz encanta todos os homens que delas se aproximam. Se alguém, sem dar por isso, delas se avizinha e as escuta, nunca mais sua mulher nem seus filhos pequeninos se reunirão em torno dele, pois que ficará cativo do canto harmonioso das Sereias. Residem elas num prado, em redor do qual se amontoam as ossadas de corpos em putrefação, cujas peles se vão ressequindo. Prossegue adiante, sem parar; com cera doce como mel amolecida tapa as orelhas de teus companheiros, para que nenhum deles possa ouvi-las. Tu, se quiseres, ouve-as; mas, que em tua nau ligeira te atem pés e mãos, estando tu direito, ao mastro, por meio de cordas para que te seja dado experimentar o prazer de ouvir a voz das Sereias. Se acaso pedires e instares com teus homens que te soltem, que eles te prendam com maior número de ligaduras (HOMERO, 1979, p. 113).

Nesse episódio, Ulisses luta contra a força sobrenatural diante da ameaça, mas preso ao mastro para não ceder. Seus amigos, para não correrem riscos, colocaram cera em seus ouvidos, mas houve aqueles que não resistiram e a retiraram, ficando dominados pelo fascínio das sereias. A partir desse episódio, compreendemos que o mar representa a vida material e o mastro, como é vertical, simboliza o mundo espiritual. Então, é a ligação do mundo material ao espiritual e a sereia simboliza as ameaças à vida. Ulisses, amarrado ao mastro, simboliza que está preso aos seus princípios, aos seus valores e que resistirá a qualquer falso encantamento do mundo material. Sendo assim, Afonso, como Ulisses, estava perante um desafio muito forte que, até o presente momento, era desconhecido por ele. “Estou como Ulisses. Mas não tem ninguém pra me amarrar em um mastro. Eu mesmo tenho que cogitar das minhas defesas” (OLIVEIRA, 2017, p. 53). Diante da afirmação do protagonista de **O menino da ilha**, ao descortinar do novo mundo sente-se apreensivo diante da perversidade da cidade grande que se faz presente em todos os lugares. Ele entende que tem que enfrentar esses obstáculos e continuar preso ao mastro dos valores familiares, de seu objetivo de reencontrar Mariana e dos bons conselhos de seu amigo Manoel, como é descrito no romance:

O custo benefício não vale a pena! Não cai nessa, não, brother! Isso é um precipício sem fundo. Você entra em um labirinto de que você pode não encontrar a saída. Não tente ouvir o canto da sereia. Ela canta música bela, mas ouvindo o canto dela o seu barco se desmantela. E, então, é perdido remo e vela... (OLIVEIRA, 2017, p. 53).

Mediante o conselho do amigo, Afonso deveria ouvir o canto dos valores apreendidos em sua família e tampar seus ouvidos diante dos cantos que surgem na cidade. É convicção, nas obras citadas, de que os valores, construídos no contexto familiar são fortes e devem permear a vida de nossas crianças e jovens. Eles devem funcionar como uma bússola interna que sempre direcionará o jovem para o caminho do bem e ter como base o respeito ao seu semelhante e a construção de uma vida de bons princípios e valores éticos. Muitos se desvencilham desse mastro e acabam se perdendo no caminho diante de muitas ofertas encantadoras que levam muitos jovens para uma vida rasa, sem objetivos e sem perspectivas. Em muitos casos, sem chances de uma recuperação e de uma reconstrução de sua vida.

Entendemos que todas as pessoas têm possibilidades de reencontrar seu caminho e, muitas vezes, a educação, diante da inserção do jovem no mundo do conhecimento, cria oportunidades para o encontro com novo projeto de vida. A literatura tem se mostrado muito eficaz diante de seus clássicos que tira o leitor da escuridão e mostra uma perspectiva de vida que pode levar esse jovem em formação a se identificar com ela e assim contribuir para uma nova direção para sua vida.

As referidas obras de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira são permeadas pelos encontros e desencontros dos personagens Afonso e Mariana desde o momento em que se conheceram na ilha. A partir desse encontro, nasceu amizade entre os quase adolescentes e a cada dia que se passava o vínculo entre os dois personagens foi crescendo. Existia uma promessa entre os dois que, se um dia fossem separados, buscariam pelo reencontro. O dia da separação chegou e Mariana retornou para a casa de seu pai. A distância e o tempo não afastaram os sentimentos entre os jovens e para ambos o desejo do reencontro permaneceu em suas memórias. Em um dia inusitado para Mariana, o reencontro com Afonso aconteceu reafirmando o sentimento que havia entre os jovens. Essa espera para rever a pessoa amada na obra oliveriana encontra-se no clássico **Odisseia** em que Penélope espera pelo seu amado Ulisses que partiu para a Guerra de Troia. Como havia prometido, ela iria esperar pelo retorno de seu esposo. Após quase dez anos de espera, finalmente, Ulisses retorna para o palácio, como vencedor, e reencontra sua amada esposa. Com essa narrativa em sua memória, Afonso seguiu firme em seus propósitos para se tornar um vencedor como seu herói e reencontrar sua amada. O jovem não perde a esperança do reencontro, “Nós fizemos um juramento de crescermos e continuarmos juntos para sempre” (OLIVEIRA, 2017, p. 64).

O romantismo presente em **O menino da Ilha** e que prossegue em **Os sete desafios no outro lado da ilha** comove os leitores e cria expectativas na consolidação do romance perante o reencontro. Como a escritora afirmou em entrevista realizada em sua residência: “Parece que há um certo romantismo nas pessoas porque [o leitor fica na expectativa] de que dois jovens que se amam, algum dia, possam se reencontrar” (OLIVEIRA, [Entrevista], 2019). Na fase da adolescência, o romantismo está mais presente e os jovens vivenciam essa questão com maior intensidade, por isso se espelham no par romântico, vivendo a ficção e

ansiando por um final feliz como é o desejo para a sua vida. Enquanto esse ciclo não se fecha, os leitores não conseguem compreender que a narrativa está encerrada.

O encontro pode simbolizar o jovem na busca de sua identidade mediante suas frustrações, suas verdades, suas escolhas, seus valores, seus sonhos. Esse encontro proporciona o controle de sua vida na busca de atingir seus objetivos e, assim, a sua possível realização profissional e pessoal de acordo com a sua real essência. Assim, muitas vezes, o jovem deixará de viver a vida de outras pessoas para viver sua própria vida de acordo com seus próprios princípios.

Concluindo estas reflexões, **O menino da Ilha** e **Os sete desafios no outro lado da ilha** são romances mitológicos contemporâneos que apresentam um enredo repleto de simbolismos, levando o jovem-leitor ao diálogo com a vida e com sua própria essência. O desdobramento, que os romances apresentam, propiciam ao leitor a compreensão de que o clássico sempre tem algo a ensinar. Para isso, o jovem, a partir do momento em que compreende que a leitura não deve ser realizada superficialmente e entender que há sempre uma mensagem escondida no texto, poderá ter um novo olhar para a vida diante de novas reflexões e aprendizagens que contribuirão para a sua formação humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa transcorreu durante o período da pandemia do Coronavírus quando repentinamente fomos impedidas de estabelecermos encontros pessoais. A partir disso, as orientações passaram a ser remotas, mas com a mesma qualidade das presenciais.

No que se refere à pesquisa em espaços públicos, ficamos impossibilitadas de realizar o cotejamento do material da escritora doado ao Museu de Artes Murilo Mendes, instituição que é administrada pela Universidade Federal de Juiz de Fora, assim como ficamos impedidas de visitar a escritora Maria de Lourdes Abreu de Oliveira em sua residência para termos maior aproximação com seu processo criativo, e ficamos vedados de pesquisar também no Arquivo Histórico da Prefeitura de Juiz de Fora. Esses fatos impediram o acréscimo de anexos que oportunizariam o leitor o acesso ao material em fontes primárias, do qual foram coletadas às informações contidas no texto. Diante dessa nova realidade, a pesquisa se desenvolveu com a análise do *corpus* de forma bibliográfica, exploratória e qualitativa.

A proposta teve como mote constatar o intertexto entre a obra clássica **Odisseia** por meio do diálogo metafórico dos personagens Afonso e Mariana dos romances oliveirianos que retomam Ulisses e Penélope da literatura clássica de Homero. A partir dessa obra mitológica, analisamos os símbolos metaforizados nas duas criações de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira, intenção que alcançou seu objetivo: os símbolos estão presentes, assim como os mitos e foi identificado o diálogo entre os textos.

O ineditismo dessa pesquisa impulsionou o descortinar do mundo dos símbolos e dos mitos dentro desses objetos de análise, trazendo uma nova leitura aos romances, o que foi motivador para a escrita dessa dissertação. Nessa perspectiva, o estudo desse *corpus* exigiu uma rigorosa investigação em torno de estudiosos do mito e do símbolo, destacando Campbell, Eliade e Chevalier, que sustentaram a proposta desse estudo. Dentro do diálogo sobre mito e símbolo apresentados pelos teóricos, entendemos que mito são os arquétipos representados por símbolos, que, por sua vez, explicam e orientam a vida do ser humano. E, principalmente, que símbolo é a linguagem do mundo das ideias reveladas na vida.

Compreendemos, após as reflexões propostas neste estudo dissertativo, que a retomada da obra clássica **Odisseia** nos romances contemporâneos destinados preferencialmente aos jovens-leitores, valorizam a literatura diante de um enredo robusto, complexo e simbólico. Como na **Odisseia**, os romances **O menino da ilha** e **Os sete desafios no outro lado da ilha** trazem um diálogo com a vida, por meio dos símbolos, numa trajetória linear que propicia o leitor a se sentir inserido na trama, podendo viver as aventuras dos personagens, por meio de uma identificação entre eles.

Com a análise do objeto desta pesquisa, constatou-se que os leitores dos romances, assim como leitores de *mass media*, como os espectadores da trilogia de **Guerra nas estrelas** desejam viver a concretização destas narrativas heroicas e no caso dos romances oliveirianos, ler o desfecho das histórias para que o ciclo se feche como na **Odisseia** em que aconteceu o reencontro de Ulisses com sua Penélope.

Em **O Menino da ilha**, a trama é finalizada com o retorno de Mariana para a casa de seu pai e Afonso ficando na ilha. Diante da separação dos protagonistas, o leitor não satisfeito, sugere uma segunda obra na expectativa do reencontro entre Afonso e Mariana. Para prosseguir a narrativa, atendendo seus leitores, Maria de Lourdes escreve **Os sete desafios no outro lado da ilha** na qual Afonso, após vencer os desafios propostos pela vida, reencontra sua amada. Mais uma vez, na segunda obra, o leitor fica na expectativa com relação ao destino dos personagens, quer dizer, a odisseia não se completou.

Na obra clássica, Ulisses retorna a Ítaca, reencontra sua amada esposa e continua a reinar em suas terras. Seguindo o desfecho do clássico de referência, cria-se uma nova expectativa de uma terceira obra para que haja a conclusão do romance, que é a consolidação da trilogia. Essa expectativa acontece devido ao modelo narrativo que está embutido em nosso subconsciente, principalmente, na fase em que a maioria dos leitores das obras se encontra. Além disso, outra importante característica presente nos referidos romances é a esperança, um sentimento muito aflorado na vida do jovem, que o impulsiona a acreditar na positividade da vida e na possibilidade de concretização de seus desejos. Nesta literatura endereçada preferencialmente para o jovem-leitor, a esperança deve estar

contida na forma de construir a narrativa porque faz parte da vida do leitor nessa faixa etária.

Concluimos, portanto, que as obras de Maria de Lourdes iluminam um clássico épico dentro de uma narrativa contemporânea, trazendo a referência dessa obra para o leitor. Esse mergulho em narrativa clássica traz uma nova perspectiva de vida diante de um novo olhar sobre posicionamentos já consolidados ou ainda em construção, além de ser uma ponte para futuros encontros com grandes escritores clássicos. Para que isso aconteça, é imprescindível a mediação do professor para que o aluno se aproxime e estabeleça o diálogo com essa narrativa.

Diante desse pensamento, é essencial que o professor mediador também seja leitor de obras clássicas para que possa transmitir toda sua experiência de leitura e a admiração por esses livros. Ninguém consegue propagar valores se não os possui. Só assim, o jovem sentirá tudo o que uma obra clássica traz em sua representação.

Intencionando sensibilizar o jovem-leitor, é fundamental que o professor desenvolva um trabalho criativo, ao motivar a leitura das obras literárias clássica ou contemporânea.

A criança e o jovem são intensamente narrativos, mas a escola, com o tempo, vai afastando esses leitores natos do objeto de conhecimento e de fruição ao propor um trabalho tradicional e desinteressante. Cabe, então, à escola resgatar os clássicos que tragam um repertório em que o jovem possa se reconhecer e enriquecer suas experiências.

Importa ressaltar que os romances analisados são destinados a leitores infantojuvenis segundo a classificação na ficha catalográfica e esse fato acaba limitando o acesso de leitores de outras faixas etárias. Essa classificação não deve ser uma norma porque, quando a literatura é de qualidade, ela ultrapassa a questão de faixa etária. Podemos categorizar uma obra tendo como público preferencialmente juvenil como leitor, mas cativantes a leitores adultos ou infantis, permitindo que possam fruir da obra. É um fenômeno conhecido como *crossover*. Nas obras de Maria de Lourdes, sob a perspectiva da leitura frutífera e da estética literária, constata-se que elas podem também ser fruídas pelo público adulto diante de um repertório rico e simbólico.

Enfim, são narrativas que merecem ser reconhecidas como literaturas de qualidade para um público de diferentes faixas etárias, objetivando que num futuro próximo possam também ser reconhecidas como obras clássicas. E, sem sombra de dúvidas, que num futuro bem próximo, estas obras oliveirianas sejam melhor divulgadas!

REFERÊNCIAS

ACADEMIA JUIZ-FORANA DE LETRAS. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: <http://academiajuizforanadeletras.blogspot.com/2011/06/posse-da-academica-maria-de-lourdes.html>. Acesso em: 8 mar. 2020.

ACESSIBILIDADE. Batista de Lima (Org.). Universidade Federal de Fortaleza. 2019. Disponível em <https://www.unifor.br/-/premio-de-literatura-da-universidade-de-fortaleza-abre-inscricoes-participe>. Acesso em: 8 mar. 2020.

AGUIAR FILHO, ADONIAS. **Ebiografia**. 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/adonias_filho. Acesso em: 19 maio 2020.

ALENCAR, Cosette de. No porão: e fora dele. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora: 11 out. 1968, p.5.

ALENCAR, Cosette de. [**Correspondência**]. Destinatário: Laís Corrêa de Araújo. Juiz de Fora, 13 maio 1969. 1 carta.

ALENCAR, Cosette de. **AFEMIL- Academia feminina mineira de letras**. <https://sites.google.com/site/acadfemininamineiradeletras/memorial-patronas/cosette-de-alencar>. [197-]. Acesso em: 20 abr. 2020.

ALVIN, Beth Brait. **Escavador**. 2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2689632/elizabeth-brait-alvim>. Acesso em 21 abr. 2020.

AMARILHA, Marly. Por que ler literatura na escola? *In*: CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de e outros (Org.). **Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? Como se lê?** Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

ARAÚJO, Flávio. **Portal dos jornalistas**. 2011. Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/flavio-araujo/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

ARAÚJO, Laís Corrêa. **Templo cultural Delfos**. 2016. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2016/02/lais-correa-de-araujo.html>. Acesso em: 20 abr. 2020

AZEVEDO, Ana Maria Andrade de. Trajetória do “vir a ser” psicanalista: um paralelo. **J. Psicanal.** São Paulo, v. 43, n.79, p. 171-179, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01038352010000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 abr. 2020.

AZEVEDO, Sânzio de. GLOBAL Editora. Disponível em: <https://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=1861>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BALÃO VERMELHO ALICERCE. Disponível em:

<https://www.balaovermelhoalicerce.com.br/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

BARENGHI, Mario. **Para que serve a literatura?** Tradução Cláudia Alves.

Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/marcapaginas/2018/07/10/para-que-serve-a-literatura-por-mario-barenghi-traducao-claudia-alves/> Acesso em: 8 out 2020.

BETTELHEIM, Bruno. *In*: Machado, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BEZERRA, Juliana. **Toda matéria**, 2017. Disponível em:

<https://www.todamateria.com.br/guerra-de-troia/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

BLOOM, Harold. *In*: Machado, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Priceton University Press, 1949.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. Joseph Campbell, com Bill Moyers. Betty Sue Flowers (Org.). Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Texto de uma conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC. 1972. Disponível em: [file:///C:/Users/Sandra/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/Sandra/Downloads/8635992-Texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615%20(4).pdf). Acesso em: 2 out. 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/46566139/CANDIDO-Antonio-O-direito-a-literatura-In-Varios-Escritos>. Acesso em: 2 out. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Ebiografia, 2020**. Disponível em:

https://www.ebiografia.com/antonio_candido/. Acesso em 02 nov. 2020.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. 4 ed. Tradução de J. Guinsburg, Mirian Scahnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHATACK, Gislene. **O poder do mito e dos super-heróis na educação**.

Monografias Brasil-Escola, [201-]. Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/o-poder-mito-dos-super-heróis-na-educacao.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

CHEVALIER, Jean. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números). Tradução Vera da Costa e Silva. [et al]. 32ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

CICLOPE. *In Dicionário Aurélio online*, 2021.

Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ciclope/>. Acesso em: 11 mar. 2021

CLÁSSICO. *In Dicionário Aurélio online*, 2020.

Disponível em <https://www.dicio.com.br/aurelio-2>. Acesso em: 8 fev. 2021.

CLEMENTE, José. Fundo – Moacyr Assis Andrade. **Guia de fundos e coleções** – Acervo sob a guarda da APM, 1981 Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fundos_colecoes/brtacervo.php?cid=218. Acesso em: 17 jun 20.

CLEMENTE, José. Mais uma escritora de Juiz de Fora. **Estado de Minas**, 1966.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COLÉGIO JESUÍTAS. Disponível em: <http://colegiodosjesuitas.com.br/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

COLIBRI. *In Dicionário Aurélio online*, 2020. Disponível em

<https://www.dicio.com.br/aurelio-2>. Acesso em: 6 nov. 2020.

CONCURSO NACIONAL DE LITERATURA PRÊMIO CIDADE DE BELO HORIZONTE. Fundação Municipal de Cultura. Prefeitura de Belo Horizonte, 2019. Disponível em: Acesso em: 8 jul. 2020.

COUTINHO, Fernanda. **NETSABER biografias**. Disponível em:

<http://biografias.netsaber.com.br/biografia-4752/biografia-de-fernanda-coutinho>. Acesso em: 21 abr. 2020.

DALVI, Maria Amélia (Org.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA. 2013. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/409973/mod_resource/content/2/demgol_pt.pdf. Acesso em: 23 nov. 2020.

DUARTE, José Afrânio Moreira. A Porta-estandarte. **Diário Mercantil** de Juiz de Fora, 1966.

DUARTE, José Afrânio Moreira. José Afrânio Moreira Duarte – Biografia. **Revista Cirandinha: revista literária online**, 2009. Disponível em: nhapiaui.blogspot.com.

DUARTE, Pedro. Por que uma obra é clássica? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008.

Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 30 set. 2020.

EDUCADORA É HOMENAGEADA. Juiz de Fora, 2007. Disponível em:

<http://www.camarajf.mg.gov.br/noticias.php?cod=4254>. Acesso em: 13 mar. 2020.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Tradução Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1972.

EM MARIA DE LOURDES, Prêmio para a mulher latinoamericana. **UFJF HOJE**, Juiz de Fora, Nº 82, Ano I, 1989.

ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS: passo a passo para o processo de implantação. Ministério da Educação. Brasília, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/passo_a_passo_versao_atual_16_setembro.pdf Acesso em: 28 out. 2020.

ENTREGA DA MEDALHA JK reverencia qualidade da UFJF. Uffj notícias, Juiz de Fora, 2008. Disponível em: <https://www.ufjf.br/arquivodenoticias/2008/12/entrega-da-medalha-jk-reverencia-qualidade-da-ufj>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ETIMOLOGIA DE CLÁSSICO. Gramática: conhecimento da língua portuguesa. [20-]. Disponível em: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-classico/>. Acesso em: 25 set. 2020.

FAROL. Dicionário de símbolos: significado dos símbolos e simbologias. 2021. Disponível em: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/farol/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

FREUD, Sigmund. Conf. XXIII: os caminhos da formação dos sintomas. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (ESB, 16). *In*: MENDES, Larissa da Costa. **Mitos e origens na psicanálise freudiana Myths and origins in freudian psychoanalysis Monah Winograd**. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno27_pdf/18-CADERNOS_DE_PSICANALISE_27_2012_Mitos_e_origens.pdf. Acesso em: 17 ago. 2020.

GALVÃO, Lúcia Helena. **Como viver o mito**. Nova Acrópole, 2014, Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tOg7nmnWZm8>. Acesso em: 17 ago.2020

GAMA- KHALIL, Marisa Martins. A literatura fantástica: gênero ou modo? **Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol26/TR26b.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020.

GARCIA, Helcio Antunes. **O mito na sociedade contemporânea**. Mito e filosofia, 2009. Disponível em: <http://mitoefilosofia.blogspot.com/2009/11/o-mito-na-sociedade-contemporanea.html>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GONÇALVES, Emânia Aparecida Rodrigues. **Antigamente no porão: o manuscrito e o impresso – uma questão de variantes**. Orientora: Prof.^a Dra. Moema Rodrigues Brandão Mendes. 2014 (Dissertação - Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior), Juiz de Fora, 2014.

HELENA, Sarah. **Por que ler os clássicos para os pequenos?** 2019.

Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/por-que-ler-os-classicos-para-os-pequenos/#:~:text=Atravessando%20gera%C3%A7%C3%B5es%20com%20narrativas%20significativas,realis%20e%20concretos%>

HOMERO. **Odisseia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JUSBRASIL. DISPÕE SOBRE A CONCESSÃO DE. 2007. Disponível em: jusbrasil.com.br/topicos/28508879/maria-de-lourdes-abreu/legislacao. Acesso em: 21 abr. 2020.

JUSBRASIL. **Jusbrasil**: o caminho mais curto para a justiça. 2017. Disponível em: <https://sobre.jusbrasil.com.br/como-fazemos-2>. Acesso em: 8 jul 20.

KAVÁFIS, Konstantinos. **Ítaca**. Tradução de José Paulo Paes, 2016. Disponível em: [https://singularidadepoetica.art/2016/02/24/konstantinos-kavafis-itaca-em-tres-traducoes/#:~:text=\(Trad.,de%20aventuras%2C%20repleto%20de%20saber.&text=emo%C3%A7%C3%A3o%20teu%20corpo%20e%20teu%20esp%C3%ADrito%20to](https://singularidadepoetica.art/2016/02/24/konstantinos-kavafis-itaca-em-tres-traducoes/#:~:text=(Trad.,de%20aventuras%2C%20repleto%20de%20saber.&text=emo%C3%A7%C3%A3o%20teu%20corpo%20e%20teu%20esp%C3%ADrito%20to)r. Acesso em: 25 abr. 21.

LACOMBE, Ana Luísa. Como as histórias foram entrando na minha vida... *In*: **Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes**. PRIETO, Benita (Org.). Rio de Janeiro: s. ed, 2011.

LAJOLO, Marisa. Circulação e consumo do livro infantil brasileiro: um percurso marcado. *In*: KHÉDE, Sônia Salomão (Org.). **Literatura infanto-juvenil**: um gênero polêmico. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986, p. 43-54.

LEITE, Ascendino. **Paraíba total**: personalidades. 2013. Disponível em: <http://www.paraibatotal.com.br/a-paraiba/cultura/personalidades/ascendino-leite>. Acesso em: 20 abr. 2020.

LÉVI- STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LIMA, Batista de. (Org.). **Coletânea contos**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2014.

LIMA, Batista de. **Ensinado e aprendendo**. Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/especial-publicitario/unifor/ensinando-e-aprendendo/noticia/2016/09/professor-da-unifor-recebe-titulo-de-cidadao-de-fortaleza.htm> Acesso em: 20 maio 2020.

LIMA, Zeca. Concurso nacional de literatura João de Barro é divulgado. **Entre-Rios Jornal**. Belo Horizonte, 2019. Disponível em <https://www.entreriosjornal.com.br/noticia-concurso-nacional-de-literatura-joao-de-barro-2019-e-divulgado-73517>. Acesso em: 6 abr. 2020.

LIVRO CONTA a trajetória de Henrique Halfeld. Universia, São Paulo, 2005. Disponível em:

<https://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2005/05/31/481149/livro-conta-trajetoria-henrique-halfeld.html>. Acesso em: 5 mar. 2020.

LIVROS PARA AMAR. Museu de Arte Murilo Mendes, Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <http://www.museudeartemurilomendes.com.br/r/2017/08/30/livros-para-amar/> . Acesso em: 5 mar. 2020.

LOURENÇO, Edival. A literatura é o único instrumento realmente capaz de mudar o homem. Disponível em: "<https://www.revistabula.com/4209-a-literatura-e-o-unico-instrumento-realmente-capaz-de-mudar-o-homem/>". Acesso em: 8 out 2020.

LUCAS JUNIOR, GeOrge Walton. **Cine Click**, 2020. Disponível em: <https://cineclick.uol.com.br/perfil/geOrge-lucas>. Acesso em: 6 nov. 2020.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MACIEL, Leila Rose Marie B. S. **Uma experiência de vida: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira**. Orientadora: Prof.^a Dra. Thereza da Conceição A. Domingues. 2000. 280 f. Dissertação de Mestrado em Letras. Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora.

MACIEL, Leila Rose Marie B. S. **Leituras intertextuais em Corpo estranho. De olhos fechados e O menino da ilha**. Orientadora: Prof.^a Dra. Thereza da Conceição A. Domingues. 2004. 97f. Dissertação de Mestrado em Letras. Centro de Ensino Superior, Juiz de Fora.

MAIOR HONRARIA DA UFJF, medalha JK será entregue a 26 personalidades. Ufjf notícias, Juiz de Fora, 2019. Disponível em <https://www2.ufjf.br/noticias/2019/12/11/maior-honraria-da-ufjf-medalha-jk-sera-entregue-a-26-personalidades>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MALUF, Ued. O que faz uma obra um clássico? *In: O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis*, nº 11, novembro, 2008. Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 30 set 2020.

MASS MIDIA. *In: Reverso Technologies*, 2020. Disponível em: <https://context.reverso.net/traducao/ingles-portugues/mass+media>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MELO JUNIOR, Maurício. **Encontro com o autor-Maurício Melo Júnior**. Centro, 2017. Disponível em: <http://oasyscultural.com.br/escritores-feiras-de-livros/mauricio-melo-junior/>. Acesso em: 21 abr. 2020.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão. Colar de contos premiados: um olhar crítico-genético. **Revista Philologus**, v. 53, p. 167-180, 2012.

MENDES, Moema Rodrigues Brandão; MACIEL, Leila Rose Márie Batista da Silveira. **Dois olhares para uma escritora plural: Maria de Lourdes Abreu de Oliveira**. Curitiba: Appris, 2013.

MENEZES, Pedro. O que é estética na filosofia? **Toda matéria**, 2020. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/estetica/>. Acesso em: 28 out. 2020.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12ª ed. Rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.

MONFARDINI, Adriana. O mito e a literatura. **Terra roxa e outras terras: revista de Estudos literários**, Universidade Estadual de Londrina, volume 5, p. 50-61, 2005. Disponível em: <https://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 13 ago. 2020

MORTALHA, *In Dicionário Aurélio online*, 2020. Disponível em <https://www.dicio.com.br/aurelio-2>. Acesso em: 24 nov. 2020.

NEVES, José Alberto Pinho. (Org.). **Diálogos abertos**. Juiz de Fora: UFJF/MAMM, 2016.

NUNES, Josina. In: SQUARISI, Dad. **Deuses e heróis**. Juiz de Fora: Franco Editora, 2014.

NUNES, Rizzatto. **A presença do mito na sociedade capitalista contemporânea**. Migalhas, 2012. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/apoiadores>. Acesso em: 19 ago. 20.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **De olhos fechados**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O menino da ilha**. Juiz de Fora: Franco Editora, 1991.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **ABC do Zezinho**. Juiz de Fora: Franco Editora, 2003.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de; REDMOND, William Valentine. **Literatura & mídia: percursos perversos**. Rio de Janeiro Edições Galo Branco, 2004.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O menino da ilha**. Juiz de Fora: Franco Editora. 2010.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Bravo Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Fundamentos Educacional Ltda, 2015.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Bravo Brasil**. [Entrevista cedida a] Mesa de debates. TV Cultura, Juiz de Fora, 10 jun. 2015.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Os sete desafios no outro lado da ilha**. Juiz de Fora: Franco editora, 2017.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Nem tão claro enigma**. Rio de Janeiro: Batel, 2018.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O garoto que tinha asas nos pés**. Paraty: Selo Off Flip, 2018.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **O menino da ilha. Os sete desafios no outro lado da ilha**. [Entrevista cedida a] Sandra Mayumi Amanuma. Residência da entrevistada, Juiz de Fora, 17 set. 2019.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **Bravo Brasil**. [Entrevista cedida a] Sandra Mayumi Amanuma, Juiz de Fora, 17 jul. 2020.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Abreu de. **De olhos fechados** [Entrevista cedida a] Sandra Mayumi Amanuma. Residência da entrevistada, Juiz de Fora, 30 abr. 2020.

PASTORE, Marina. Como um clássico se torna um clássico? A fronteira entre arte e entretenimento na literatura. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. São Paulo: USP, 2012.

PAES, José Paulo. In PASTORE, Marina. Como um clássico se torna um clássico? A fronteira entre arte e entretenimento na literatura. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**. São Paulo: USP, 2012.

POLI JUNIOR. PRÊMIO OFF FLIP de literatura. Paraty, 2014. Disponível em: premio-offflip.net/equipe/ovidio-poli-junior/. Acesso em: 3 mar. 2020.

PORTAL DE NOTÍCIAS. Juiz de Fora, 2011. Disponível em: pjf.mg.gov.br/noticias/view.php?modo=link2&idnoticia2=28229. Acesso em: 3 mar. 2020.

PRÊMIO OFF FLIP de literatura. Paraty, 2014. Disponível em: <http://www.premio-offflip.net/>. Acesso em: 3 mar. 2020.

PRÊMIO OFF FLIP DE LITERATURA garante. Paraty, 2014. Disponível em: <https://www.premio-offflip.net/historico/>. Acesso em: 3 mar. 2020.

RAINHO, Cleonice. A Porta-estandarte. **Gazeta Comercial**: Juiz de Fora, 15 abr. 1966

RAINHO, Cleonice. **Portal São Francisco**, 2020. Disponível em: <http://www.portalsaofrancisco.com.br/biografias/cleonice-rainho>. Acesso em: 22 maio 2020.

REBLIN, Iuri Andréas. **A superaventura: da narratividade e sua expressividade à sua potencialidade teológica**. Orientadora Laude Erandi Brandenburg, 2012. 257f. Tese (Doutorado) – Escola Superior de Teologia. Orientadora: Laude Erandi Brandenburg. São Leopoldo, 2012.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 2017.

REIS E RAINHAS E PRESIDENTES DE PORTUGAL. O portal da história. Disponível em: <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/temashistoria/pedro1.htm>. Acesso em 7 set. 2020.

REZENDE, Neide Luiza. O ensino de literatura e a leitura literária. *In*: DALVI, Maria Amélia (Org.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p.99-112.

RIBEIRO, Martha. O que faz de uma obra um clássico? *In*: **O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis**, nº 11, novembro, 2008. Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 30 set 2020.

ROCHA, Renato. O que faz de uma obra um clássico? *In*: **O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis**, nº 11, novembro, 2008. Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 30 set 2020.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. *In*: DALVI, Maria Amélia (Org.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 17-33.

SAMPAIO, Aíla Maria Leite. ESCAVADOR. 2020. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/622573/aila-maria-leite-sampaio>. Acesso em: 21 abr. 2020.

SANTEIRO, Sérgio. O que faz de uma obra um clássico? *In*: **O que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis**, nº 11, novembro, 2008. Disponível em: http://www.poesis.uff.br/PDF/poesis11/Poesis_11_entrevistas.pdf. Acesso em 30 set 2020

SANTOS, Daniela Cacusos Bellarde dos. **Guerra nas estrelas**: o mito da sociedade moderna. Cinemais. [20-?]. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~cinemais/artestrelas.html>. Acesso em: 13 ago. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. Ebiografia. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ferdinand_de_saussure/. Acesso em: 28 out. 2020.

SILVA, Gisela; DIOGO, Américo Lindeza; AZEVEDO, Fernando Fraga de. **Mitos e temas revisitados na literatura [infantojuvenil] contemporânea**: uma literacia de (re)criação, 2008. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8009>. Acesso em: 14 ago. 2020.

SILVA, Inês Araújo. Ciberdúvidas da língua portuguesa, 2016. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/odisseia-e-ulisses/33966>. Acesso em 23 nov. 2020.

SÓ HISTÓRIA. 2020. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/biografias/homero/>. Acesso em: 23 nov. 2020.

TELES, Gilberto Mendonça. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.Org.br/pessoa2596/gilberto-mendonca-teles>>. Acesso em: 19 maio. 2020. Verbete da Enciclopédia.

TINOCO, Robson Coelho. Percepção do mundo na sala de aula: leitura e literatura. *In*: DALVI, Maria Amélia (Org.) **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013, p. 135-151.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 2012.

ENTREGA DA MEDALHA, 2008. UFJF, notícias. Juiz de Fora, 2021. Disponível em: [https://www2.ufjf.br/noticias/imprensa/sobre-a-ufjf/#:~:text=A%20Universidade%20Federal%20de%20Juiz,em%20Governador%20Valadares%20\(MG\).&text=Pelo%20campus%20da%20UFJF%20circulam,estudantes%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia](https://www2.ufjf.br/noticias/imprensa/sobre-a-ufjf/#:~:text=A%20Universidade%20Federal%20de%20Juiz,em%20Governador%20Valadares%20(MG).&text=Pelo%20campus%20da%20UFJF%20circulam,estudantes%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20a%20dist%C3%A2ncia). Acesso em: 23 fev. 2021.

VENCEDORA DO PRÊMIO Bloch acha que o autor não deve usar arte como política. **Diário Mercantil**, Juiz de Fora, 14 out. 1968. p.1.

VIÇOSA DÁ ADEUS À PROFESSORA Therezinha Mucci Xavier. **Folha da Mata**. 2015. Disponível <http://folhadamata.com.br/noticia-vicosa-da-adeus-a-professora-therezinha-mucci-xavier-1049>. Acesso em: 20 abr. 2020.

XAVIER, Therezinha Mucci. **O melhor do conto brasileiro em Minas Gerais**. Joinville: Sucesso Pocket, 2002.

WARREN, Austin. Brown University Library, [20-]. Disponível em: <https://library.brown.edu/collatoz/info.php?id=446>. Acesso em: 28 out. 2020.

WELLEK, René. LinkFang. Disponível em: https://pt.linkfang.Org/wiki/Ren%C3%A9_Wellek. Acesso em: 28 out. 2020.

ZILBERMAN, Regina. Tantas palavras: consultoria pedagógica, 2020. Disponível em: antaspalavras.com.br/palestrante-conferencista/profa-dra-regina-zilberman/. Acesso em: 2 nov. 2020.

ANEXO

NAS TRILHAS DA ODISSÉIA DE HOMERO⁴²

Sandra Mayumi Amanuma

Desde que conhecemos o mundo, a história faz parte de nossa vida e sempre teve quem contasse e quem ouvisse as narrativas. Antes mesmo de existir a escrita, as histórias eram narradas para que fossem passadas de geração em geração. Essas narrativas, na maioria das vezes, míticas eram cercadas de personagens fantásticos, cheias de imaginação, mas não deixavam de ser verdadeiras. Os homens se reconhecem nessas narrativas porque os mitos retratam o humano e a natureza (NUNES apud SQUARISI, 2014).

Dentro desse contexto, nessa subseção, a pesquisa está oferecendo ao leitor o resumo da obra, **Odisseia**, com a intenção de compartilhar uma leitura pouco revisitada pela grande maioria de nossos leitores contemporâneos por ser uma literatura clássica do século XIX, distante de nosso tempo.

Odisseia é um poema épico⁴³ produzido na antiguidade clássica e que, ao longo do tempo, enquanto gênero foi desaparecendo de nossa literatura. Mas a mensagem do épico continua presente nas produções literárias contemporâneas por meio de símbolos como ocorre nas obras **O menino da ilha** e **Os sete desafios no outro lado da ilha**, de Maria de Lourdes Abreu de Oliveira.

Contextualizando, a **Odisseia** é um poema épico datado do século IX – VIII a.C. cuja autoria é atribuída poeta grego Homero⁴⁴ que narra a aventura do retorno

⁴² Com a intenção de que o leitor, desta pesquisa, “conheça” a narrativa, optamos por não poupar a contação desta história de forma mais detalhada sob forma de resumo expandido.

⁴³ . Épica vem do latim *epicus*, do grego *epikós* que significa palavra, narrativa, poema. A poesia épica traduz o que é ilustre, sublime, solene, relacionados à guerra e a acontecimentos históricos. O protagonista da epopeia é um herói de extraordinária força física e mental, embora de constituição simples. Instintivo e natural; o amor pode inserir-se na trama heróica, em episódios isolados. O poema é distribuído em três partes autônomas: a proposição que é o enunciado do tema da obra; a invocação que é o apelo aos deuses para que auxiliem o poeta na sua empreitada criadora. A narração é a parte central e a mais extensa contém o relato minucioso da ação executada pelo herói. O epílogo é o fecho da ação com apresentação de um imprevisto, coerente, além de ter um desfecho feliz (MOISÉS, 2013).

⁴⁴ Pouco se sabe sobre Homero. Acredita-se que era um poeta cego, viveu na Grécia no século VIII antes de Cristo e escreveu duas das mais importantes epopéias da história da civilização. Ele pode ter sido um menestrel ambulante ou um contador de histórias na corte de uma das cidades-Estados

de Odisseu⁴⁵, nome utilizado pelos gregos, e Ulisses⁴⁶, para os romanos, para sua casa, em Itaca, após o término da guerra de Tróia⁴⁷ que durou dez anos. Os reis, generais e comandantes que atuaram na guerra, retornaram para o lugar de origem, menos Ulisses. Mais dez anos se passaram e o rei de Itaca não conseguiu chegar ao seu destino. Devido a essa demora, sua família pensava que Ulisses estava morto.

Durante a viagem de retorno, o herói da guerra de Tróia teve que enfrentar muitos desafios que foram surgindo e acabou se perdendo diante dos imprevistos.

Esse fato ocorreu devido à fúria de Posídon que se encarregou de castigar Ulisses porque ele havia furado o único olho de seu filho, um ciclope⁴⁸. Ulisses acabou ficando na ilha de Calipso por volta de sete anos. A deusa Calipso desejava a permanência de Ulisses para sempre ao seu lado. Cita a ficção,

Confrange-se porém o coração, ao relembrar o prudente Ulisses, esse infeliz que há tanto tempo sofre, longe dos entes queridos, numa ilha circundada pelas ondas, que emerge do meio do oceano. A ilha é coberta de árvores; lá reside uma deusa, filha de Atlas, deste espírito malévolos que conhece os abismos de todo o mar e sustenta sozinho as potentes colunas que separam a terra do céu. Sua filha retém cativo o infeliz que se desfaz em lamentos, de contínuo empenhada em seduzi-lo com expressões de ternura e lisonja, no intuito de levá-lo a se esquecer de Ítaca (HOMERO, 1979, p. 12).

Palas Atena, a deusa de olhos brilhantes, aproveitando a ausência de Posídon, reuniu os deuses numa assembleia para deliberar o regresso do paciente Ulisses à Ítaca. O mensageiro Hermes ficou encarregado de anunciar a decisão dos deuses para Calipso. No entanto, no palácio, os pretendentes, candidatos ao

gregas. Há mesmo quem acredite que ele seja um personagem imaginário, criado apenas para justificar as obras que lhe são atribuídas (SÓ HISTÓRIA, 2020).

⁴⁵ Existem diversas interpretações já na antiguidade: nos poemas homéricos, este nome se põe em relação com o verbo *ὀδύσ(σ)ομαι, "estar encolerizado, irado com alguém, odiar"; o nome suporia a lembrança de um feito desagradável e doloroso, que teve lugar antes do nascimento da criança (DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA MITOLOGIA GREGA, 2013, p. 211)

⁴⁶ **Ulisses** é a versão latina do herói grego, e uma figura da mitologia romana por direito próprio, enquanto o título do poema que o tornou famoso entrou como transliteração do original. Finalmente, o uso consagrou **Ulisses** como herói da **Odisseia** porque a influência latina tem primazia sobre a grega na cultura e língua portuguesas (SILVA, 2016). Nesta dissertação, será empregado o nome Ulisses.

⁴⁷ A **Guerra de Troia** foi travada na Idade do Bronze entre gregos e troianos, com início em 1.300 a.C. e teria durado uma década. O motivo para a guerra seria o sequestro ou a fuga da rainha Helena, de Esparta. Ela tinha fugido com o príncipe de Troia, Paris. A situação enfureceu o rei espartano, Menelau, que ordenou o cerco a Troia. Menelau convenceu o irmão, Agamenon, rei de Micenas, a liderar a empreitada para recuperar a rainha (BEZERRA, 2017).

⁴⁸ Gigante com um só olho na testa (AURÉLIO, 2021. Não paginado).

casamento com Penélope, se instalaram para aguardar a decisão da suposta viúva para saber quem seria o escolhido para substituir Ulisses. Enquanto Penélope não se manifestava, os pretendentes se fartavam de ovelhas e de bois do rebanho da ilha mediante grandiosos banquetes, herança de Telêmaco. Nesse ínterim, a própria deusa Atena, disfarçada de Mentis foi até á Ítaca convencer Telêmaco de que seu pai estava vivo e que ele deveria ir ao reino de Esparta para que obtivesse maiores informações sobre o retorno de seu genitor. A deusa de olhos brilhantes aconselhou o filho de Penélope a realizar uma reunião com os pretendentes na Ágora, grande praça onde os encontros aconteciam, para informar que Ulisses estava para chegar e reassumiria seu reino. Diante desse fato, eles deveriam ir embora do palácio.

Palas Atena aconselhou Telêmaco.

Equipa o melhor de teus navios com vinte remadores e vai colher informações acerca de teu pai, há tanto tempo ausente. Talvez algum mortal te fale dele, ou, quem sabe, ouvirás algum desses rumores provenientes de Zeus, que, as mais das vezes, disseminam as notícias entre os homens. Em primeiro lugar, dirige-te a Pilo e interroga o venerável Nestor; dali, segue para Esparta, ao palácio do louro Menelau [...] (HOMERO, 1979, p. 16).

Na manhã seguinte, Telêmaco convocou os aqueus para uma assembleia na Ágora e comunicou o abuso dos pretendentes que se instalaram no palácio, que estavam consumindo seu rebanho e vinho em longos festejos à espera da decisão de Penélope. Só que sua mãe não escolheria o sucessor de Ulisses enquanto não terminasse de tecer uma mortalha⁴⁹ para o sogro Laertes. Durante o dia, ela tecia e à noite desfazia o trabalho que havia realizado para que ganhasse tempo diante da decisão que teria que pronunciar. Essa situação perdurou por três anos e, com isso, seguia o consumo dos bens do herdeiro.

Telêmaco, então, decidiu partir para Esparta e Pilo, para conseguir informações de seu pai, ausente há tanto tempo. Nessa viagem, há esperança de encontrar alguém que consiga informar sobre o que de fato havia acontecido com Ulisses. Se seu pai estivesse morto, Telêmaco teria que voltar para erguer um monumento e prestar-lhe as últimas homenagens e sua mãe teria que desposar de um novo marido.

⁴⁹ Lençol em que se envolve um morto; sudário (MORTALHA, 2020).

Chegando a Pilo, desembarcaram em meio de uma festa, para a qual estavam assando carne. Telêmaco, encorajado por Atena, foi ao encontro de Nestor para interrogar sobre o destino de Ulisses. Nestor explicou que esteve com seu pai em Tróia, mas que, depois, ao embarcarem, no retorno, os navios dispersaram-se devido a Zeus que introduziu a discórdia entre Agamémnon e Menelau. Uns partiram e outros ficaram. Como Zeus ainda não havia consentido o regresso, alguns voltaram sob o comando de Ulisses e Nestor fugiu e se juntou com Menelau. Nestor conseguiu chegar a Pilo, sem ter notícia das pessoas que se salvaram e das que morreram. O amigo sugeriu que Telêmaco fosse encontrar com Menelau para que ele contasse o que havia acontecido. Para isso, colocou o carro, os cavalos e seus filhos à disposição de Telêmaco.

Quando chegaram ao palácio de Menelau, havia uma festa em que comemoravam o casamento dos filhos. Telêmaco e o filho de Nestor foram bem recebidos, como era de costume à época, ofertando-lhes uma grandiosa refeição. Assim, Menelau faz o relato sobre Ulisses,

Contudo, em meio de tanta amargura, por nenhum de meus companheiros tantas lágrimas derramo, como por um, a saudade do qual me perturba o sono e a comida; porque ninguém, entre os Aqueus, passou por tantas provações quantas Ulisses sofreu e suportou. Assim, quis o destino: para ele as tribulações, para mim uma eterna saudade. Ei-lo ausente há tanto tempo, e nós sem saber se está vivo ou morto. Sem dúvida que também o choram o velho Laertes e a fiel Penélope e Telêmaco, que ele teve que deixar em casa, apenas recém-nascido (HOMERO, 1979, p. 39).

Ao ouvir as palavras de Menelau, Telêmaco se emociona, deixando suas lágrimas escorrerem suavemente pelo seu rosto. Helena logo desconfia que aquele jovem rapaz era Telêmaco e Menelau teve a mesma desconfiança devido à sua semelhança com Ulisses. O filho de Nestor confirma que aquele rapaz é o filho de Ulisses.

Helena narra a façanha do astuto Ulisses na Guerra de Tróia.

Não vou narrar nem enumerar todas as façanhas do sofrido Ulisses, mas tão somente o feito ilustre que este varão enérgico ousou e realizou em terras de Tróia, teatro de vossas tribulações, ó Aqueus! Tendo-se ferido com golpes que o desfiguraram, lançou por sobre os ombros uns velhos farrapos e, disfarçado em escravo, esgueirou-se por entre os inimigos, na cidade de largas ruas; para melhor se ocultar, dava a aparência de um miserável, de mendigo, ele que tão diferente se ostentava junto das naus dos Aqueus. Sob tal disfarce, penetrou na cidade dos troianos, os quais não deram por nada. Só eu o reconheci debaixo daquela falsa aparência, e

interroguei-o; ele, por astúcia, tentava evitar-me; mas, quando o banhei, ugi de óleo, e vesti; quando prometi solenemente não revelar a presença de Ulisses entre os troianos, antes de seu retorno às naus ligeiras e às tendas, então ele me confiou todo o plano dos Aqueus (HOMERO, 1979, p. 41).

Complementa Menelau:

Conheci por experiência os pensamentos e bravura de muitos heróis, percorri o vasto mundo; nunca, porém, meus olhos viram quem possuísse um coração como o do paciente Ulisses. Atentai no que ousou e empreendeu este homem enérgico, dentro do cavalo de madeira, onde os mais valentes dos Argivos estávamos emboscados para levar extermínio e morte aos troianos. Tu aproximaste-te da máquina, sem dúvida incitada por uma divindade desejosa de oferecer aos troianos uma ocasião de glória; segui-te Deífobo, semelhante a um deus. Três vezes deste a volta à máquina oca, tateando-a, chamando por seu nome os mais bravos dos Dânaos, e imitando, para cada um deles, a voz de suas esposas. Sentados no meio deles, eu, o filho de Tideu e o ilustre Ulisses, ouvíamos teu apelo. E tanto Diomedes como eu nos dispúnhamos a seguir nosso primeiro impulso: sair ou responder-te desde o interior; mas Ulisses nos deteve e freou nosso desejo. Então os restantes filhos dos Aqueus se mantiveram em silêncio, só Anticlo queria responder-te; mas Ulisses, com suas potentes mãos, de contínuo lhe tapava a boca, salvando, por essa forma, todos os Aqueus; e somente o largou quando Palas Atena te levou para longe de nós (HOMERO, 1979, p. 41).

Diante de Menelau, Telêmaco estava esperançoso por saber notícias de seu pai e relatou o que estava acontecendo em seu palácio com sua mãe. Menelau esclareceu que Ulisses estava triste, numa ilha, no palácio da ninfa Calipso e que a deusa o retém à força, não o deixando retornar para sua terra.

Em Ítaca, os pretendentes souberam que Telêmaco havia viajado apesar de estar proibido de se ausentar do palácio. Então resolveram preparar uma armadilha para matar Telêmaco quando regressasse para sua casa.

Em uma nova assembleia, aproveitando a ausência de Posídon, a deusa Atena, protetora de Ulisses, solicita a Zeus que a ninfa Calipso liberte Ulisses para que ele possa retornar à sua casa. Lembrando que Ulisses é um bom rei e está enclausurado numa ilha, sofrendo violentas tribulações e está retido contra a sua vontade. O herói não pode retornar por não dispor de remos, de embarcação e de homens. Imediatamente, Zeus ordenou que Hermes, o mensageiro, fosse até à ilha de Calipso, ninfa de belas tranças, e comunicasse à deusa que Ulisses teria que regressar em uma jangada até à terra dos Feácios. Estes o honrarão como um deus e conduzirão Ulisses num navio à terra pátria com presentes que receberá. A ninfa amava Ulisses e pretendia torná-lo imortal para que ficasse eternamente em sua

ilha, mas comprometeu-se em ajudar seu amado a retornar em segurança. “[...] farei soprar pela ré um vento propício, para que, são e salvo, chegues à terra pátria, se, ao menos, o permitirem os deuses, habitantes do vasto céu e mais poderosos que eu em conceber e executar” (HOMERO, 1979, p. 54).

Posídon, ao ver o guerreiro do mar, navegando em direção à terra dos Féaces, agitou os ventos, as nuvens escureceram, a noite chegou e, com tudo isso, a tempestade. Diante desse cenário, Ulisses pensou estar de frente para a morte. Sua jangada foi atingida, ficando destruída e Ulisses foi jogado longe da embarcação, ficando por um longo tempo debaixo da água. Leucótea, a deusa que vive no mar, se compadeceu de Ulisses e o ajudou. Pediu que despisse suas roupas e que fosse a nado até à terra dos Féaces onde encontraria a salvação. A deusa entregou um véu imortal para que fosse estendido sobre o peito e este o protegeria do sofrimento e da morte, mas depois que chegasse em terra firme, jogaria o véu no mar.

O herói conseguiu chegar às margens de um rio e se alojou em um bosque para se proteger de animais selvagens e se aquecer para, enfim, descansar.

A deusa Atena foi ao palácio do rei Alcino e entrou no quarto de sua filha, Nausica, e, em sonho, fez com que fosse até ao rio para lavar as roupas devido à proximidade de seu casamento. Atena, a deusa de olhos brilhantes, falou:

Nausica, será possível que tua mãe tenha uma filha tão negligente? Teus vestidos de linho ondeado jazem ali em desordem. Teu casamento está próximo, no qual importa que te apresentes elegantemente vestida, bem como aqueles que te hão de acompanhar. [...] vamos, pois, vamos lavar, logo que desponte a Aurora (HOMERO, 1979, p.59).

No dia seguinte, logo ao amanhecer, Nausica partiu, em um carro, com as escravas, levando comida e vinho. Depois que terminaram de lavar as roupas e enquanto esperavam as peças secarem, foram jogar bola.

O dia havia passado e, estava chegando a hora do retorno para o palácio, então Atena utilizou uma estratégia para que acordasse Ulisses. Ela fez com que a bola rolasse e todas começaram a gritar. Com o barulho, o herói acordou e foi ao encontro das donzelas, mas todas fugiram depressa, assustadas, menos a filha de Alcino. Nausica alimentou Ulisses, deu-lhe roupas e o levou para o palácio de seu pai. Só que ele ficou no bosque sagrado de Atena para que desse tempo de Nausica chegar ao palácio primeiro para evitar os comentários maldosos. Ulisses suplicou à

deusa, que estava sempre o protegendo, para que ela intercedesse junto ao rei Alcino, para que se compadecesse dele e o ajudasse a retornar à sua casa.

Ulisses, então, dirigiu-se à cidade e Atena para protegê-lo, envolveu-o com uma nuvem cinzenta para que não fosse visto pelos Féaces. A deusa disfarçada de uma moça o conduziu ao palácio e pediu que ele se dirigisse à rainha Arete. Ela é muito sensata e boa em resolver as questões humanas. Se ela o aceitar, poderá conduzi-lo de volta para sua pátria.

Logo que Ulisses avistou Arete foi e abraçou os joelhos da rainha e fez o seguinte apelo:

Arete, filha de Rexenor, semelhante aos deuses, eis que venho, após tantas atribulações, de joelhos a teus pés, até junto de teu esposo, de vossos convivas. Oxalá os deuses concedam a todos vida próspera! E possa a cada um legar a seus filhos, em seu palácio, as riquezas e as honras, que tenha recebido do povo! Mas dai-vos pressa em me reconduzir à terra pátria, sem demora, pois há já longo tempo que sofro atribulações, longe dos entes queridos! (HOMERO, 1979, p. 67).

O rei Alcino recebeu o astuto Ulisses como hóspede e deu-lhe um bom vinho e, no dia seguinte, fez um banquete em sua homenagem. Logo após este evento, providenciou o retorno do herói para à terra de seus pais.

O guerreiro da **Odisseia** relatou ao rei Alcino que, após dias navegando no mar, sua embarcação foi atingida por um raio e a tripulação toda pereceu. Acabou sendo conduzido para a ilha de Calipso, onde foi aprisionado pela deusa de belas tranças, filha de Atlas, conhecida como a terrível pelo fato de a deusa ter se apaixonado por ele. Calipso o alimentava e prometia tornar Ulisses imortal se ele ficasse com ela na ilha e, sem opção, ele ficou por lá durante sete anos.

No oitavo ano, Zeus enviou uma mensagem para que Calipso o libertasse e o embarcasse numa jangada. Deveria prover a embarcação com pão e vinho e cobrir Ulisses com vestes imortais. Assim, durante dezessete dias, o herói ficou no mar. No décimo oitavo, avistou as terras de reino de Alcino, mas Posídon, sacudidor de terra, ainda destruiu a sua embarcação, mas as ondas ajudaram o jovem a chegar à terra dos Féaces. Como cita o ardiloso Ulisses,

Retrocedi nadando, até chegar a um rio, que me pareceu o melhor sítio, desguarnecido de rochas e ao abrigo do vento. Aí, desfalecido, caí por terra; retomei os sentidos, e sobreveio a noite imortal. Afastei-me do rio, cujas águas são alimentadas por Zeus, e fui dormir debaixo de uma moita, tendo-

me coberto com um montão de folhas. Sobre mim uma divindade derramou um sono interminável. Aí dormi, com o coração oprimido de tristeza, a noite inteira, a madrugada, até ao meio-dia. O sol já declinava, quando o agradável sono me deixou. Foi então que vi as escravas de sua filha, brincando na praia, no meio das quais ela se assemelhava a uma deusa (HOMERO, 1979, p. 69).

Após o relato da viagem de Ulisses, Alcino prometeu ajudá-lo a regressar à sua Pátria e, em seguida, foi dormir em um quarto com belos cobertores de púrpura e mantos de lã bem espessos.

Na manhã seguinte, Palas Atena estava disfarçada de arauto, andava pela cidade a fim de garantir o regresso de seu protegido. Ela se incumbiu de chamar os chefes e os conselheiros para se dirigirem à Ágora para ouvir o relato do estrangeiro sobre sua peregrinação pelo mar. Segundo Alcino, ele solicita ajuda para que possa ser reconduzido à sua casa. Assim, o rei ordenou que preparassem um navio e escolhessem homens valentes para acompanharem o estrangeiro.

Enquanto o navio estava sendo preparado, Alcino convidou alguns reis para que fossem ao seu palácio e um aedo foi chamado para o banquete. Terminada a comilança, o aedo foi convidado a cantar a trajetória dos heróis Ulisses e Aquiles, além de outros atos heróicos. Ao ouvir ao aedo, Ulisses fica emocionado e seca suas lágrimas de forma que não sejam notadas. Alcino foi o único que percebeu a emoção de seu convidado. Logo em seguida, o rei convidou a todos para presenciarem os jogos. O filho de Alcino, Euríalo, convidou Ulisses para participar da competição e ele explicou que estava muito cansado devido às provações que enfrentou durante a viagem. Ele estava ansioso pelo regresso à sua pátria. Como Ulisses foi desafiado, pegou um disco maior que os outros, muito mais pesado e o lançou e este foi cair além da meta estabelecida, muito mais à frente. Ulisses, após esta demonstração, desafiou todos os jovens para competir com ele qualquer esporte, menos Laodamante, por ser aquele que lhe concedeu hospedagem.

Segundo o rei, ninguém poderia ficar ofendido com as palavras de Ulisses porque afinal ele foi menosprezado. Logo depois, Alcino ordenou que a dança fosse iniciada e o aedo atendeu o pedido.

Ulisses recebeu muitos presentes de hospitalidade até Euríalo, com o pedido de desculpas, presenteou o estrangeiro com uma espada de bronze. Retornaram ao palácio e deram continuidade à festa com os cantos. Alcino ofertou ao hóspede uma arca com belos presentes. Depois de comer e beber, Ulisses pediu ao Demódoco

que cantasse a história do cavalo de madeira e que o ilustre Ulisses introduziu na cidade com muitos guerreiros e saquearam Tróia.

Alcino, que notou a emoção de Ulisses, de imediato, ordenou que cessasse a música porque seu hóspede estava sofrendo. Enfim, o rei perguntou ao estrangeiro quem ele era, como ele era conhecido na Pátria dele, quem eram seus pais, qual era a terra dele. Perguntou também o motivo da tristeza quando ouvia a história de Tróia, e interrogou se havia perdido algum parente nesta guerra ou alguém que estimava muito.

Ulisses anuncia ao rei quem realmente é,

Sou Ulisses, filho de Laertes, alvo de interesse para todos os homens, mercê de minhas astúcias, e minha glória se eleva até o céu. Habito Ítaca, bem visível ao longe; ergue-se aí um monte, o Nérito, onde o vento agita a ramaria das árvores e cujo píncaro é avistado desde o alto-mar; em volta, estão situadas ilhas, muito próximas umas das outras [...] (HOMERO, 1979, p.81).

O astuto Ulisses inicia sua história, com um regresso complicado imposto por Zeus, após o término da guerra de Tróia. Saindo de lá, os ventos os levaram para o país dos Cícones onde saquearam a cidade, mataram homens e se apoderaram das riquezas e das mulheres. Ulisses falou para que fossem embora logo, mas seus companheiros não quiseram atendê-lo. Os Cícones, ao receberem ajuda dos vizinhos, atacaram no dia seguinte e venceram os intrusos, alguns acabaram morrendo. O restante fugiu e seguiu o destino.

Prosseguindo viagem, Zeus imprimiu uma ventania que soprava como furacão, fazendo com que o dia se transformasse em noite, os navios foram arrastados e as velas quebraram. No terceiro dia, a deusa Atena fez com que a calmaria se instaurasse e que os homens chegassem sãos e salvos. Depois, foram levados por fortes ventos e acabaram por desembarcar na terra dos Lotófagos, se alimentavam de flores. Quem comesse o loto, esquecia-se do regresso e fincava raízes ali entre os Lotófagos. Ulisses os levou à força para o navio e saíram depressa antes que outros comessem da flor.

Seguindo viagem, chegaram à terra dos Ciclopes, gigantes de um olho só, onde viviam homens soberbos e sem leis. Viviam em grutas nas altas montanhas. Desembarcaram na praia, adormeceram e ficaram esperando o dia amanhecer. Descansaram, comeram carne à vontade, havia muito rebanho no local e beberam

vinho que ainda restava nos navios. Com apenas doze homens, foram até à alta caverna, levando pele de cabra e vinho para conhecer os ciclopes. No entorno, havia muito gado, ovelhas e cabras e ali morava um homem gigantesco sozinho que cuidava de seus animais. No momento em que entraram na caverna, o gigante estava apascentando suas ovelhas. Ao retornar, trouxe seu rebanho e fechou a entrada com uma grande pedra. Ao vê-lo, Ulisses e seus homens ficaram amendrontados por ser uma figura muito diferente. Explicaram para o dono da caverna que eram gregos e que estavam retornando de Tróia, estavam navegando em direção de suas casas. De repente, após colocar suas ovelhas e suas cabras para dentro da caverna, o ciclope pegou dois de seus homens para preparar para ceia. Devido à esperteza de Ulisses, que deu muito vinho ao gigante Polifemo e falou:

Ciclope, toma, bebe este vinho em cima da carne humana que comeste, para que saibas quão excelente era a bebida guardada em nosso navio. Trouxe-o para te fazer uma libação, na esperança de que te compadecieras de mim e me deixarias partir para casa (HOMERO, 1979, p.86).

Assim, o gigante bebeu muito vinho, mas antes de adormecer, quis saber o nome de quem estava servindo aquela deliciosa bebida. Ulisses, muito astuto, respondeu que seu nome era Ninguém e, como presente de hospitalidade, o ciclope anunciou que Ninguém seria o último a ser devorado.

Logo após o gigante ter adormecido, Ulisses com a estaca em brasa furou o único olho de Polifemo. A dor foi enorme e, por isso, emitiu um forte grito que ecoou por todo o lugar e os outros ciclopes foram correndo para ver o que tinha acontecido. Ao indagarem sobre o acontecido, o gigante respondeu que Ninguém era o autor da terrível façanha. Ele removeu a pedra que bloqueava a entrada da caverna e ficou de guarda para que os prisioneiros não fugissem com suas ovelhas. Como Ulisses era ardiloso, todos se agarraram na barriga das ovelhas, um a um, e saíram da caverna.

Quando o navio já estava distante, Ulisses fez questão de falar que foi ele quem furou o olho de Polifemo. Devido à fúria do gigante, invocou Posídon, seu pai:

Escuta-me, Posídon portador da terra, deus da cabelereira anilada. Se verdadeiramente sou seu filho e te Orgulhas de ser meu pai, concede-me que nunca regresse a seu torrão natal este Ulisses, saqueador de cidades, filho de Laertes, que habita em Ítaca. Mas, se o destino quer que ele reveja

os entes queridos e volte a seu palácio de elevado teto e à terra pátria, faça que isso aconteça ao fim de longo tempo, e depois de ter sofrido variadas provações e perdido todos os seus companheiros; que chegue em navio estranho e encontre aflições em sua casa! (HOMERO, 1979, p. 89).

Continuando a viagem, após dias no mar, chegaram à Eólia onde habitavam o guardião dos ventos e sua família. Ulisses relatou o que havia acontecido com ele e seus companheiros e que solicitava ajuda para retornar à sua pátria. De imediato, deu a Ulisses um odre de couro que continha os ventos mais perigosos que foi guardado no porão do navio. Já conseguiam avistar Ítaca quando os companheiros de Ulisses resolveram abrir o odre enquanto Ulisses dormia. Ao libertar o vento, chegou a tempestade que os jogou novamente para o alto mar que causou o retorno à ilha Eólia. Só que o rei os expulsou da ilha e tiveram que seguir viagem. Aportaram na ilha dos Lestrigões e, ao chegarem à mansão, alguns homens foram imediatamente devorados pelo rei. Os outros, ao se depararem com a morte dos companheiros, correram para os navios e partiram para o alto mar.

Chegando à ilha de Eéia, Eurícolo partiu com um grupo de homens e encontrou a morada de Circe que tinha uma encantadora voz. Todos entraram, exceto Eurícolo. Ela lhes ofertou comida e taças com drogas nas bebidas que os fizeram esquecer-se de sua Pátria, transformando-os em porcos.

Eurícolo, apressadamente, retornou ao navio e relatou o que havia acontecido e Ulisses foi ao palácio de Circe. O deus Hermes preveniu Ulisses sobre as artimanhas da deusa. Ele bebeu a droga que lhe foi ofertada, mas não ficou enfeitiçado devido a uma erva que havia ingerido antes de chegar ao palácio. Quando Circe foi tocá-lo com uma varinha, ele deveria pegar a espada e ameaçá-la de morte. Então, percebeu que era o Ulisses que estava retornando de Tróia. A deusa o convidou para dividir o leito com ele e não se pode recusar o pedido de uma deusa, ele aceitou, mas, em troca, fez com que ela promettesse desfazer o feitiço de seus companheiros. A deusa cumpriu com o que havia prometido e pediu para que buscasse seus homens para ficarem com ele em seu palácio. Assim permaneceram por um ano na ilha de Circe. Findado este tempo, a deusa os libertou para que continuassem a viagem, mas antes Ulisses teria que ir até a morada de Hades e de Perséfone para interrogar Tirésias, o adivinho cego. Os homens, então, prepararam o navio, e embarcaram os animais. O vento e o piloto os conduziram. Chegando à cidade dos Cimérios, deveria realizar uma cerimônia para chamar os mortos.

Deveria espalhar leite, mel, vinho e farinha de cevada. Sacrificaria um cordeiro e uma ovelha negra e deixaria o sangue escorrer para a fossa. Ulisses tirou sua espada de junto da sua coxa e ficou para impedir que os outros mortos se aproximassem do sangue, antes que Tirésias fosse interrogado.

Tirésias, com a permissão de Ulisses, enfim, se aproximou e bebeu do sangue para falar a verdade:

Glorioso, Ulisses, anseias pelo regresso doce como o mel, mas um deus torná-lo-á custoso, porque, segundo penso, o Sacudidor da terra não te deixará passar; seu coração está possuído de rancor contra ti, por teres cegado seu filho querido. Mas, a despeito de sua cólera, poderás ainda, à custa de inúmeras provações, chegar à pátria, se estiveres disposto a conter teu coração e o dos companheiros. Uma vez escapados ao mar escuro, tua bem construída nau abicará à ilha do Tridente, e nela encontrareis, pastando, as vacas e os robustos carneiros de Hélio, que tudo escuta. Se as deixares intactas, e cuidares apenas de regressar, podereis ainda, não sem sofrimentos, alcançar Ítaca; mas, se as maltratares, então predigo a ruína de tua nau e de teus companheiros; e tu, embora escapes à morte, arribarás tarde à pátria, em miserando estado, e em navio estranho, após ter perdido todos os teus companheiros; em tua casa, encontrarás motivos de aflição: homens arrogantes que te devoram os bens, e que pretendem tua nobre esposa e lhe oferecem presentes de noivado. Aliás, a tua chegada, farás que eles expiem suas violências. Mas, logo que, em teu palácio, tenhas matado os pretendentes, ou arditosamente ou às claras, à ponta do bronze, toma um remo bem trabalhado e parte, até chegares à terra de uns homens que nunca viram o mar e comemos alimentos sem sal [...] (HOMERO, 1979, p. 103).

Após Tirésias ter revelado a decisão dos deuses, retornou à morada de Hades. A mãe de Ulisses, em uma visão, foi ao seu encontro e relatou que Penélope ainda o esperava e que ninguém havia ocupado seu lugar no reino. Contou que Telêmaco administrava sua fazenda e que seu pai vivia no campo, na ilha. As saudades e as preocupações com Ulisses foram as responsáveis por tirarem a vida de sua mãe.

Outras mulheres também se aproximaram do sangue e também contaram suas histórias. Vieram os companheiros de Ulisses que morreram na guerra. A alma de Agamémnon chegou e, ao vê-lo, Ulisses chorou e foi tomado de compaixão. Ele narrou que Egisto o matou, crime planejado com a ajuda de sua esposa. Aquiles e os outros heróis também se encontravam lá. Todos muito ansiosos por saber notícias de seus parentes.

De repente, Ulisses ficou apavorado porque Perséfone poderia enviar um terrível monstro e, assim, ele retornou para o navio e ordenou a seus companheiros

que partissem depressa. Assim o fizeram, rumo à ilha de Circe e providenciaram o funeral de Elpenor, incinerando-o. A deusa levou pão, carne e vinho para que se fortalecessem e, para no dia seguinte, partirem em viagem. Circe mostrou a rota para que não fossem interceptados por outros problemas.

Circe advertiu sobre o perigo da região das Sereias devido ao fascínio de suas vozes que encantam aqueles que delas se aproximam. Ao se avistarem essa região, não parem e prossigam com a cera nos ouvidos para que não corram o risco de ouvir o seu canto. Ulisses se propôs a ouvir as sereias, mas deveria estar devidamente preso ao mastro. Mesmo que peça para soltá-lo, seus homens deverão mantê-lo muito bem preso com uma corda bem forte.

Ulisses partiu com seus companheiros e seguiu as orientações de Circe no que se refere às Sereias, tampando os ouvidos da tripulação e Ulisses ficando atado ao mastro com cordas bem fortes. Após ter passado pelas Sereias, os homens tiraram a cera do ouvido e libertaram Ulisses das cordas.

Seguindo a viagem, eles teriam que passar por Cila, só que Ulisses não falou nada para seus companheiros sobre a praga de Cila porque teve receio de que eles parassem de remar. De um lado, encontrava-se Cila, um monstro de seis cabeças, que devorava os marinheiros e de outro Caribdes que engolia grandes quantidades de água, puxando os navios para o abismo. Depois vomitava a água, formando as ondas destruidoras.

Ulisses decidiu passar por Cila e preparou-se para o combate, mas Cila acabou capturando seis homens do navio e devorando-os. Foi uma cena horrível, a pior que havia visto em toda sua vida.

Dando continuidade à viagem, remaram muito e chegaram à ilha onde se encontravam o rebanho do deus Hélio. Enquanto Ulisses dormia, seus homens, como estavam com fome, pegaram as vacas, assaram e comeram. Logo que Ulisses acordou, percebeu o que tinha acontecido. O deus Hélio ficou transtornado quando soube que suas vacas estavam mortas e pediu que Zeus castigasse Ulisses e seus companheiros.

Deixaram a ilha e Zeus enviou uma tempestade com fortes ventos e acabou destruindo o mastro. O navio foi destruído por um raio, os homens foram arremessados ao mar. Ulisses se agarrou a um tronco e passou por Caribdes, sem que ela o visse, e depois pegou um pedaço de mastro e remou com as mãos.

Na sala do palácio de rei Alcino, todos escutavam a longa história narrada por Ulisses com fisionomias encantadas. Após uma festa preparada para homenagear Zeus, Ulisses se despede de Alcino e lhe agradece pela partida e pelos presentes.

Os marinheiros conduziram Ulisses até Ítaca num movimento seguro e transportaram o herói como um deus porque ele já tinha suportado muitos males por terra e por sobre as ondas marinhas.

Ao amanhecer, Ulisses desembarca em Ítaca. Os marinheiros iniciaram o retorno à sua Pátria, entretanto, Posídon, furioso por eles terem ajudado Ulisses, não permitiu que chegassem ao seu destino e os transformou em rochedo, assim que chegaram em Esquéria.

Após tanto tempo, Ulisses despertou do sono em sua terra natal e Palas Atena, filha de Zeus, entendendo que Ulisses corria perigo, e por isso não queria que ele fosse reconhecido, envolveu-o numa névoa para que o mesmo pudesse chegar sem ser visto e punisse os pretendentes de sua esposa.

O guerreiro do mar estava imensamente alegre por estar em suas terras e a deusa Atena se encarregou de esconder os presentes que ele ganhou dos Féaces em uma gruta. Atena sempre esteve ao lado do herói, protegendo-o durante toda a odisseia. Desde a guerra de Tróia, acreditou que Ulisses conseguiria retornar, mesmo sem seus companheiros. A deusa de olhos brilhantes transformou Ulisses em mendigo para que não fosse reconhecido e orientou que ele fosse ao encontro de seu porqueiro por ser seu fiel amigo. Enquanto isso, a deusa iria até Esparta para trazer Telêmaco de volta que teria ido até o reino de Menelau para trazer notícias de seu pai. O astuto guerreiro chegou à casa de Eumeu, o porqueiro, e foi muito bem recebido e lamentou com o visitante que seu amo tinha morrido na guerra de Tróia para defender Helena e a honra de Agamémnon. O porqueiro serviu a este homem uma boa refeição enquanto contava o que estava acontecendo em Ítaca. Não tinha esperança do retorno de seu amo, mas Ulisses, disfarçado, garantiu a volta do rei. “Ulisses voltará, ainda este ano; ou no fim deste mês, ou no começo do seguinte, entrará de novo em sua casa e vingará os ultrajes aqui perpetrados contra sua esposa e contra seu ilustre filho” (HOMERO, 1979, p. 131). O rei ficou muito feliz em saber como seu patrimônio estava sendo bem cuidado, em sua ausência, pelo seu fiel servo.

Enquanto isso, Palas Atena foi até Lacedemônia para lembrar a Telêmaco que estava na hora dele regressar:

Telêmaco, não convém que andes errando longe de casa, nem que abandones em palácio teus bens e teus homens à mercê dos pretendentes. Toma cuidado, não vão eles entre si distribuir e devorar tudo, de sorte que tua viagem fique gorada. Insta, pois, com o intrépido Menelau para que te reconduza o mais depressa possível, se é que todavia queres encontrar viva, em casa, tua irrepreensível genitora. Seu pai e seus irmãos aconselham-na a casar-se com Eurímaco, que, sem dádivas, se avanta aos demais pretendentes, e não cessa de aumentar o dote. Toma cuidado, não te levem do palácio algum tesouro, enquanto andas por fora [...] (HOMERO, 1979, p. 137).

Palas Atena ainda advertiu que uma emboscada estava sendo preparada em Ítaca a fim de matá-lo antes que chegasse à sua pátria. Ela orientou-o para que não passasse pelas ilhas e que navegasse durante a noite. Assim que chegasse à Ítaca, deveria ir direto à cabana do porqueiro e que pedisse para avisar Penélope de sua chegada.

Ulisses continuava na casa de Eumeu e, durante a noite, após a refeição, contou a história de como chegou ao reino. Ulisses ficou muito comovido com as atrocidades que o servo enfrentou. Ao raiar do dia seguinte, Telêmaco chegou e foi direto para a cabana do porqueiro no mesmo momento em que seus companheiros levaram o navio para o porto da cidade. Ao se aproximar da cabana, Telêmaco logo foi reconhecido pelos cães e Ulisses anunciou à Eumeu a chegada de alguém conhecido. O filho do rei foi recebido com muita emoção. O porqueiro estava receoso de não vê-lo mais depois que partiu para Pilo. O filho de Ulisses perguntou se sua mãe continuava da mesma forma em que ele a deixou ou se algum pretendente a desposara. Eumeu falou que sua mãe estava do mesmo jeito à espera pelo regresso de Ulisses.

O servo fiel serviu a refeição com muita fartura e, depois que ficaram satisfeitos, Telêmaco perguntou quem era o estrangeiro, de onde viera, como havia chegado ali. O amigo porqueiro falou que veio de Creta, peregrinou por várias cidades, fugiu de um navio de Tesprotos e chegou a Ítaca. Ulisses, disfarçado de mendigo falou a Telêmaco,

Não ser eu o filho do irrepreensível Ulisses, ou o próprio Ulisses, de volta de suas errantes peregrinações, porque nem toda esperança está frustrada! De bom grado consetiria que um estranho me decepasse a cabeça, se, ao

entrar no palácio de Ulisses, filho de Laertes, eu me tornasse em flagelo exterminador dessa gente. E se, por estar só, fosse dominado pelo número, preferiria morrer assassinado em minha casa, do que presenciar, todos os dias, vergonhosas ações, hóspedes maltratados, escravas indignamente violentadas nos belos aposentos do palácio, o vinho completamente esgotado, os víveres loucamente devorados, todo um esbanjamento incessante e absurdo (HOMERO, 1979, p. 149).

Telêmaco, então, pede a Eumeu que vá até ao palácio, avise à sua mãe que ele voltou são e salvo de Pilo e pede que não deixe os pretendentes tomarem conhecimento desse fato porque eles tramam contra o herdeiro do reino.

Após a partida do porqueiro, Atena foi até à cabana, em figura de mulher, e apresentou-se só para Ulisses, sem que Telêmaco a visse. Ela fez um sinal e ele foi para fora da cabana e ficou de frente para a deusa. Segundo ela, era o momento de falar a verdade para seu filho e combinar como acontecerá a destruição dos pretendentes. A deusa de olhos brilhantes rejuvenesceu o guerreiro marítimo e o vestiu com um a bela túnica e manto. Retornou para a cabana e seu filho ficou surpreso com o que via, pensou que fosse um deus. De imediato, Ulisses falou “Não sou deus. Por que me comparas aos imortais? Sou teu pai, por quem gemes e sofres tantos males, sem cessar exposto à violência dos homens” (HOMERO, 1979, p. 150). Após a revelação, Ulisses beijou seu filho, que ainda não acreditava que o simples ancião fosse seu pai. O pai explicou a Telêmaco que estava de volta à terra de seus pais após vinte anos, com a ajuda da deusa Palas Atena. Assim que terminou de falar, seu filho o abraçou e chorou. Ele fez muitas perguntas a seu pai sobre seu paradeiro durante os anos que esteve ausente e Ulisses respondeu todas. Era o momento de planejarem como iriam enfrentar os pretendentes e exterminá-los. O rei queria saber se os dois poderiam lutar sozinhos contra os inimigos ou se teriam que procurar quem os ajudasse. Segundo Telêmaco, os adversários são muitos para que enfrentem sozinhos, mas Ulisses contará com Zeus e Atena para auxiliá-los. Ao amanhecer, Telêmaco retornaria para o palácio e ficaria junto com os pretendentes. Em seguida, Ulisses voltaria à forma de mendigo e iria para o palácio conduzido pelo amigo porqueiro. Se lá for insultado, não faça nada, fique quieto, Quando Atena ordenar, Ulisses fará um sinal com a cabeça para que seu filho recolha todas as armas que se encontram no recinto para colocá-las no fundo de sua sala. Se por acaso for questionado pelos pretendentes, dê-lhes a desculpa de que já não servem mais. Deverá deixar separado para a batalha, dois escudos de

pele de boi, duas espadas e duas lanças para enfrentar os adversários. Ulisses recomendou a Telêmaco que não falasse com ninguém, nem Penélope, sobre a presença dele no palácio.

O arauto e o porqueiro foram anunciar a Penélope o retorno de Telêmaco conforme o combinado. Cumprida a tarefa, Eumeu retornou para sua cabana junto aos porcos. Diante do fracasso da ação, com a volta do filho, os pretendentes se reuniram na Ágora para planejar novo atentado contra Telêmaco, mas, como não conseguiram entrar em acordo, desistiram de matar o herdeiro. De imediato, retornaram para o palácio.

Penélope, ao tomar conhecimento da trama contra a vida de seu filho, dirigiu-se até à sala, em companhia de suas escravas, e censurou Antino em decorrência do plano deles. Justamente, Ulisses foi quem ajudou o pai de Antino diante da fúria do povo e, neste momento, ele queria tomar o lugar de Ulisses e matar seu filho. Então Penélope pediu que ele e os outros parassem com tudo e Eurímaco prometeu que ninguém colocaria as mãos em seu filho, mas, na verdade, ele estava desejoso de matá-lo.

Na manhã do dia seguinte, Telêmaco foi para o palácio para reencontrar-se com sua mãe e pediu que Eumeu levasse o estrangeiro para a cidade a fim de que mendigasse por lá. Quando Telêmaco chegou ao palácio, logo foi avistado por Euricléia e as demais escravas também correram para receber o herdeiro. Penélope saiu de seus aposentos e foi logo ver seu filho, falou que estava muito preocupada com ele, com medo de não vê-lo mais. Pediu para que contasse tudo o que aconteceu durante a viagem que fez.

Aproveitando a ausência dos pretendentes, Telêmaco contou à sua mãe que foi ao palácio de Nestor onde foi muito bem recebido e, logo depois, foi ao palácio de Menelau que declarou que Ulisses se encontrava preso na ilha de Calipso, sem poder retornar à terra de seus pais por não possuir remos e companheiros para que pudessem conduzi-lo pelo mar. Depois que os pretendentes se divertiram com arremesso de dardo e disco em frente ao palácio, entraram para preparar a refeição.

Quando Ulisses chegou, Argos, seu cão fiel, o reconheceu, levantando suas orelhas e sua cabeça, desde que seu amo partira, ele ficou abandonado em cima do estrume das mulas e dos bois. O cão abanou a cauda, mas não teve forças para ir ao encontro de seu dono. Ulisses, ao ver seu velho amigo, disfarçou e enxugou uma

lágrima sem que Eumeu percebesse. O servo explicou que o cão pertencia ao seu amo que morrera e os empregados não quiseram cuidar do animal.

Logo que Eumeu entrou na sala, foi sentar-se perto de Telêmaco. Ulisses, na figura de um velho mendigo esfarrapado, sentou-se do lado de dentro da porta. Assim que viu seu pai, Telêmaco pediu que o porqueiro levasse comida para ele. Quando terminou de comer, a deusa Atena pediu que fosse mendigar pão entre os pretendentes para conhecer aquele que possui bom coração.

Atendendo a solicitação da deusa, Ulisses foi mendigar entre os pretendentes que deram esmola, mas queriam saber de onde ele viera. Melântio afirmou ter visto o mendigo na cidade e que foi trazido pelo porqueiro. Antino repreendeu o servo por trazer mais um mendigo para a cidade já que a quantidade de vagabundos era grande.

Irritado, Antino jogou um banco que bateu no ombro de Uisses e os pretendentes o recriminaram pela sua ação covarde. Telêmaco ficou amargurado ao ver seu pai ferido, mas não deixou que ninguém percebesse seu sentimento. Penélope, ao tomar conhecimento do que havia acontecido com o mendigo, jogou uma maldição em Antino, afirmando que esta se cumpriria. Em seguida, pediu ao porqueiro que chamasse o estrangeiro para ver se ele por acaso tinha visto Ulisses ou se pelo menos tinha alguma notícia do paradeiro dele. Sem esclarecer o paradeiro de Ulisses, o porqueiro despediu-se de Telêmaco para retomar os cuidados com os animais e pediu que ficasse muito atento devido às más intenções daqueles que querem se apropriar de sua herança;

Outro mendigo, conhecido como Iro, que costumava pedir esmolas, de porta em porta, tentou expulsar Ulisses do palácio com muitos insultos. Ulisses não compreendeu o motivo daqueles insultos, já que Iro era mendigo como ele. Antino percebeu o desentendimento dos dois mendigos e resolveu incitar a luta entre os dois e prometeu um pedaço de carne para o vencedor.

O industrioso Ulisses, para que sua identidade não fosse revelada, suplicou,

Amigos, não é possível que um velho, acabrunhado de tristeza, lute com outrem mais moço; mas o estômago, este amaldiçoado, me obriga a me deixar espancar. Prestai-me, ao menos, solene juramento de que nenhum de vós, para favorecer Iro, cometerá a injustiça de me ferir com sua pesada mão, nem me desfechará nenhum golpe violento, para que o outro saia vencedor (HOMERO, 1979, p.166).

Enquanto Ulisses se preparava para a luta, Atena fez com que seus músculos dobrassem de tamanho e todos os pretendentes ficaram admirados com o corpo atlético que se apresentava naquele momento. Iro, ao ver os músculos de Ulisses, ficou amedrontado, mas, mesmo assim, os pretendentes o empurraram para a luta. Para que não desconfiassem de quem ele realmente era, Ulisses decidiu não bater forte para que não suspeitassem de sua verdadeira identidade. Primeiro, Iro feriu o ombro direito do estrangeiro, mas não se abateu e logo reagiu e golpeou seu oponente. Ele acabou caindo e fraturando os ossos.

Após o término da luta, Ulisses foi felicitado pelos pretendentes e, conforme o combinado recebeu pão e carne. Alertou Antino para que retornasse para sua casa porque o rei já se encontrava perto do palácio e a luta aconteceria em grande proporção, mas Antino não atendeu ao pedido.

Penélope desceu ao salão com suas escravas, comunicou aos candidatos que deveriam trazer presentes para a rainha e não consumir seus bens. Todos mandaram buscar presentes para Penélope, mas não iriam embora enquanto a rainha não anunciasse quem seria o futuro rei.

Perante o que poderia acontecer, Ulisses pediu que as servas fossem para o aposento da rainha, mas uma delas, Melanto, se recusou a ir, insultou o estrangeiro e o mandou embora.

Eurímaco convidou Ulisses para que ele fosse trabalhar em suas terras, caso preferisse não ficar mendigando. Diante disso, Ulisses lançou o desafio para que Eurímaco fosse trabalhar com ele ou lutar com ele na guerra. Eurímaco ficou tão nervoso com a proposta que o levou a jogar um banco e acabou atingindo um escravo. Nesse momento, Telêmaco ordenou que todos fossem embora e, assim que terminaram de beber o vinho, foram para casa dormir.

Telêmaco e Ulisses, com ajuda de Atena, planejaram a morte dos pretendentes, para isso, o filho guardou as armas de guerra em um lugar seguro e pediu a ama Euricléia que colocasse as escravas num único aposento para que não vissem Telêmaco guardar as armas. Depois que guardaram as armas, o herdeiro de Ítaca foi dormir enquanto Ulisses e Atena ficaram premeditando a morte dos pretendentes.

Enquanto isso, Penélope sentou em sua cadeira cravejada de marfim e prata e mais uma vez a escrava Melanto insultou Ulisses, mas a rainha a repreendeu por

sua atitude. A soberana queria conversar com o estrangeiro a respeito de seu esposo desaparecido, por isso pediu que Ulisses sentasse perto dela. Antes de saber sobre seu marido, perguntou quem o estrangeiro era, de onde vinha, e quem eram seus pais. Para que Penélope não desconfiasse de nada, pediu para não falar de seu passado porque lhe causava muito sofrimento.

Diante do estrangeiro, Penélope mencionou sua infelicidade desde que seu esposo partiu para Tróia e, desde então, os pretendentes se instalaram no palácio contra a sua vontade e consomem seus bens. A saudade de Ulisses é grande. A rainha se defende,

Primeiramente, um deus inspirou-me a idéia de armar, em meu aposento, um grande tear e ir tecendo um véu sutil e comprido; e imediatamente lhes disse: “Jovens, meus pretendentes, o divino Ulisses pereceu. Mas, não obstante vosso desejo de apressar meu casamento, esperai até que eu tenha concluído este véu, destinado a servir de mortalha ao herói Laertes, no dia em que ele sucumbir ao golpe funesto da cruel morte. Que não se percam todos esses fios. Que não diriam contra mim as mulheres Aquéias, indignadas por terem visto enterrar, privado de mortalha, um varão que tinha tantos bens! [...] Desde então, durante o dia, lidava na imensa teia; e, de noite, à luz das tochas, desmancha-a (HOMERO, 1979, p.174).

Assim, a rainha conseguiu enganar seus pretendentes por três anos, mas no quarto ano, uma das escravas denunciou a estratégia de Penélope para os pretendentes e, com isso, a amada de Ulisses teve que terminar de tecer a mortalha. Com isso, a rainha ficou acuada sem saber o que fazer para evitar o matrimônio com um dos candidatos.

Ulisses, interrogado mais uma vez por Penélope, inventou uma história sobre sua origem para que não desconfiasse quem realmente era. Em sua narração, afirmou ter encontrado com Ulisses em Creta quando estava a caminho de Tróia, mas, depois disso, não o viu mais. Para ter certeza se realmente era Ulisses, Penélope pediu que o descrevesse e, assim, o estrangeiro atendeu a solicitação da rainha e, aproveitando a oportunidade, falou inclusive que o rei, muito em breve, estaria no palácio.

Diante dos fatos apresentados, Penélope ficou muito entusiasmada e solicitou que as escravas trouxessem para o forasteiro uma colcha e um manto, mas ele preferiu que somente lavasse seus pés e que fosse por uma velha escrava. Imediatamente, Penélope designou Euricléia, uma antiga escrava, para que lavasse

os pés do mendigo. A serva, ao lavar os pés, de imediato reconheceu Ulisses devido a cicatriz, causada por um javali, em uma de suas caças, na casa de seu avô. Ulisses pediu para que ela não contasse a ninguém e ela o obedeceu.

Penélope contou o estranho sonho que teve. Em sua casa, vinte gansos comiam trigo e chegou uma águia de adunco bico que quebrou o pescoço e os matou. Atena tranquiliza Penélope explicando que ela teve uma visão que indica o que irá acontecer de fato no palácio que é a morte dos pretendentes pelo próprio Ulisses.

Para eleger aquele que ficará com a rainha, ela propôs um combate dos machados que Ulisses alinhava, em número de doze, e, quem conseguisse armar o arco e fazer com que a flecha ultrapasse os doze machados, venceria a competição e se casaria com a rainha. O forasterio pediu que Penélope providenciasse a competição o mais rápido possível e que Ulisses chegaria antes que os pretendentes tivessem esticado a corda do arco. Depois da conversa, Penélope foi para seu aposento e Atena fez com que ela adormecesse.

Ulisses arrumou sua cama para repousar, mas, ainda acordado, planejava a morte dos pretendentes quando viu, algumas mulheres saírem para encontrarem com os intrusos. A vontade de Ulisses era de matá-las, mas conteve-se e se manteve paciente. Ele não conseguia dormir devido à preocupação com o combate que aconteceria, mas a deusa de olhos brilhantes o tranquilizou com a garantia de que estaria ao seu lado o tempo todo.

Penélope, em seu quarto, chorava e pedia à deusa Ártemis para que a tirasse do palácio e a jogasse no mar só para não ter que se entregar a alguém que não fosse seu marido.

Ulisses invocou Zeus para que lhe desse um sinal como demonstração de aprovação, mas que o sinal fosse notado por ele e por alguém da casa. Em seguida, o ressoar de um trovão foi ouvido por Ulisses e por uma escrava, que ainda estava a moer o trigo e pensou que seria um sinal de que os pretendentes iriam cear pela última vez no palácio. Com o sinal, Ulisses ficou mais esperançoso e alegre.

Logo que amanheceu, Telêmaco foi até à escrava Euricléia para ser informado sobre a noite de seu hóspede e logo foi em direção à Ágora.

Melântio, ao levar as cabras para o palácio, encontrou com Ulisses e o insultou novamente e, em seguida, passou Filício que estava levando uma vaca e

gordas cabras, diferente de Melântio, saudou Ulisses amigavelmente com a mão e dirigiu-lhe palavras de amizade. Neste momento, lembrou-se de seu rei com respeito. O estrangeiro prometeu ao boiadeiro que ele estaria no palácio no regresso de Ulisses e presenciaria a morte dos pretendentes. O boiadeiro espera que isso aconteça e está certo de que possui força suficiente para lutar. Eumeu também orava para o retorno de seu amo.

Enquanto o plano estava sendo traçado por Ulisses, os pretendentes, em reunião, desistiam de matar Telêmaco. Só pensavam na festa, na comida e na bebida.

Telêmaco levou Ulisses ao palácio e fez com que ele se sentasse na sala, serviu-lhe comida e bebida. O herdeiro falou alto para que Ulisses bebesse vinho em companhia dos homens e que o defenderia caso alguém o insultasse porque o palácio pertence a Ulisses e não àqueles que bebem e comem de graça.

Todos ficaram surpresos com a autoridade de Telêmaco por ter se pronunciado com autoridade. Em seguida, o banquete foi iniciado. A deusa não impediu que os pretendentes continuassem com as ofensas ao hóspede para que ele ficasse ainda mais enfurecido para o dia da vingança.

Ctesipo cortejava Penélope diariamente, era muito rico e fez questão que todos percebessem que o estrangeiro estava recebendo a mesma quantidade de comida que eles. Por ter ficado contrariado, resolveu atirar a pata de um boi em Ulisses que escapou e não foi atingido. Telêmaco advertiu que se tivesse atingido seu hóspede, Ctesipo estaria morto e, em vez de casamento, seu pai teria que cuidar de seu funeral.

Em meio à confusão, Agelau sugeriu que Penélope se decidisse de uma vez pelo esposo que fosse mais nobre e rico. Telêmaco, respondendo ao Agelau, que não impediria o casamento de sua mãe, mas não poderia constrangê-la a sair de sua casa.

Teoclímeno, um adivinho que veio de Pilo, anunciou a tragédia porque via sangue, lágrimas e sombras. “O sol desapareceu no céu e um nevoeiro de morte nos envolve” (HOMERO, 1979, p. 188).

Ao ouvirem as palavras do adivinho, todos riram muito. Imediatamente, Eurímaco expulsou o adivinho do palácio, mas, antes de sair, falou que previa a ruína e que não restaria nenhum deles.

Enquanto isso Penélope, sentada em sua bela cadeira, presenciava a conversa de cada um. Todos se deliciavam com o banquete, “mas nenhuma ceia seria tão desagradável como aquela que, em breve, lhes seria servida por uma deusa e por um valente herói. Porque eles foram os que primeiro maquinaram o crime” (HOMERO, 1979, p. 188).

Logo depois, a rainha foi até à câmara onde eram guardadas as arcas com o tesouro da família, pegou o arco de Ulisses, um presente que ganhou de seu amigo Ífito. Após derramar algumas lágrimas, adentrou a sala, para encontrar os pretendentes, com o arco e as flechas.

Penélope propôs aos seus pretendentes uma prova com o arco de Ulisses. O desafio seria:

Se algum dentre vós retesar sem dificuldade a corda e disparar uma flecha através da série completa de doze machados, decidir-me-ei a segui-lo, a abandonar, por amor dele, esta casa tão bela, tão bem fornecida de víveres, onde passei os anos da juventude, da qual, penso, me recordarei sempre com saudade, mesmo em sonhos (HOMERO, 1979, p. 190).

O porqueiro Eumeu entregou o arco, chorando, aos pretendentes e o boieiro também chorava ao ver o arco de seu amo. Ao ver a cena dramática, Antino repreendeu os servos e pediu para que fossem chorar fora do palácio. Ele acreditava que não seria fácil dobrar o arco, mas estava esperançoso de conseguir vencer o desafio, seria o primeiro a realizar a prova.

Telêmaco, não aprovava a saída de sua mãe do palácio para acompanhar outro marido e deixá-lo no momento que é capaz de vencer gloriosos concursos. Sem ter o que fazer, ordenou que se iniciasse a competição. Telêmaco deu início à disputa. Assim, um a um, foi tentando realizar o desafio proposto pela rainha, os últimos foram Antino e Eurímaco.

Enquanto isso, Ulisses que estava com o porqueiro e o boieiro fora de casa, revelou sua identidade, mostrando sua cicatriz na perna. Eles o reconheceram e choraram. Voltaram para a área da competição e Ulisses pediu para retesar o arco, mas os pretendentes não permitiram, mas, mesmo assim, Eumeu entregou o arco para seu amo. Logo depois, pediu às mulheres para trancarem as portas do salão e, mesmo que ouvissem barulhos, não deveriam entrar. Filício também trancou os portões do pátio.

Ulisses pediu para retesar o arco e os pretendentes protestaram violentamente porque estavam receosos de que o estrangeiro conseguisse vergá-lo. Começaram a insultá-lo e a humilhá-lo, mas Penélope interferiu e falou que não poderiam destratar o convidado de Telêmaco e que o deixasse tentar, pois ele não tinha intenção de se casar com ela, porém os pretendentes temiam que o forasteiro conseguisse retesar o arco e, com isso, acabasse com a sua reputação.

Mais uma vez, Penélope ordenou que entregasse o arco para o estrangeiro e se ele conseguisse retesar o arco, entregaria a ele os belos presentes. Telêmaco pronunciou que ele tinha autoridade para decidir para quem entregar o arco e recomendou que sua mãe se recolhesse em seus aposentos.

Assim que Eumeu trouxe o arco e entregou a Ulisses, logo, transmitiu o recado à Euricléia para que trancasse as portas do salão. No mesmo instante, Filécio saiu da sala e foi fechar os portões do pátio. Terminada sua tarefa, retornou e sentou em frente à Ulisses.

O guerreiro marítimo manejou o arco com facilidade e o armou sem esforço. Logo que os pretendentes perceberam que ele já possuía experiência em manusear arcos, ficaram espantados. Como sinal, Zeus mandou um estrondoso trovão. De imediato, o rei reconheceu o sinal e pegou uma flecha. Retesou a corda e disparou a flecha certa nos orifícios dos machados. Todos ficaram espantados com a façanha do estrangeiro.

Ulisses pediu para preparar a ceia para os aqueus antes que escurecesse e Telêmaco pegou espada e lança e se posicionou perto de seu pai. O astuto guerreiro despiu-se de suas vestes e dirigiu-se para o limiar da porta, levando seu arco e as flechas. Em seguida, Ulisses iniciou o massacre, acertando a flecha em Antino que imediatamente caiu de costas e morreu.

Os pretendentes, ao ver o homem caído, armaram um tumulto na sala. Levantaram das poltronas, começaram a correr em todas as direções e procuravam com os olhos à procura de lança, de escudo, mas não encontraram. Começaram, então, a insultar Ulisses, ameaçando de matá-lo. De imediato ele replicou:

Ah, cachorros! Julgáveis que eu nunca mais regressaria da terra de Tróia à pátria; por isso saqueáveis minha casa. Servindo-vos da força, dormíeis com minhas escravas e, estando eu vivo, requestáveis minha esposa, sem temor dos deuses moradores do vasto céu, esquecidos que um dia os

homens poderiam vingar-se de vós. Mas agora a morte impende sobre as vossas cabeças (HOMERO, 1979, p. 198).

Diante da fala do rei, todos ficaram apavorados e Eurímaco tentou culpar Antino para tentar livrá-los da morte, mas Ulisses não ficou convencido. Eurímaco tentou uma reação só que as flechas certeiras de Ulisses e Telêmaco atingiram todos que atiraram contra eles.

Telêmaco dirigiu-se à câmara para buscar as armas e juntou-se ao seu pai. Ulisses, Telêmaco, Eumeu e Filício envergaram as armaduras, cobriram suas cabeças e tomaram lanças e escudos. Ulisses continuou a atirar suas flechas contra os aqueus, matando um a um. Quando as flechas terminaram, pegou as lanças de bronze e encarregou o porqueiro a guardar a porta, a única saída do palácio.

O cabreiro Melântio orientou os aqueus para que ficassem calmos porque ele iria ao depósito de Ulisses para pegar mais armas. Com isso, os pretendentes ficaram armados e Ulisses ficou estremecido ao ver seus inimigos com armadura e lanças. O herói logo imaginou que Melântio e algumas mulheres estavam contra ele. Ao ver Melântio se retirando, pediu para Eumeu e Filício irem atrás dele para o impedir que trouxesse mais armas e, assim, logo foi aprisionado.

Atena, em forma de mentor, a pedido de Ulisses, foi ajudá-lo na batalha e, diante da ameaça de Agelau, incentivou ainda mais o herói a lutar com mais fervor já que estava defendendo o que era dele. Atena metamorfoseou-se em andorinha e voou para o alto, pousando numa viga do telhado.

A luta continuou e as flechas que partiam dos pretendentes eram desviadas por Atena. Em contrapartida, aquelas que partiam de Ulisses, atingiam o alvo. Atena definiu pôr fim à batalha e Ulisses e seus companheiros atingiram o restante dos inimigos, salvando apenas o aedo Líodes e o mentor Medonte a pedido de Telêmaco.

Após ter liquidado todos, chamou Euricléia e, quando ela viu a cena na sala, gritou de alegria, mas seu amo pediu que não festejasse a morte de pessoas. Solicitou que ela falasse o nome das escravas traidoras e quais as inocentes. As escravas, que se portaram mal, foram chamadas para retirarem os cadáveres da sala e limparem tudo. Em seguida, ordenou que as matassem junto com Melântio.

Posterior a essa ação, defumou-se o salão com enxofre e fogo para desinfetar o local. Penélope e suas criadas foram chamadas, juntamente com todas

as escravas para a sala que imediatamente o reconheceu. Abraçaram e o beijaram e ele ficou com vontade de chorar.

Euricléia foi anunciar à ama, que ainda estava dormindo, que seu esposo estava em casa. Não quis acreditar nas palavras de sua criada, mas Penélope desceu e sentou-se em frente de Ulisses, ao clarão da lareira, mas não estava certa de que se tratava de seu esposo.

Telêmaco ficou espantado com a dúvida de sua mãe, mas que ele não se preocupasse porque se reconheceriam devido aos sinais que só eles têm conhecimento e que ela o colocaria à prova para se certificar quem ele era.

Ulisses simulou uma festa para que ninguém desconfiasse o que tinha acontecido no palácio. As pessoas que passavam perto do local, pensavam que a rainha havia feito a escolha de seu novo marido.

Depois que Ulisses se banhou e vestiu uma bela túnica, sentou-se em frente de sua amada esposa. Para se certificar de que realmente era seu marido, pediu que retirasse a cama de casal de seu quarto. Ulisses ficou espantado e falou para sua companheira:

Mulher, as palavras que proferiste torturam-me o coração. Quem é que deslocou meu leito? Não teria sido possível fazê-lo ao mais hábil dos homens, a não ser auxiliado por um deus. Só um deus o teria deslocado sem dificuldade; mas nenhum mortal, estivesse embora na punjança da juventude, o teria transportado sem custo. [...] Eu o construí sem ajuda de ninguém. No recinto do pátio crescera o rebento de uma oliveira de folhas compridas, que mendrou e frondesceu até engrossar como uma coluna. [...] Sobre este suporte ajustei todas as peças do leito, ao qual apliquei incrustações de ouro, prata e marfim e, enfim, cinteie-o com uma correia de couro, purpúrea e brilhante [...] (HOMERO, 1979, p. 209).

Com essas palavras, Penélope teve certeza de que era Ulisses. Correu e o abraçou e pediu que a perdoasse por não tê-lo reconhecido de imediato. Atena prolongou a noite para que desse tempo de eles conversarem bastante. Ela contou o que se passou no palácio durante a ausência de seu esposo e, por sua vez, Ulisses narrou sua aventura e tudo que sofreu durante esses anos tentando retornar para casa. Enquanto isso, as criadas prepararam a cama para o casal.

Depois do fatídico dia, Hermes levou as almas dos pretendentes mortos para o Hades. Chegando lá, encontraram com Aquiles e Agaménon, guerreiros da batalha de Tróia. Agaménon ficou espantado por terem chegado muitos rapazes da mesma idade ao mesmo tempo no inferno. Anfimedonte contou tudo como tinha

acontecido no palácio. Quando a narrativa foi encerrada, Aquiles elogiou Penélope por se manter fiel a seu esposo e durante os anos, sua fama de suas virtudes permanecerão.

Ao amanhecer, Ulisses foi até à casa de seu pai que sofria pela sua ausência. Logo que chegou à fazenda de Laertes, ao vê-lo velho e triste, parou perto da pereira e chorou. Somente depois que Ulisses lhe contou como adquiriu a cicatriz em sua perna, seu pai o reconheceu e o abraçou. Laertes depois de tomar conhecimento do que tinha acontecido, temia pela vingança dos parentes daqueles que morreram.

Enquanto faziam a refeição na casa do pai de Ulisses, a notícia da morte dos pretendentes chegou à cidade. Os parentes foram ao palácio de Ulisses para resgatarem os cadáveres de seus mortos para, em seguida, os enterrarem. Os defuntos das outras cidades foram postos em barcos para que fossem transportados para suas terras natais.

Houve uma grande revolta contra Ulisses e, como estava na fazenda de seu pai, dirigiram-se para lá e iniciaram uma luta, mas Atena ordenou que parassem com a briga. Ao ouvir a deusa, ficaram aterrorizados e largaram suas armas e recuaram. Em seguida, fugiram.

Enfim, a deusa pediu a Ulisses que desse fim à guerra para que Zeus, filho de Crono, não se irritasse mais com ele. Assim, Ulisses obedeceu à deusa, ficou com o coração feliz. Prometeu à deusa que não haveria mais guerra e que viveriam em paz.